

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

O Labirinto do Viajante

Donato Ruben de Sousa e Freitas



Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Sociologia

Orientação: Prof^a. Dr^a. Alexandra Lopes

Setembro de 2010

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

O Labirinto do Viajante

Donato Ruben de Sousa e Freitas

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Sociologia

Orientação: Prof^a. Dr^a. Alexandra Lopes

Setembro de 2010

Resumo

A comunidade *traveller* constitui um grupo minoritário na República da Irlanda. Não sendo mais do que 0,6% do total do país, esta comunidade, como se constatará pelo estudo que avança, tem todas as morfologias e culturalidades da comunidade cigana/*gipsy* que existe um pouco por toda a Europa. Como o próprio nome indica, o nomadismo (por oposição ao sedentarismo) presente na sua cultura é o seu mais forte elemento identitário.

Pela revisão da literatura efectuada bem como pelas conversas diárias tidas com a comunidade *traveller*, constatamos que certas abordagens e pensamentos já estão muito explorados pela literatura sociológica e não só (como o enviezamento e parcialidade nas abordagens promovidas pelos media; a marginalização, o racismo, a discriminação; as comparativamente piores condições de vida e de acesso aos meios e recursos à sua disposição; a menor esperança média de vida; o défice escolar bem como a recíproca inadequação do sistema de ensino à cultura *traveller*; a passividade...). Assim, tentaremos perceber e divagar rumos a partir de um ângulo que nos parece não muito explorado: a capacidade reivindicativa de uma minoria étnica, neste caso, a comunidade *traveller* irlandesa.

A falta de participação cívica e societal e a marginalização subsequente (o círculo reprodutivo da *lateralidade inactiva*), coloca-nos sobre o mesmo as interrogações sobre esta letargia (aos olhos da sociedade mais vasta) de não empenhamento nos cânones tidos por apropriados e tanto detentores como distribuidores de privilégios. Eis o âmago da questão que se propõe aprofundar.

Palavras-chave:

Comunidade traveller

Inclusão social – Exclusão social

Assimilação

Políticas sociais

Discriminação

Abstract

The *traveller* community is a minority group in the Republic of Ireland. Representing no more than 0.6% of the country, this community, as we will see by the study that is put forward, has all the morphologies and cultural traits of the *gipsy* community that exists almost everywhere in Europe. As its name implies, the nomadic life (as opposed to the settled lifestyle) present in their culture is its strongest element of identity.

By the literature review undertaken as well as by daily conversations held with the *traveller* community, we found that certain approaches and thoughts are already well exploited, but not only by the sociological literature (such as the bias and the partiality in the approaches promoted, for instance media; marginalization; racism; discrimination; the comparatively worse living conditions and access to means and resources at their disposal; the lowest life expectancy; educational deficits as well as the mutual inadequacy of the education system to the *traveller* culture; the passivity...). So, we will try to perceive and wander in directions from an angle that to us seems not much explored: the claiming capacity of an ethnic minority, in this case, the Irish *Traveller* community.

The lack of civic and societal participation and the subsequent marginalization (the reproductive circle of the *inactive laterality*), directs us towards the questions about this laziness or lethargy (in the eyes of the wider society) of non-commitment in the ambitions and expectations of society in general. This is the core of what we are trying to discover.

Keywords:

Traveller community

Social inclusion – Social exclusion

Assimilation

Social policy

Discrimination

Résumé

La communauté des gens du voyage est groupe minoritaire en république d'Irlande. En représentant pas plus de 0.6% de la population du pays, cette communauté, comme nous le verrons dans l'étude qui suit, a toutes les caractéristiques et traits culturels de la communauté Tzigane qui existe quasiment partout en Europe. Comme son nom l'indique, le style de vie nomade (en opposition au sédentarisme) présent dans leur culture est l'élément le plus fort de leur identité.

Selon les revues littéraires et d'après les témoignages (quotidiens) émanant de la communauté des gens du voyage, nous avons constaté que certaines approches et idées avaient déjà été exploitées, mais pas uniquement par la sociologie (comme les préjugés, la partialité des approches diffusées, par exemple les médias; marginalisation, racisme, discrimination; concordance entre leurs mauvaises conditions de vie et l'accès aux moyens et ressources dont ils disposent; espérance de vie la plus basse; manque d'éducation, incompatibilité entre le système scolaire et la culture des gens du voyage; la passivité...) De ce fait, nous essaierons de nous orienter et nous focaliser vers des sujets qui ne nous semblent pas encore étudiés : la capacité de revendication d'une minorité ethnique, dans ce cas, la communauté Irlandaise des gens du voyage.

Le manque de participation civique et sociale et l'importante marginalisation (le cercle reproductif de la *latéralité inactive*) nous dirige vers la question de l'immobilité ou létargie (aux yeux de la société) de non-implication par rapport aux ambitions et attentes de la société en général. Ceci sera donc le coeur de nos recherches.

Mots-clés:

Communauté des "gens du voyage"

Incursion sociale – exclusion sociale

Assimilation

Règles sociales

Discrimination

A viagem entre pólos
É marcada por descobertas inconstantes
Aterradoras e deambulantes, em si,
Nada revelam de novo,
Quando muito nos iluminam grutas de insensata ignorância.
Quando parece que já pouco nos levita, nesta imensidão de inconstância,
Fica em ti, a memória da viagem que começou além das fronteiras,
O tempo, como a geada, zumba agradecimentos aos ouvidos dos atentos
Como relâmpagos, os amados beijam a noite e as sombras nuas.

Índice

Nota de abertura.....	1
Introdução.....	2

Capítulo I

1 – Problemática teórica.....	4
• As origens e os contextos de mobilidade.....	4
• Pergunta de partida (ou a questão que se coloca ao presente).....	15
• <i>The chance to Speak Out</i>	15
• Entre dois mundos (não necessariamente paralelos).....	20
• Ser ou não ser Grupo Étnico.....	25
• Caminhos não cruzados.....	29
2 – Objecto Empírico.....	40
3 – Breve esquema do modelo de análise.....	41

Capítulo II

1 – Metodologia de investigação.....	43
--------------------------------------	----

Capítulo III

1 – Subtilezas quotidianas (ou a ciência que se quer arte).....	51
2 – O terreno, a cultura e as imagens que se (re)produzem.....	53
3 – Contornos de uma identidade difusa e a organização <i>Western Traveller and Intercultural Development</i> como plataforma de reivindicação.....	68
4 – A comunidade <i>traveller</i> – rumos incertos.....	78
Conclusões.....	84
Bibliografia.....	88
Anexos.....	91

Nota de abertura

A categorização de comunidade *traveller*/cigana é usada, neste trabalho de investigação, de forma aparentemente indistinta. Sabemos que nos poderá causar diversos problemas de aplicabilidade bem como de manuseamento de conceitos e realidades, mas entenda-se comunidade *traveller* como reflectindo-se à realidade em estudo (Irlanda) e comunidade *roma/gypsy/cigana* como o contexto mais vasto da Europa. Por exemplo, a obra *Solidarity with Travellers* utiliza o termo de forma una aonde a terminologia *Traveller* serve para especificar a comunidade *cigana/gipsy* irlandesa. Assim, “*the term Traveller reflects the nomenclature adopted by various groups commonly thought of as being linked to Gypsy communities, whether or not they are or were nomadic. The term is used particularly in Ireland and the UK*” (The Situation of Roma in an Enlarged European Union, 2004, p.1). De qualquer forma, seguramente não é nossa intenção generalizar, homogeneizar ou simplificar a complexidade presente nos diferentes grupos reconhecidos como *Gypsies*.

Assim temos que,

“(Travellers) regard themselves and are regarded by others as distinct; they have a long shared history; they have values, customs, lifestyle and traditions associated with nomadism; they have a language (Gammon or Cant) and express their identity in a range of arts and crafts and work practices; they adhere to a popular form of religion in the Catholic tradition... (They) share a history of oppression and discrimination” (O’Connell in Assimilation Policies and Outcomes: Travellers’ Experience, 2005, p.8).

*Born at the back of a blackthorn hedge
When the white hoar frost lay all around
No Eastern kings came bearing gifts
Instead the order came to shift,
You’d better got born in some place else,
So move along, get along, move along, get along,
Go: move: shift.*

In Joyce, 2000, p.39

O Labirinto do Viajante

Introdução

O presente trabalho inscreve-se no âmbito da dissertação de mestrado em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no entanto toda a pesquisa de terreno foi efectuada no distrito de *Galway*, República da Irlanda.

A comunidade *traveller* é um grupo minoritário presente na ilha irlandesa desde há vários séculos, tendo diversas características que a distinguem da comunidade autóctone irlandesa. Assim, a consciência de uma longa história em comum; a tradição cultural, incluindo costumes (tanto familiares como sociais); bem como as crenças permitem, em conjunto, que os *travellers* se auto-identifiquem como tais, sendo, simultaneamente, identificados como *travellers* pela sociedade em geral. O nomadismo (actualmente a cair em desuso) constitui o seu mais forte elemento identitário.

O capítulo I desta obra assegurará um enquadramento da temática aos pressupostos a montante da realidade por nós constatada no momento presente. Assim, foi feita uma extensa revisão bibliográfica aonde se tentou perceber o quotidiano concreto desta comunidade, a sua origem e a sua relação com a sociedade mais vasta – sendo certo que quanto mais recuamos no tempo mais o *folklore* toma lugar face aos factos concretos. Comparativamente à sociedade em geral, esta comunidade tem menor esperança média de vida, percentagem de desemprego muito mais elevada, maior abandono escolar, discriminação no acesso a locais públicos, entre outras componentes. Ou seja, vivenciam diversas formas de exclusão social que se tornam *handicaps* nas suas relações diárias. Tendo em conta estes factores quisemos saber como é que uma organização, em contexto semi-urbano, dará voz a essa mesma comunidade que se encontra excluída ou semi-excluída.

Noções como as de pobreza, exclusão social, discriminação, grupo minoritário e cidadania são largamente discutidas, aonde se equaciona o lugar, no tempo e no espaço irlandês, reservado a esta comunidade secular. O enfraquecimento dos Estados-Nação bem como a delegação de competências para a esfera do localismo coloca-nos interrogações sobre a forma de actuação destas novas forças de acção e/ou de reivindicação. Assim, são abordadas diferentes componentes que caracterizam o poder local. Por outro, fazemos levantamentos de depoimentos e histórias de vida de *travellers* que num passado recente travaram batalhas ferozes para que as suas vozes fossem ouvidas. Essas histórias de sucesso reflectiram-se numa maior abertura e compreensão para com a situação actualmente vivida pela comunidade *traveller*.

O estudo desta cultura exigiu uma busca tenaz ao seu passado bem como uma relação de proximidade diária com os mesmos. Estando sempre sujeito aos preconceitos proferidos pela sociedade mais vasta, tivemos sempre o cuidado de ter uma postura crítica e neutra, no sentido de não sermos guiados pelas suas representações.

Outra questão abordada detalhadamente é a de saber até que ponto esta comunidade deverá (ou não) ser reconhecida como um grupo étnico minoritário. Ponto fracturante na sociedade irlandesa, bem como na comunidade *traveller*, não existindo consenso, aonde se afluam argumentos válidos de ambos os lados. Assim, esta temática está, actualmente, efervescente nos meandros políticos, quer a nível nacional quer regional. Independentemente de tal reconhecimento ou não, foram dados, nas últimas décadas, diversos passos nas políticas directamente relacionadas a esta comunidade.

O capítulo II trará a componente metodológica. Assim, explicaremos, ao pormenor, o porquê da escolha pela metodologia qualitativa bem como os pressupostos inerentes à sua aplicabilidade no estudo em causa. A investigação foi efectuada nas vilas de *Ballygar* e *Four Roads* e na pequena cidade de *Tuam*, distrito de *Galway*. Naquelas vilas optamos pela observação participante devido à grande proximidade diária entre sujeito e objecto, enquanto que em *Tuam*, como técnica de recolha de dados, optamos pela entrevista. Por fim, a análise de documentos tem um peso de complemento e de cruzamento de dados. Toda esta recolha de informação foi alvo de uma intensa análise de conteúdo.

Por último, o capítulo III dará primazia à leitura e análise dos dados. Assim, o cruzamento das temáticas foi elaborado com o objectivo de analisar e interpretar o que estava de forma mais latente. Nesta busca de conhecimento, os discursos dos entrevistados foram transcritos e registrados em inglês. Sem perda de raciocínio ou de contexto, pensamos ter sido a melhor forma de não descaracterizar uma temática tão presente na realidade irlandesa.

Com todos os avanços e recuos, pensamos ter galgado terreno à descoberta de uma cultura (diríamos milenar), aonde se testemunham maneiras de a manter viva na memória de quem por direito. Essa batalha sempre presente trouxe uma mais valia para a própria pesquisa de terreno, pois deu-nos uma amostra da capacidade de sobrevivência de uma comunidade que não representa mais do que 0,6% do total do país aonde habita.

Capítulo I

1 – Problemática teórica

As origens e os contextos de mobilidade

A comunidade cigana é proveniente da Índia. Vendedores de animais, negociantes de várias mercadorias, liam a sorte e eram artesãos de cobre e ouro. Posteriormente, este grupo espalhou-se um pouco por todo o Ocidente. A sua organização social é muito próxima à sua ascendência indiana, Hindu, e, nesse sentido, irreduzível à morfologia predominante no contexto europeu. Quando abordada por terceiros, esta cultura permanece oculta, desconhecida e não compreendida.

Pelo estudo da sua língua e pelo grande número de vocábulos base, que derivam do sânscrito (língua Hindu), sabe-se que este povo partiu, por volta do ano 1000, do Noroeste da Índia. É uma cultura ágrafa¹, cuja língua é o *Romanó* ou *Romani*. Como as outras línguas, tem uma estrutura própria, mas está dividida em grandes grupos dialectais devido a influências de línguas pelos países por onde passou e/ou permaneceu, bem como pelas profissões que exerceram. Após um período inicial de certa tolerância, as perseguições tomaram forma na Europa da idade média. Embora provindo de ambas as partes, há consenso na ideia de que o Império Otomano era mais condescendente do que os *pré-Estados* de influência cristã. Intencionalmente, começavam então diferentes formas de assimilação, dominação, controlo e, por vezes, de extermínio (veja-se a segunda Grande Guerra), tendo por *função manifesta* a tentativa de fazer desaparecer uma forma de vida cultural em confronto com a dominante².

A comunidade cigana normalmente refere-se a si própria como um povo, com língua, cultura, bandeira, leis, hino e terra própria. Admitindo que não têm pátria, mas que, no entanto, constituem uma nação. O nomadismo que os caracteriza é um estado de espírito, simbolizado pela sua bandeira³. Na ilha irlandesa, no século XII, o termo *Tynkler* ou *Tynker* foi dado a um grupo nómada que, já há longo tempo, detinha uma identidade, organização social e dialecto distintos. Formam-se, assim, como um grupo étnico com passado próprio,

¹ Sem escrita, de tradição oral – por isso torna-se difícilimo deter certezas quanto à sua história evolutiva pelo velho continente.

² Estados como a Noruega, Suécia e a Suíça, tidos dos mais desenvolvidos do mundo, implementaram, no pós-segunda Grande Guerra, programas de esterilização, tanto ao homem como a mulher, numa tentativa deliberada de extinção de uma cultura e povo. As recentes compensações dadas pelo governo sueco não apagam os traumas das tentativas da sua eliminação sistemática.

³ Dividida ao meio na horizontal, a parte superior, azul, simboliza o céu, a parte inferior, verde, simboliza os prados. Por vezes aparece também uma roda de carroça.

utilizando o *Gammon/Cant* como forma de comunicação⁴. Esta identidade é o que os define como *Travellers*. Sendo uma relação, desde sempre, pautada pelo conflito e desconfiança, o *acte for tynkers and peddlers*, de 1551, foi a primeira lei a proibir o comércio de características nómadas na Irlanda. Não há, contudo, certezas quanto às origens desta comunidade na ilha. Desde descendentes de tribos pré-históricas trabalhadoras do metal até senhorios que escaparam às invasões, passando pela inadaptação à Grande Fome que alastrou toda a ilha em meados do século XIX, eis o *folklore* na construção de uma realidade que já vai bastante distante no tempo.

*I'm a free born man of the travelling people
Got no fixed address, with nomads I am numbered*

*Country lanes and byways were always my ways
I never fancied being lumbered*

*Oh we knew the woods and all the resting places
And the small birds sang when winter time was over*

*Then we'd pack our load and be on the road
They were good old times for a rover.*

*There was open ground where a man could linger
Stay a week or two for time was not your master
Then away you'd jog with your horse and dog
Nice and easy, no need to go faster.*

in Joyce, 2000, p.4

Segundo diversos estudos realizados a nível europeu (Mendes, 1997, p.207) os grupos étnicos encontram-se entre os grupos e categorias sociais mais expostos aos mecanismos de empobrecimento e de reprodução circular de situações de exclusão e de desqualificação social. Ou seja, vivenciam uma condição social desprivilegiada que contrasta com a cultura envolvente – os bairros pobres, normalmente empurrados para as periferias limítrofes das cidades, apresentam-se, neste domínio, como um dos mais eloquentes símbolos⁵. Aqui poderá expor-se a ideia de que a pertença a determinado grupo étnico terá papel fulcral no plano das desigualdades sociais, das identidades culturais, das formas de acção colectiva e na capacidade de ascensão e de mobilidade social. Deste modo, aquela pertença vai condicionar

⁴ A língua *Romani* é falada por milhões de europeus, sendo, deste modo, uma das principais línguas minoritárias no contexto europeu. Embora sendo o *Gammon* ou *Cant* influenciado directamente pela língua *Romani*, apresenta uma dialéctica própria. Segundo conversas diárias tidas com elementos da comunidade, podemos avançar que aqueles revelam um quase total desconhecimento e falta de domínio daquela forma de comunicação.

⁵ Como lugares de concentração de imigrantes, de minorias e de pobres em geral, ficando excluídos do processo de desenvolvimento, estes bairros são a face não oculta da crise económica, desembarcando nos problemas etnoculturais, nas práticas discriminatórias, designadamente nos domínios do emprego e da habitação.

as possibilidades de mercado dos seus membros, tornando certas localizações de classe mais prováveis do que outras⁶.

A forma corrente de identificar uma pessoa pobre ou socialmente excluída consiste em avaliar as suas condições de vida objectivas, na medida em que esta é a face mais visível do problema. Poderá não ser o aspecto mais grave da situação, mas sobressai, de modo geral, devido àquele factor. Assim, a alimentação, o modo de vestir, as condições habitacionais, o estado de saúde, etc., denunciam a condição da maior parte das pessoas pobres e excluídas. Todavia, a realidade da pobreza e exclusão é bem mais ampla, problemática e complexa do que aqueles factores exteriorizáveis – o ser humano é uno e não permite segmentações, levando a que limitações num determinado contexto alargam-se aos demais. Algo que não incorre ser debatido neste trabalho, devido a questões de espaço e entrecruzamento de temáticas abrangentes à questão que se procura aprofundar o conhecimento, é a *balização* do conceito de *pobreza* e de *exclusão social*, pois estes são maleáveis consoante o estudo em questão e mesmo por falta de consenso na sua determinação. No entanto, incorre fazer algumas anotações à partida.

Entende-se que a noção de pobreza para além de abarcar as *necessidades materiais* engloba a *situação existencial*. Nesta última, além das necessidades materiais, concorrem elementos de ordem psicológica, social, cultural, espiritual, etc., que, em conjunto, geram uma condição existencial que afecta os mais diversos aspectos da vida e da personalidade⁷. *Paul Spicker* (Costa, 2008, p.25) enfatiza que a pobreza é apenas um dos factores que leva a que uma pessoa seja excluída da sociedade e impedida de participar activamente na vida societal. Diferentes formas de vulnerabilidade (portadores de deficiência, idosos, etc.) ou situações que a sociedade rejeita (toxicodependentes, portadores do vírus da sida, etc.), levam, do mesmo modo, à exclusão social. Segundo as Nações Unidas, pobreza “*pode ser definida como uma condição humana caracterizada por privação sustentada ou crónica de recursos, capacidades, escolhas, segurança e poder necessários para o gozo de um adequado padrão de vida e outros direitos civis, culturais, económicos, políticos e sociais*” (Costa, 2008, p.29).

⁶ Esta empresa grandemente tentadora de lugares de classe não terá espaço nesta tese. Não reside aí a chave da nossa curiosidade. No entanto não apagamos as dificuldades da sua real concretização. Nas palavras de Teixeira Fernandes (Mendes, 1997, p.212), esta assumida dificuldade advém de a investigação sociológica estar demasiado habituada a trabalhar com abordagens essencialistas, procurando o já existente e não explorando devidamente o emergente. Tal é devido à imensa dificuldade em encontrar a correspondência *natural* e *real* nas sociedades de certas categorizações.

⁷ *Labbens* sugere que “*um homem pobre não é um homem rico com menos dinheiro; ele é outro homem. As diferenças entre um e outro não se relacionam apenas com o rendimento, também dizem respeito à educação, relações sociais, em suma a todos os domínios da vida social: ser rico e ser pobre são dois estilos de vida*” (Costa, 2008, p.55). A multidimensionalidade da pobreza – aonde as desvantagens reproduzem-se nos diferentes campos.

O debate em torno da *pobreza e exclusão social* teve início em França, nos anos 60 do século passado. Porém, ganhou dimensão europeia na medida em que a procura de definição e clarificação levou a novas interrogações. Poderá ser enunciado que a *pobreza* adopta uma abordagem distributiva de cima para baixo (modelo vertical), na análise da sociedade. Assim, os que têm mais recursos, bens e serviços, etc., são colocados no topo e os que têm menos progressivamente mais abaixo. Enquanto que a *exclusão social* adopta uma perspectiva de dentro para fora, originalmente focando-se sobre a força dos laços sociais entre os indivíduos e os grupos ou a sociedade.

A pobreza implica, de certa forma, falta de recursos, representando, nessa medida, uma forma de exclusão social. Por outro, aquela implica privação, levando a um estado de ruptura com um ou mais sistemas sociais. Quanto mais profunda a relação de privação, tanto maior será o número de sistemas sociais envolvidos e mais profundo o estado de exclusão social⁸. Finalizando, poderá ser argumentado que a *pobreza* representa uma forma de *exclusão social*, ou seja, que não existe *pobreza* sem *exclusão social*. A leitura inversa não é igualmente válida. Existem formas de exclusão social que não implicam pobreza – devido à organização societal bem como à cultura da eterna juventude e os estilos de vida corrente, os idosos encontram-se, de modo geral, fora do circuito das relações sociais mais vastas. José Rogério Lopes enfatiza que a exclusão social é uma condição produzida na emergência do neoliberalismo, na demanda das relações contemporâneas entre mercado, trabalho, Estados, poder e desejos. “*Enquanto a pobreza é um desdobramento das relações históricas e estruturais de oposição entre os interesses de classes, portanto, um fenómeno económico que se configura na questão social derivada das relações capital x trabalho, a “exclusão social” se caracteriza por um conjunto de fenómenos que se configuram no campo alargado das relações sociais contemporâneas: o desemprego estrutural, a precarização do trabalho, a desqualificação social, a desagregação identitária, a desumanização do outro, a anulação da alteridade, a população de rua, a fome, a violência, a falta de acesso a bens e serviços, à segurança, à justiça e à cidadania, entre outras*” (Lopes, 2006, p.13).

A exclusão demarca-se, assim, da pobreza na exacta medida da internacionalização da economia e da revolução tecnológica. Mais do que negar o acesso ao trabalho ou ao consumo, a exclusão social controla e nega a própria condição de sujeito ao indivíduo⁹. *Alain Touraine*

⁸ Nas sociedades Ocidentais actuais é crucial a relação com os mais diversos sistemas sociais, tais como o sistema de saúde e da educação, o mercado de bens e serviços, a participação política e os laços sociais com os amigos e com a comunidade local.

⁹ A injustiça não é mais exclusivamente sócio-económica ou material, mas também simbólica. Cresce a invisibilidade social.

denuncia de forma categórica que “o sujeito se acha tão ameaçado no mundo de hoje, pela sociedade de consumo que nos manipula ou pela busca de um prazer que nos aprisiona em nossas paixões, como o era no passado pela submissão à lei de Deus ou da sociedade” (Lopes, 2006, p.21). Para o autor, o sujeito fundamenta-se na procura da própria individualidade sendo, para tal, o actor da sua própria história.

Pela conexão de ideias expressas compreende-se que os *modos de vida* revêm-se como “um instrumento útil para dar conta da relação entre o nível das estruturas e das suas dinâmicas e o das práticas e representações dos agentes, isto é, da relação activa que as pessoas estabelecem com as suas condições de existência” (Capucha, 1994, p.189). Assim, os recursos e constrangimentos associados à ocupação de uma dada posição social e o sistema das práticas quotidianas, das representações, das referências sociais e culturais e das escolhas estratégicas feitas pelos indivíduos são articuladas pelo mediador *modos de vida* na relação contextual entre as disponibilidades operacionalizadas por aqueles recursos bem como pelas limitações impostas por aqueles constrangimentos.

A inclusão exige não apenas condições objectivas de integração, como também o reconhecimento subjectivo de se estar incluído. Resta enfatizar que a fronteira *excluído/incluído* não é precisa. A relação de um indivíduo com um dado sistema social pode ser forte, fraca ou em estado de ruptura, ao mesmo tempo em que pode estar excluído em relação a alguns sistemas e não relativamente a outros. Assim, existem graus de exclusão, aonde esta é um processo que vai das formas mais superficiais de exclusão para formas e graus mais profundos de exclusão. A forma mais extremada será a de ruptura com todos os sistemas sociais básicos. Os sem-abrigo serão um exemplo desta situação. Interessa enfatizar que existem diversos graus de exclusão e, portanto, de inclusão. Quer isto dizer que há um *continuum* de inclusão-exclusão. Deste modo, é praticamente impossível definir o grau exacto de exclusão ou inclusão que uma dada realidade representa¹⁰. No entanto, parece-nos que o mais importante é que, ao longo do *continuum* inclusão-exclusão, seja estabelecido um limiar a partir do qual o indivíduo é considerado excluído. Aqui, o problema é semelhante ao da definição de um limiar de pobreza e da sua operacionalização ao longo do *continuum* da desigualdade.

Por outro lado, os diversos factores de exclusão social podem sobrepor-se. Assim, tal como a pobreza e a privação recorrentemente tomam a forma de pobreza e privação múltipla,

¹⁰ Por ventura, o único estado que pode ser definido e identificado é o de forma extrema de exclusão, entendidas como situações em que todos os laços do indivíduo com a sociedade se encontram em estado de ruptura. Novamente, o exemplo dos sem-abrigo. O extremo oposto, de completa inclusão, é um estado praticamente impossível de ser definido ou atingido.

também a exclusão social frequentemente aparece como exclusão social múltipla. Deste modo, há uma panóplia de factores que originam as diferentes formas de exclusão social. Esta “*produz uma nova forma de controle social, reduzindo a potencialidade da sujeitividade, como definida desde o projeto iluminista, em proveito da supremacia de um modelo de ocidentalização difundido historicamente no desenvolvimento do capitalismo*” (Lopes, 2006, p.13).

Tanto a integração das comunidades estrangeiras como das minorias constitui um dos principais problemas com que a União Europeia se depara nos dias que correm. Aquando do alargamento da UE a 25, em 2004, as comunidades *Roma*, *Gypsy* e *Traveller* tornaram-se a minoria étnica mais representativa daquele contexto geopolítico – embora exista bastante imprecisão quanto aos números totais, estima-se em mais de 10 milhões por toda a Europa. Convém enfatizar que este grupo social revela uma assinalável vulnerabilidade aos mecanismos de empobrecimento, marginalização e de *ghettização*. Na sua maioria, os seus membros encontram-se desvinculados, espécie de corpos estranhos face ao mercado formal de emprego, apresentam uma elevada taxa de analfabetismo, absentismo e consequente abandono escolar, inserção profissional prematura no contexto da economia informal, baixa qualificação profissional, ausência de tradição familiar de trabalho assalariado e, invariavelmente, assumpção de uma atitude de retraimento e passividade ao nível da participação sócio-política¹¹.

Entendido como algo que não lhes pertence, como algo inacessível, o associativismo, o sindicalismo e a participação propriamente política são dinâmicas pouco vivenciadas nas suas acções diárias. Dito isto, resta enfatizar que a participação, se existente é, maioritariamente, passiva e dependente. Segundo Teixeira Fernandes, a exclusão social gera a auto-exclusão política. A situação de excluído como a antítese da questão da cidadania. Ou seja, a pessoa excluída não exerce/não possui/não conhece os direitos que já foram apropriados pela maioria das pessoas integradas na sociedade. “*O não exercício de cidadania traduz-se na carência de direitos sociais e políticos e na acumulação de desvantagens não só ao nível das estruturas económica e social, mas também do poder, o que torna mais difícil a superação de tal situação*” (Mendes, 1997, p.218). Compreende-se, nesta medida, que o trabalho ganhou uma centralidade inegável nas sociedades hodiernas. Assim, se antes a

¹¹ Ao estigma que conota a comunidade cigana como um todo preenchido de homogenia, concebendo-se as suas práticas como tradicionais, inadaptadas, desvalorizadas e marginais, contrapõe-se o dinamismo, o espírito de iniciativa, a inovação e a maleabilidade na adaptação a uma economia que não lhes oferece a segurança nem a estabilidade, vivenciando, assim, o imediatismo e a imprevisibilidade diária.

condição de inserção no mercado condicionava a configuração dos lugares próprios dos sujeitos, hoje é o próprio mercado que se torna o lugar dos sujeitos por excelência – de luta contra o trabalho na luta pelo trabalho. Manuel Alves vai mesmo mais além ao afirmar que a integração, por exemplo, das minorias imigrantes efectua-se, simultaneamente, com uma exclusão social. Pois se há *integração funcional*, partindo do princípio que há integração na esfera da produção, existirá, por outro, segregação social, cultural e ecológica e mais genericamente o não usufruto de direitos cívicos. Desta situação resulta que as relações de coabitação pluri-étnica saiam prejudicadas, dificultando, evidentemente, a comunicação intercultural. Como consequência e paulatinamente, a comunidade lesada fechar-se-á sobre si própria¹² – por exemplo, o trabalho por conta própria como forma de contornar a exclusão de que são vítimas. Sendo o emprego talvez o mais forte factor de inclusão social seria curiosa a reflexão sobre o dado concreto de em todos os países da UE a percentagem de desempregados pertencentes à comunidade em estudo ser exponencialmente superior à sociedade em geral.

“A cidadania é, antes de mais, uma mediação de ordem política que sempre se associou à identificação de quem pode ser considerado cidadão” (Seabra, 1994, p.87). Aquela instituiu os direitos civis na emergência do capitalismo e do incremento do tipo de desigualdades sociais próprias desse tipo de desenvolvimento económico. A convivência daqueles direitos civis com as desigualdades de classe da sociedade capitalista é exercida harmoniosamente. A cidadania, porque pertença da sociedade civil, reveste-se de neutralidade e universalidade. Com o paulatino aparecimento do Estado-Providência nos primórdios do século XX, (potenciando ao Estado capitalista a sua legitimidade, sendo aquela forma de solidariedade um amortecedor deste último) à cidadania *civil* e *política* se acrescenta a *social*, consubstanciada num conjunto de direitos no domínio das relações de trabalho, da segurança social, da saúde, educação e habitação das classes trabalhadoras. Na Democracia, processo sempre em redefinição, a existência de cidadãos livres é um pré-requisito absoluto para o desenvolvimento¹³. Resta afirmar que, de forma global, ser pobre é ter um estatuto de excluído dos padrões que definem um cidadão. Quer-se dizer, é ter os mesmos direitos e deveres somente no plano formal, já que é portador de um menor conhecimento desses

¹² As identidades sociais se constroem por integração e por diferenciação, por inclusão e por exclusão.

¹³ Podemos afirmar que “os direitos de cidadania dependem não só de direitos sociais garantidos pelo Estado, como também de direitos cívicos ganhos contra o Estado. A afirmação da cidadania ocupa, pois, um espaço de permanente confronto entre as concessões estatais estabelecidas e o processo de mais extensas conquistas. Tal faz salientar quer a importância dos processos de participação social, mas também o papel do Estado que se liga indissociavelmente com a concessão e protecção dos direitos de cidadania” (Rodrigues; Stoer, 1994, p.185).

mesmos direitos e deveres, é, enfim, ter menor capacidade e possibilidade de verdadeiramente os exercer.

Aqui chegados, poderíamos enveredar pelo discernir da ambiguidade existente entre *cidadania* e *nacionalidade*. Aquela vista como os direitos que um Estado confere aos indivíduos que vivem num determinado território sobre o qual esse Estado exerce o seu poder. No entanto, a polémica cresce na medida em que não está claramente explícito se é mais determinante para a atribuição desse estatuto, a pertença à sociedade civil ou a relação que se estabelece com o Estado. Por outro, a nacionalidade refere-se à pertença a uma comunidade cultural e é conferida ao indivíduo pelas leis do Estado que, por inerência, atribui o estatuto de cidadão. Esta sobreposição é jogada nas esferas da *cidadania* enquanto *nacional* e *universal* e da *nacionalidade*, remetida à comunidade cultural, como *plural* e *particular*. A questão, que não se tentará aprofundar, embora empresa filosoficamente aliciante, seria conjunturar até aonde ir no reconhecimento da cidadania (entre outros, o direito à igualdade e o direito à diferença) sem atentar contra a unidade do Estado-Nação e, inversamente, o reconhecimento pleno deste enquanto soberano sem pôr em causa o espírito universalista da cidadania. Esta universalidade patente nos direitos e deveres do cidadão potencia as ambições e os horizontes deste último, mas, por outro, aqueles direitos e deveres, porque abstratos e universais, reduzem a individualidade ao que nela há de universal, transformando os sujeitos em unidades iguais, unidimensionais e intercambiáveis no interior de administrações burocráticas, quer públicas ou privadas. Resta assinalar que se a comunidade *traveller* pertence à mesma nacionalidade que a restante população irlandesa o mesmo já não se poderá afirmar no que diz respeito a uma mesma comunidade cultural. Esta dicotomia entre o *nós* e o *outro* dentro do próprio território do Estado-Nação vem fragilizar ainda mais o já de si débil equilíbrio entre os dois termos. Assim, “a criação de uma cidadania europeia, que inclua todos os direitos que a moderna cidadania atribui – civis, sociais e políticos – implica o estabelecimento de uma dissociação clara entre cidadania e nacionalidade” (Seabra, 1994, p.89).

Os grupos étnicos podem ser marcados por processos de exclusão social que têm na sua origem factores de natureza cultural. O racismo, a xenofobia e preconceitos diversos são factores que originam este tipo de exclusão e que, não raro, se configuram em rupturas simultâneas com vários outros sistemas: o económico (pobreza); o territorial (*guetização* e degradação habitacional); o emprego (insegurança laboral); e o simbólico (referências identitárias em conflito). Assim, processos de exclusão com origens diferenciadas implicarão medidas e políticas específicas, pois, se são vários os factores subjacentes a cada tipo de

exclusão, são também diversas as soluções¹⁴. Ao mesmo tempo, deverá notar-se que o problema da inclusão/exclusão deverá ser visto segundo dois prismas: pelo do indivíduo (este está incluído ou excluído?) e pelo da sociedade (esta é inclusiva ou excludente?).

No que diz respeito à comunidade *traveller*, há um multiplicador de vulnerabilidades que acentua a sua condição de excluído. Facto esse que se confirma na inadequação ao mercado de trabalho, possuindo uma posição semi-marginal face ao sistema de emprego. Não admira, pois o prolongamento desta situação que se repercute pelas gerações vindouras. No contexto irlandês, aquela comunidade apresenta os mais fortes valores nos indicadores utilizados para qualificar as diferentes desvantagens: desemprego; pobreza; exclusão social; saúde; mortalidade infantil; esperança média de vida; analfabetismo e nível educacional; poder de decisão e poder representacional; igualdade de género; acesso ao crédito e condições de habitação – não será exagero afirmar que a comunidade *traveller* vive nas margens da comunidade autóctone irlandesa. Neste cenário, há uma ausência de perspectivas futuras, ou seja, projectos de vida de tendência ascendente na escala social. Assumindo uma atitude descrente e de apatia no que concerne à sua própria capacidade no sentido de mudança, reproduzem ciclicamente as marginalizações cumulativas. A resposta, sem ser procurada por quem dela necessita, assumindo a não acção de determinados grupos minoritários, dificilmente vincará, pois esta ausência de auto-organização e de independência não permitirá a reflexão suficiente ao agir.

A capacidade de auto-organização associativa poderá ser o fio condutor na busca de uma maior *igualização* entre as partes, hipoteticamente podendo emergir uma mutação capaz de se transformar num movimento social e cultural de natureza global. Deste modo, o nascimento do associativismo cigano, na diversidade e pluralidade das tendências organizacionais, representa uma mais valia cheia de potencialidades e que pode assentar o desenvolvimento de uma estratégia de melhoria das condições de vida das comunidades ciganas.

Compreende-se a importância do localismo como forma de acção. O movimento a favor do desenvolvimento local e a descentralização político-institucional tem mais que ver com os processos de redistribuição dos custos de reprodução da força de trabalho do que à implementação de medidas consistentes na luta pela correcção das desigualdades sociais. Sabemos isso. Mas aquilo que nos acalenta revelar é a dinâmica do local, apreendido como território onde a vida é vivida, sendo, simultaneamente, terreno de diagnóstico e acções de

¹⁴ Grupos que partilham a mesma forma de pobreza ou exclusão social podem ter lá chegado de diferentes maneiras e têm diferentes probabilidades de saírem dela.

transformação das condições de vida dos seus habitantes, bem como do próprio envolvimento desses mesmos habitantes na resolução dos seus problemas e na mobilização dos seus recursos. Assim, a este olhar, o *local* surge como sujeito e não simplesmente como objecto receptor e inerte, onde aquele, pelo seu quotidiano, ao não estar satisfeito com certas necessidades tidas por essenciais, gera comportamentos, individuais e colectivos, orientados para a mudança. Dito isto, entende-se que os indivíduos endógenos – porque de pertença ao terreno propriamente dito – possuem recursos e meios que potenciam a mudança.

A execução do desenvolvimento, num espaço concreto de vida, supõe a não dissociação dos lugares, por um lado, e dos indivíduos, por outro. Poderá até ser afirmado que se privilegia os indivíduos nesta relação, obrigando, nesta medida, à compreensão dos modos de vida locais – as práticas diárias. Se se quiser quebrar os mecanismos de reprodução do espaço das posições existentes, em nome do desenvolvimento, terá ainda de ser dada atenção às identidades sociais. Estas, enquanto percepções de si e dos outros, definições de pertença e de relacionamento, intervêm na selecção e na orientação dos comportamentos e das interacções sociais. A identidade condiciona a percepção e a interpretação das coisas e das situações vivenciadas na medida em que aquela é fruto tanto do passado como do presente sempre em desenrolamento, sendo a orientadora da relação que se estabelece com o exterior (fora do grupo) bem como com o interior (pertença ao grupo). Assim, podemos afirmar que a mudança social acarretará, invariavelmente, a transformação das identidades, ou seja, a transformação dos mundos construídos pelos indivíduos e das práticas que deles decorrem¹⁵.

Antes de ser reconhecida como *Traveller*, esta comunidade era conhecida/identificada por *Tinker* e posteriormente por *Itinerant*. Esta criação de eufemismos não melhorou (aparentemente) a sua condição de excluído, marginal e estranho face ao meio circundante que o atira constantemente para as *malhas laterais* da sociedade. E aqui se pretende aprofundar o ponto de partida de que a comunidade *traveller* não se mobiliza/não tem espírito associativo de reivindicação. Eis alguns pontos gerais que nos conduzirão na investigação e ao qual estamos prontos aos desenvolvimentos paralelos que daquele primeiro passo possa advir:

- Associações e Organizações *Travellers* serão o caminho a percorrer para a sua participação activa na sociedade? E de que forma e com que conteúdos?;

¹⁵ Aqui chegados compreendemos que para uma intervenção sustentada e dinâmica há primeiro que compreender as identidades dos indivíduos pertença do território. A identidade pauta-se pela relação, pela maleabilidade e não pelo imobilismo inerte que, supostamente, finda na primeira socialização.

- O que levou as organizações existentes a se insurgirem e a lutarem pelo reconhecimento da sua dignidade e direitos?;
- O Estado cria/produz não mais do que dependência e passividade nas suas políticas assistencialistas e paternalistas?;
- O facto de a comunidade *traveller* ser pouco escolarizada inibe-a de reivindicar pelos seus direitos de cidadania e consequentemente não reconhecer os seus deveres de cidadão?;
- O facto de a comunidade *traveller* ser minoritária aonde quer que esteja, faz com que tenha um comportamento defensivo e fechado, que pouco se dá às tentações exteriores de mudança, sendo por isso conservadora e estática?;
- Outro ponto interessante, embora pareça não ter espaço neste ideário de pergunta com a consequente procura de resposta, é a luta no feminino dentro da própria comunidade *traveller*. Existe espaço para tal dentro de uma comunidade assumidamente paternalista, no sentido em que o homem velho será sempre a fonte de saber a respeitar?

A estes objectivos gerais na busca de conhecimento, temos outros mais específicos e que têm que ver com a própria morfologia do objecto empírico a estudar. Assim:

- Atender às dinâmicas organizacionais presentes no contexto rural do distrito de *Galway*;
- Que formas e que conteúdos programacionais sinalizarão a capacidade inicial de uma acção mais concertada na busca de uma verdadeira cidadania?;
- O próprio conceito de cidadania será adequado a uma comunidade que nas suas culturalidades demarca-se, na sua paralelidade, da sociedade mais vasta?;
- Como esbater as distâncias existentes entre diferentes culturas? Sabendo que a sociedade Ocidental exige-se competitiva e ferozmente terceirizada nas formas de trabalho, como conjugar diferenças no sentido de não hierarquização?

Sabemos a pertinência dimensional a diferentes níveis. As componentes *social* (desigualdades sociais e inserção sócio-profissional), *cultural* (religião, valores e crenças religiosas, a língua, os estilos de vida, as tradições e as práticas culturais e as relações de parentesco) e *política* (a organização interna à comunidade e face ao exterior, a autoridade interna, o associativismo e a participação política) preenchem todo um modo de vida. Interligados inquestionavelmente pela condição una do ser e, deste modo, sem descortinar ou secundarizar as duas primeiras, interessa-nos aprofundar a dimensão política do associativismo bem como das diferentes formas de participação na sociedade.

Pergunta de partida (ou a questão que se coloca ao presente)

Na ciência propriamente dita “o seu primeiro momento é o da interrogação, do questionamento a certas dimensões da realidade. A forma e os protocolos da pergunta hão-de condicionar as respostas que se obtém, ou seja, as evidências empíricas a que a investigação conduz são por ela antecipadas ou, pelo menos, susceptíveis de acolhimento no âmbito do questionamento formulado” (Almeida; Pinto, 2001, p.62). Toda a panóplia que articula o pensamento científico para a persecução daquilo que a predispõe – as teorias em sentido restrito, os métodos e as técnicas de recolha e tratamento de informação – tem, à partida, um conjunto articulado de questões que a conduzem na sua acção de pesquisa – a sua problemática teórica. Estando atentos a hipotéticas reformulações em relação ao original, bem como a desenvolvimentos paralelos, ou mesmo diametralmente opostos, procuraremos encontrar as vias de superação à pergunta (constituindo-se esta a primeira e fundamental etapa para pôr em prática uma dimensão essencial do processo científico: a ruptura com os preconceitos e as noções prévias) que se coloca:

- De que forma e com que conteúdos a comunidade *traveller* poderá, através de uma organização vinculada a interesses e acções comuns, lutar por uma maior participação cívica na sociedade mais vasta?

Como dito acima, a transformação dos conceitos e das suas relações cruzadas, que se situam nos níveis da teoria (obrigatoriamente com maior grau de generalidade e abstracção), poderá ser inevitável tendo, por base, a produção de conhecimentos especificados sobre a realidade social que se estuda. Esta tradução dos *conceitos* em *indicadores* é muitíssimo pertinente à análise das situações concretas, visto a sua aplicabilidade à *medida* dos fenómenos sociais. Esta contingência não é exclusiva, pois as variáveis ou indicadores de pesquisa ao serem instrumentos eminentemente voltados para a observação sistemática e controlada da realidade não lhes anula o carácter de *elementos conceptuais*, na medida em que são, eles próprios, instrumentos de categorização e inteligibilidade do real – conceitos e relações entre conceitos. Deste modo singular percebe-se a linearidade circular e contínua entre a teoria e a empírica.

The chance to Speak Out.

As políticas públicas, numa dimensão europeia, vêm fazendo um apelo constante e crescente para a importância da dimensão local nomeadamente na procura de respostas para problemas sociais e económicos. A acção comunitária local caracteriza-se pelo esforço

colectivo envolvendo a participação activa dos habitantes e que se orienta para equacionar e descortinar a resolução de necessidades percebidas ao nível local. Esta acção local poderá ser visionada como uma primeira esfera de envolvimento sócio-político dos indivíduos enquanto cidadãos, no sentido de criação de uma consciência social. Desta relação entre o local e o nacional, na esfera política, mas não só, interessa-nos vislumbrar de que forma a actividade é exercida, isto é, quem a executa e quem a faculta e/ou engendra a sua acção continuada, bem como outros domínios, tais como: Se, como e porquê utilizam os indivíduos os grupos e as associações locais no enfrentamento das suas problemáticas diárias; Se existem, como tratam os grupos e organizações locais as questões de diferentes foros – sociais, económicas, marginalização, desemprego, etc.; Que papel preconizam os decisores políticos para as organizações locais no tratamento das questões e problemas sentidos na localidade¹⁶. Poderá esta acção continuada, para além de promover uma visão de longo-prazo da localidade, pressionar os serviços públicos a funcionarem mais eficazmente devido a uma crítica continuada dos mesmos? Assim, interessa-nos perceber – na demanda de D. Mehl – as diferentes dimensões do campo das organizações, tais como: a cultura organizativa, entendida como o conjunto de valores comuns e de temas que servem de linha base de orientação; os papéis e as funções das organizações; e os actores do movimento social. Estas interrogações culminam na constatação de que os grupos e organizações são, ao mesmo tempo, expressão e actor da diversidade cultural. Dito isto, aquelas, por inerência da sua acção, promovem a continuidade das diferenças inter-comunitárias, através da sua auto-consciencialização e, por outro, a disponibilização de um espaço, físico e imaginário, onde cada qual manterá e desenvolverá a sua especificidade. Criam-se redes de sociabilidade bem como o inculcamento de uma identidade própria e que se exterioriza na relação com o outro¹⁷. Finalizando, “o movimento associativo representa também o recipiente no qual são formados, identificados,

¹⁶ Sabemos que muitas das vezes a lógica de uma organização é proporcionar convivialidade e espaços próprios aos seus membros mais do que pelos resultados visivelmente materializáveis daquilo que facultam. Obviamente esta leitura não poderá ser transposta a todas as realidades societais. Por exemplo, em países de pleno desenvolvimento as acções concertadas têm determinados fins que certamente parecerão estranhas e distantes aos países menos desenvolvidos.

¹⁷ G. Gurvitch define um agrupamento social como uma “(...) unidade colectiva real, mas parcial, directamente observável e fundada em atitudes colectivas, continuas e activas, tendo uma obra comum a levar a cabo, unidade de atitudes, de obras e de condutas, que constitui um quadro social estruturável tendendo para uma coesão relativa das manifestações da sociabilidade” (Gurvitch, 1979, p.348). Claro está, há vários níveis de participação (Fernandes, 2003). Desde a *participação de facto*, de natureza não voluntária (como a família e a religião); a *participação organizada ou voluntária*, ou seja, grupos mais ou menos estruturados, tratando-se de uma participação consciente e especializada, cujas actividades, com papeis rigorosamente determinados, constituem meios para atingir certos fins e cujos ritos e costumes são formalizados nos estatutos; a *participação espontânea*, por norma tem uma natureza inconsciente, típica de pequenos grupos informais e não organizados e que procuram satisfazer as necessidades psicológicas dos participantes; e a *participação imposta*, ou seja, forçada pelo exterior.

desdobrados dos contras-sistemas ideológicos, portadores de novos movimentos sociais, pondo em causa, pelas suas ideias e os seus combates, os valores centrais, das nossas sociedades contemporâneas: valores da sociedade industrial para o movimento ecológico, valores da sociedade patriarcal para o movimento feminista” (D. Mehl in Vilaça, 1994, p.408).

Tais dinâmicas de *ideal de luta* devem ser conciliadas com os objectivos próprios da sua existência enquanto tal. Promover a história e a cultura cigana, fomentando, deste modo, uma mudança de percepção face à mesma; desafiar a própria comunidade cigana na busca de novos olhares sobre si própria¹⁸, redefinindo o auto-conceito de cidadãos de plenos direitos, mas também com deveres; promover a cultura cigana e a sua filosofia de vida como principal contributo a uma sociedade que se quer multicultural e integracionista; lutar pela superação do assistencialismo, da autocompaixão e da dependência da administração (reequacionando a sua forma de intervenção na luta contra os direitos passivos, pois estes criam uma relação de dependência e sujeitos subordinados – há que procurar uma implicação recíproca entre indivíduo e sociedade¹⁹); agente de denúncia e reivindicação de direitos, exigindo o cumprimento das leis; melhorar as condições de vida e de acesso a bens e serviços, como a escola, fomentando e mobilizando a sua incorporação activa na sociedade e, paulatinamente, aumentar o poder e influência da comunidade cigana nas esferas política, social e económicas, evitando a política da dependência burocrática; fomentar a participação dos seus membros no quotidiano associativo; dotar-se de uma estrutura que se adequa às estruturas tradicionais da comunidade cigana, para incutir maior legitimidade representativa do colectivo, para que este último identifique a associação como algo verdadeiramente seu²⁰; devido ao peso dos media, as associações devem tentar persuadir os meios de informação a considerarem-nas como assessoras autorizadas e interlocutoras válidas para os temas relacionados com a comunidade cigana sendo, para tal, imperativo que as referidas associações se organizem e difundam materiais informativos que fomentem os aspectos positivos da comunidade (por exemplo, a

¹⁸ Lutar contra a sobrevalorização do meio e ser consciente de que, muitas vezes, interiorizam a imagem inferiorizada que lhes é transmitida do exterior e autovalorizar-se na justa medida de desenvolvimento das próprias capacidades e de uma melhor qualidade de vida, constituem pontos chave na luta pela representação social.

¹⁹ Promover a participação activa da comunidade cigana será certamente uma das mais vitais formas de quebrar o círculo. Políticas externas, sem conhecimento prévio, originam desconfiança e um fechamento perante as mesmas. Aqui poderá estar uma porta de acesso a uma efectiva inclusão social.

²⁰ O movimento associativo cigano é ainda muito jovem e, maioritariamente, tem como antecedente modelar o associativismo que pode não se ajustar às estruturas comuns tradicionais do povo cigano. A procura do modelo próprio passa pela necessidade de gerar um marco ideológico comum a clarificar a maneira mais adequada de estruturar, tanto os aspectos organizativos destas identidades, bem como os canais necessários para a devida participação do povo cigano.

criação de gabinetes de imprensa no seio das associações e organizações ciganas tendo sempre como horizonte a melhoria da imagem da comunidade). Eis alguns dos desafios que se lhes deparam. À utilidade de recolha de opiniões da colectividade que representam, as associações tentam definir objectivos e metas, tendo, para tal, a procura de meios e recursos que a sustentem, bem como, difundir, no resto da sociedade, os seus ideais enquanto existência associativa representativa de determinado grupo que se quer activo na transformação social – neste sentido *reivindicam* mais do que *expressam*. Poderemos equacionar até que ponto este tipo de associações e organizações não é forçada a um curto circuito histórico, na medida em que reivindicam algo que, por sinal, já foi absorvido pela comunidade autóctone, estando, neste sentido, em não paralelidade no confronto político²¹.

Nan Joyce afirma que o facto de a comunidade *traveller* ser timidamente representada faz com que esta seja, de forma constante, vítima de impropérios activamente verbalizados e escritos pela comunidade autóctone. A própria Nan, pertencente à comunidade, começou formas de luta no início dos anos 80 do século passado. Assim, “*a group of us got together after the march to work for travellers’ rights. (...) At first we held the meetings at the caravans. It was the summertime and we’d gather outside every Sunday but it was very hard to get the travellers to come. When people have been walked on for years and pushed aside and treated as dirt, they feel they are dirt. The way they were treated by everyone, even the Catholic Church they felt they weren’t even human beings*” (Joyce, 2000, p.102). Este lento começar, que culminou com o *Travellers’ Rights Committee*, veio mostrar que haverá sempre a necessidade de forçar as barreiras, para assim as transpor. No entanto, o caminho foi e ainda é bem longo. A necessidade de se dar a conhecer enquanto cultura, também ela legítima na ilha irlandesa, obrigará à aproximação dos indivíduos e ao diálogo como forma de mediação e interconhecimento. Nas eleições gerais de 1982, Nan Joyce candidatou-se a *Theachta Daíla* (termo na língua irlandesa para deputado) assumindo que o primeiro impacto pretendido seria garantir que a voz da comunidade *traveller* fosse ouvida por toda a Irlanda.

A forma de mobilização colectiva, nos conteúdos e nos propósitos, demarca-se de uma perspectiva reactiva e defensiva ligada às reivindicações laborais, caracteristicamente visível nos séculos XVII, XVIII e XIX, para uma acção proactiva ou ofensiva que visa a exigência de novos direitos e a inclusão social nas estruturas que controlam os recursos a nível nacional. Cerceia-se o poder político, na perspectiva de pertença e de luta no campo público. Alain

²¹ Helena Vilaça, citando Teixeira Fernandes, afirma que “*a recriação do espaço público passa pelas possibilidades de liberdade e de invenção de formas de associação como via para uma maior participação dos cidadãos*” (Vilaça, 1994, p.403).

Touraine defende que “por um lado, a resistência à sua redução ao estatuto de passivos e dependentes consumidores da mudança, reivindicando a autonomia da pessoa e da sua identidade. Por outro, uma acção institucional de contestação das estruturas de dominação e de luta pela extensão e democratização das instituições sociais” (Monteiro, 2004, p.121). Assim, concebe-se os novos movimentos sociais como uma luta entre dominados e dominantes aonde aqueles tentam fugir ao controle social que se encontra nas mãos de algumas instituições políticas e económicas – que moldam a sociedade por forma a dar seguimento aos seus interesses. Constroem-se, assim, novas formas de parceria com o Estado. A integração social é jogada a partir da experiência vivida dos indivíduos, dos seus recursos e dos seus mundos vividos.

Se, segundo a *frame theory*, estes movimentos continuam (na perspectiva de tal como os movimentos de índole laborai) a ter uma conexão com um partido ou uma instituição e assim não exercitar a transparência e a independência sugerida a montante da sua acção, não impedirá, certamente, a constatação de que esta acção colectiva demarca-se daqueles movimentos embrionários tão presentes no seguimento da revolução industrial oitocentista. Assim, muitas das organizações existentes na sociedade funcionam como alternativa à constante degradação funcional do Estado-Providência, providenciando, aquelas, equipamentos, novas formas de solidariedade e incentivo à participação democrática, cultural e social. A pertença a uma associação ou organização possibilita ao indivíduo uma participação muito mais activa e próxima da sociedade²². Segundo Isabel Guerra: “1. A participação aumenta a capacidade de entendimento dos problemas e a possibilidade de estes assumirem significados colectivos; 2. A interacção com outros indivíduos, incluindo decisores, aumenta e estimula a actividade política; 3. A pertença a organizações aumenta o acesso à informação e fornece recursos e talentos essenciais para a actividade social; 4. A participação em grupos aumenta a sensibilidade e aceitação do processo democrático; 5. Os membros retiram gratificações da sua participação política, o que reforça a sua vontade de participar” (Guerra, 2006, p.92).

Deste modo, é notório o papel interventivo das organizações na arena política, principalmente a nível local, aonde o conhecimento da população e das suas necessidades é mais directo e seguro. Todavia, e não menosprezando aquele convergente caminhar, as organizações, por principio, permanecerão sempre com o seu carácter contestatário,

²² Segundo É. Durkheim, os indivíduos unem-se para levarem, em conjunto, uma mesma *vida moral*. Este conceito, de vida moral, segundo o autor, reflecte a subordinação dos interesses particulares aos interesses colectivos, sendo, assim, uma garante da defesa de interesses comuns e factor de integração social. Essa consciência moral libertaria a sociedade da *anomia*.

organizando, quando necessário, movimentos, reivindicações e lutas sociais e políticas. Esta participação exige-se, claro está, activa – para tal, há que haver e se conjugar esforços de mobilização populacional.

Esta forma de parceria com o Estado poderá comprometer a sua independência. Se, por um lado, pairará a perda de autonomia, por outro, esta forma de actuação, entre as organizações ou associações e o Estado, facilitará a criação de *pontes* entre as comunidades locais e as instâncias reguladoras. Face a esta situação de apoio económico por parte do Estado, estabelecem-se, por norma, duas orientações base: em primeiro, uma *autonomia tutelada* aonde o Estado desfaz-se do seu papel de controlador de todas as competências e distribui-las pelas associações que entram em parcerias, monitorizando sempre as suas acções; em segundo, *autonomia negociada*, ou seja, uma parceria em que o grau de autonomia a nível financeiro, por parte das associações, é muito maior, o que lhes dá um espaço de decisão também muito mais alargado. Esta última forma de relação implica uma interdependência dialógica mais horizontal.

Por fim, Boaventura Sousa Santos apresenta três teses que podem contribuir para o fortalecimento da democracia participativa: 1. *Fortalecimento da demodiversidade*, que reconhece a importância do multiculturalismo e numa expansão do âmbito das decisões políticas a outras camadas populacionais que nem sempre tem acesso; 2. *Fortalecimento da articulação contra-hegemónica entre o local e o global*, ou seja, tanto no plano local, em que se criam experiências políticas de sucesso e que se tentam importar para outros âmbitos como o nacional, ou até transnacional, em alternativa aos modelos hegemónicos ou até mesmo com certas experiências democráticas que precisam de apoio de actores políticos de relevância internacional; 3. *Ampliação da experimentalismo democrática*, isto é, estimula as novas experiências democráticas bem sucedidas e que incitam à participação democrática²³.

Entre dois mundos (não necessariamente paralelos)

Como já se constatou, a inserção dos membros da comunidade cigana na sociedade envolvente torna-se mais problemática e controversa, acrescentando a isso a sua identidade étnico-cultural e modos de vida relativamente distanciados, incompreendidos e não reconhecidos pela sociedade que os coloca nas suas margens de relações. A sua identidade e

²³ Já Tocqueville (Monteiro, 2004) na sua obra suprema *Da Democracia na América*, referia que após a Revolução Industrial os laços comunitários foram enfraquecendo (crescente individualização), isto mesmo com as lutas operárias (estas cingindo-se às lutas económicas e de classe) operadas então. Deste modo, o autor apontou que a única saída viável seria abrir o campo político à compreensão e adesão dos cidadãos, para que estes se interajudassem na resolução dos problemas.

modos de vida assentam predominantemente na filiação étnica, estruturada em torno de um quadro de valores comuns aos seus membros. A valorização dos elementos mais velhos do grupo²⁴, a família extensa²⁵, o casamento segundo a tradição, a virgindade da mulher, o convívio familiar alargado, o respeito pelos mortos, o respeito pelas leis ciganas, que são consideradas como estando acima da ordem jurídica do país, contribuem para o acentuar das clivagens culturais e sociais entre ciganos e não ciganos. Para Fernando Luís Machado, “*a etnicidade ganha tanta ou mais relevância quanto mais acentuados forem os contrastes de uma minoria com a sociedade em que está fixada*”²⁶. As situações em que a etnicidade atinge um grau socialmente disruptivo são, geralmente, caracterizadas por fortes contrastes sociais e culturais, demarcando a minoria ou as minorias em questão dos contextos em que se inserem” (Mendes, 1997, p.210). O facto de este povo ser, tradicionalmente, nómada, ter uma língua desconhecida, se dedicar a práticas misteriosas e pagãs, se deslocar em carroças, acampar, vestir de modo diferente, não se submeter a uma integração assimilatória, etc., levou à sua hostilização, rejeição, exclusão e perseguição – tais actos duram até aos dias de hoje. Por exemplo, durante a segunda Grande Guerra mais de meio milhão de indivíduos pertencentes às comunidades ciganas foram exterminados.

No que diz respeito à comunidade *traveller*, esta tem valores muito próprios que, transmitindo identidades fortes e duradouras bem como uma socialização fortificadora dos valores passados, incute uma menor influência pelas variações de circunstâncias envolventes. É nesta amalgama circunscrita ao seu meio de referência mais imediato que a instituição familiar toma o seu lugar de destaque na socialização e no seu mundo vivido e apreendido, centrando-se, assim, como valor moral por excelência²⁷. Dito isto, a noção de trabalho socialmente construída pelo grupo étnico cigano é fortemente determinada pelas características da sua própria organização social que, como já vislumbramos, se fundam na família extensa. Esta se constitui como unidade de cooperação, aonde os membros de diferentes gerações trabalham juntos e o rendimento final pertence ao pai. Devido à sua

²⁴ Na obra *Auld Pavee Beoirs and Glokes* é referido que a solidariedade intergeracional na comunidade *traveller* tem vindo a se deteriorar. Este crescente conflito resulta na procura, cada vez mais presente, de instituições de acolhimento para as pessoas idosas. Esta é uma nova realidade que expõe e fragiliza ainda mais os mais velhos do grupo.

²⁵ Resta dizer que a família surge como elemento-base de integração comunitária. O elevado número de filhos surge como prova de prestígio social, bem como inculcador de segurança económica, social e afectiva.

²⁶ Estamos atentos às diferentes denominações com que a comunidade cigana pode ser identificada e “catalogada”. Sabemos que a palavra cria uma determinada realidade, visão das coisas, determinando o seu espaço, contextualidade e jogos de pertença. Aprofundaremos esta questão ao longo do nosso trabalho.

²⁷ Nesta medida percebe-se o porquê de o casamento, muitas vezes, ser um ritual que é vivenciado no findar da adolescência – 18/20 anos de idade –, mesmo que o casal em questão não tenha nenhuma forma de sustento de base não familiar. Embora, paulatinamente, os comportamentos estejam a mudar, ter netos quando se encontram na casa dos 40 anos de idade é ainda não raro.

peculiaridade cultural recusam formas alternativas de trabalho ao seu modo de vida diário. Formas essas que, passando por actividades por conta de outrem, criariam dificuldades para o seu quotidiano e ritmo de vivências. Assim, podemos afirmar que uma actividade económica só será exercida se permitir ao indivíduo ser independente, ou seja, o livre uso do seu próprio tempo. Concluindo, o trabalho é concebido mais como uma necessidade de sobrevivência e de reconhecimento do grupo do que como fim em si mesmo. Nas palavras de Elisabete Dias, “o cigano não planeia – vive o dia-a-dia” (Saúde e Liberdade, 2001, p.211).

Esta liberdade de acção, inculcada pela sua primeira socialização, vem desde a mais tenra idade. Quando atinge o limiar etário que medeia os 10/12 anos a criança é envolvida no processo de sustento familiar, ajudando os pais na feira²⁸. Principalmente os rapazes, pois as raparigas participam nas tarefas do quotidiano caseiro. Esta dinâmica colaboracional entre gerações proporciona aos mais novos a aquisição de uma diversidade de competências – principalmente adaptabilidade e sobrevivência. A aprendizagem da actividade profissional é mais remetida pelo selo exemplificativo das sociedades tradicionais, mediante a transmissão de conhecimentos e experiências de pais para filhos, do que a formação escolar e profissional. Deste modo, compreende-se a não valorização da escola como filtro de mobilidade, pois o saber escrever e ler são suficientes para as actividades tradicionalmente desempenhadas pelos membros da comunidade cigana. É nesta demanda de relações e de contactos reais, que possibilitam as diferentes aprendizagens, que os membros do grupo constroem e interiorizam os valores e os saberes da sua cultura preservando, assim, a identidade de grupo²⁹.

De enfatizar que, de um modo geral, as actividades económicas desempenhadas pela comunidade *traveller* para além de possuírem um carácter periférico face ao mercado formal, vivem subjugadas pela imprevisibilidade económica e instabilidade social, obrigando a uma constante mutação adaptativa às circunstâncias flutuantes³⁰. De acentuar que há ausência de saídas profissionais que compensem o desaparecimento progressivo das profissões tradicionais da comunidade *traveller*. Será curioso reflectir sobre o modo como o Estado lida com esta situação, criando ou não alternativas aonde a referida comunidade possa perpetuar, mesmo que timidamente, a sua forma de acção económica. Fátima Pinto, no seu estudo “A Cigarra e a Formiga”, afirma que “a cultura cigana representa um choque com o capitalismo,

²⁸ A liberdade de acção implicada pela liberdade geográfica e económica. Curiosa a denominação de *Traveller* referenciando-se à comunidade cigana irlandesa. A noção de Viajante, sem sítio certo, nómada, vagabundo sem rumo, itinerante – mesmo quando a grande maioria da comunidade *traveller* está sedentarizada.

²⁹ Deste modo secular se produz e reproduz, nos novos membros do grupo, disposições e predisposições para o exercício de actividades profissionais que melhor se coadunem com o seu modo de vida e sistema de valores.

³⁰ *The Traveller economy* (a economia da comunidade *traveller*) é a expressão utilizada para descrever a actividade económica protagonizada pela livre iniciativa da referida comunidade – esta forma de economia é informal por natureza.

com a racionalidade própria da sociedade moderna ocidental” (Resumo Cronológico in Saúde e Liberdade, 2001, p.147). A liberdade que empenhadamente preservam esbarra e incomoda a sociedade unidimensional. Resumindo esta conexão de ideias, conclui-se que “a natureza do trabalho possível de ser exercido na economia global é essencial ao entendimento da questão da exclusão” (Dupas in Lopes, 2006, p.13).

Vários estudos indicam que a estigmatização e a discriminação está bem presente nas formas de empregabilidade à comunidade *traveller*, aonde um apelido familiar poderá inviabilizar o percurso profissional, jogando-se, muitas vezes, o evitar da sua pronúncia. Por último, afirmar que já em 2003 a Irlanda incluía a comunidade *traveller* no seu *National Action Plan* no que ao emprego dizia respeito. Esta inclusão no plano constituiu um passo inovador comparativamente a muitos dos demais países da UE.

Obviamente que todas as culturas terão que se adaptar às mudanças económicas e, num sentido mais abrangente, às circunstâncias sociais. No entanto a imposição de medidas restrictivas às práticas tradicionais da comunidade *traveller* (como o negócio de compra e venda de cavalos, comércio casual e as feiras e o nomadismo) terão como efeito prático acelerar a evolução/(erosão) natural da referida cultura, tendo um impacto mais profundo e nefasto na população mais idosa. Esta, por sua vez, reconhece a eminente *morte cultural* na vivencialidade das novas gerações. Referindo-se a estas, um membro da comunidade atira: “*they don’t know their own language, the Cant they call it, or the Gammon more people call it, because it’s gone. They won’t have a clue. They won’t have a clue about Travellers. That’s true as God*” (Auld Pavee Beoirs and Glokes, 2008, p.17). Pelas palavras ditas depreende-se mágoa pela erosão de uma forma secular de ser bem como a presença de uma espécie de alienação que aproxima os jovens *travellers* do estilo de vida vivenciado pelos respectivos autóctones³¹. “*They wouldn’t go travelling anyway that’s the one thing. They wouldn’t want to either. They wouldn’t sleep in a wagon. They couldn’t get on. They couldn’t build a tent. They wouldn’t know how to light a fire (laughter)*”. E ainda, “*young people today, they’re just working the way the settle people work today. They wouldn’t have a clue about the old ways*” (Auld Pavee Beoirs and Glokes, 2008, p.17).

Esta eclosão entre os dois mundos culturais poderá ter que ver com a exposição da cultura *traveller* ao *mainstream* cultural. Fora do seu meio restrito aquela cultura recebe pouca aprovação pública sendo, por tal, difícil expor orgulho numa cultura que é criticada e marginalizada constantemente. Assim, a *internalização* de atitudes negativas explica-se por

³¹ Para a velha geração a morte que se lhes anuncia a vida representa paralelamente a morte da sua forma de vida e, mais sucintamente, da sua cultura *traveller*.

aquela forma de discriminação e racismo. Há, no entanto, que enfatizar que não é necessariamente o nomadismo que provoca aquele racismo, mas sim a identidade de grupo, pois os membros da comunidade são ostracizados quer sejam nómadas quer estejam efectivamente estabilizados num determinado local. Todo este *limbo* entre culturas e formas de estar provoca ansiedade bem como a possibilidade de racismo projectada por ambas as culturas, pois não obtêm reconhecimento de pertença a nenhuma delas.

*I'd like to settle in the winter-time
Away from the weather in a country town
But come the spring I'd get itchy feet
Then goodbye town and smokey street
I'd want to be moving some place else
So move along, get along, move along, get along
Go: move: shift.*

in Joyce, 2000, p. 29

No estudo *Dismantling the Traveller Economy?*, efectuado pela organização *Pavee Point*, é referido que uma das principais formas de economia da comunidade *traveller*, o desmantelamento de automóveis em fim de vida e a revenda de peças, está arruinada pelas novas leis da União Europeia, através da Directiva da Comissão Europeia – *End of Life Vehicles*. A UE incute uma regulamentação mais restritiva de uma actividade que, em tudo, era informal³². O mesmo acontece com a forma tradicional de trabalhar o ferro. Além do mais, tais formas de *saber-fazer* não são reconhecidas por quem de direito. Este não reconhecimento advém da informalidade com que as diferentes actividades são desempenhadas pelos membros da comunidade. Assim, estes correm o risco de serem postos de parte nas reformulações que os diferentes sectores de actividade possam, por ventura, sofrer. Como se compreende, esta visão das coisas obrigará à constante movimentação e adaptabilidade às novas dinâmicas económicas. Aqui surge um enorme problema: a falta de qualificações presente na grande maioria dos membros da comunidade *traveller*, bem como a mútua desconfiança existente entre esta e a comunidade autóctone. Deste modo, perspectiva-se a necessidade de formas de apoio à formação da empresa, tendo em conta a igualdade e a diversidade, na economia da comunidade. Para tal, é necessário uma política inclusiva que ouça as partes em questão e que tome as medidas que sejam as menos prejudiciais para todos. Dizemos isto sem inocência, sabemos que quando o negócio de desmantelamento de veículos não era atractivo para as grandes empresas, resumia-se à informalidade protagonizada pelos membros da comunidade *traveller*, mas na medida em que o capital viu formas de lucro com

³² O facto de não terem licença formal para o exercício desta actividade inibe-os de, na prática, desempenharem as suas funções. Assim, as novas regulamentações veiculadas pela UE tomam a forma de proibição de permanência no sector de desmantelamento de automóveis.

as novas regulamentações, aquela comunidade foi marginalizada da esfera de influência dos novos rumos a tomar bem como das novas oportunidades que surgirão com a expansão do sector.

Ser ou não ser Grupo Étnico

O *National Consultative Committee on Racism and Interculturalism* (N.C.C.R.I.) defende que a comunidade *traveller* deve ser reconhecida como um grupo étnico. Com a *Equality Legislation*, em 1998 e em 2000, o governo irlandês deu passos nessa direcção. No entanto, a sua abordagem mudou drasticamente de sentido. Assim, em 2003, o mesmo governo afirmava que a comunidade *traveller* não constituía um grupo distinto da população geral em termos de raça, cor, descendência, nacionalidade ou origem étnica. Esta visão distancia-se das correntes académicas que defendem a etnicidade da comunidade *traveller*. Já várias tentativas houveram de, sob o *Race Relations Act* (1976), fazer actuar a Justiça acerca de acções discriminatórias sobre a referida comunidade, ao que, invariavelmente, levantou a questão do reconhecimento desta enquanto grupo étnico ou não, na leitura do Acto³³. O N.C.C.R.I. relembra a leitura neozelandesa sobre o mesmo assunto, aonde é defendido que “*a group is identifiable in terms of its ethnic origins if it is a segment of the population distinguished from others by a sufficient combination of shared customs, beliefs, traditions and characteristics derived from a common or presumed common past, even if not drawn from what in biological terms is a common racial stock. It is that combination which gives them a historically determined social identity in their own eyes and in the eyes of others outside the group. They have a distinct social identity based not simply on group cohesion and solidarity but also on their belief as to their historical antecedents*” (National Consultative Committee on Racism and Interculturalism, 2004, p.3). Continuando o mesmo documento, e no que diz respeito ao contexto irlandês, o *Equal Status Act* (baseado na definição facultada pelo *Northern Ireland Race Relations Order*) afirma que “*Traveller community means the community of people who are commonly called Travellers and who are identified (both by themselves and others) as people with a shared history, culture and traditions including, historically, a nomadic way of life on the island of Ireland*” (National Consultative Committee on Racism and Interculturalism, 2004, p.3).

³³ Segundo o Acto, um determinado grupo constituirá um grupo étnico se se rever enquanto uma comunidade com determinadas características que a distinguem da comunidade mais vasta, ao mesmo tempo em que esta a vê como tal. Características tais como: consciência de uma longa história comum, que a memória preserva; tradição cultural, incluindo costumes, tanto familiares e sociais, bem como formas de estar, normalmente, mas não necessariamente, associados a uma outra religiosidade.

De qualquer forma, o estado irlandês está em sintonia com o artigo 27 do *International Covenant on Civil and Political Rights*, onde aquele afirma que “*in those States in which ethnic, religious or linguistic minorities exist, persons belonging to such minorities shall not be denied the right, in community with other members of their group, to enjoy their own culture, to profess and practise their own religion, or use to their own language*” (National Consultative Committee on Racism and Interculturalism, 2004, p.4). O *Pavee Point* e o *Irish Traveller Movement* vislumbraram nesta sintonia e colagem ao artigo o reconhecimento explícito, por parte do estado irlandês, da comunidade *traveller* como uma minoria étnica, na medida em que esta é uma comunidade indígena da ilha irlandesa, com uma história comum e com uma forma de vida e identidade cultural muito própria³⁴.

Do mesmo modo, o *Race Directive*³⁵ (Council Directive 2000/43/EC de Junho de 2000), logo no seu primeiro artigo, advoga o princípio do tratamento igualitário perante todos os indivíduos, independentemente da raça ou origem étnica. Na medida em que o *Equality Authority* defende a comunidade *traveller* como sendo um grupo étnico, logo aquela comunidade deverá ter a protecção do *Race Directive*. Este reconhecimento não confirmado pelo próprio governo adia, constantemente, as devidas medidas para contrariar os atropelos e desigualdades vivenciadas pelos membros da comunidade *traveller*. Assim, na prática, o *Race Directive* pouco pode fazer face a discriminações vivenciadas nas áreas mais dispare, tais como no emprego, educação, protecção social e habitação. “*One consequence of the failure to recognise Travellers as an ethnic group in Ireland would mean that Directive 2000/43/EC, the Union’s primary document on laws banning racial discrimination would not clearly apply to discriminatory treatment of Travellers. (...) Primary obstacles to the recognition of Travellers in Ireland as an ethnic group appear to stem from debate as to the origins of Travellers, questions of only tangential relevance to the application of equality law and policy. Ironically, in England, Wales and Northern Ireland, Travellers of Irish heritage are defined in law as an ethnic group covered by the Race Relations Acts*” (The Situation of Roma in an Enlarged European Union, 2004, p. 40). Este não reconhecimento faz com que as suas necessidades (bem como as suas especificidades) se tornem invisíveis porque absorvidas

³⁴ Segundo os *Census* de 2006, existem, na Irlanda, à volta de 24.000 indivíduos pertencentes à comunidade *traveller*, representando nada mais do que 0,6% do total do país. A esperança média de vida é muito inferior à população autóctone. Se compararmos aqueles que têm mais do que 65 anos constatamos uma disparidade bem significativa: comunidade *traveller*, 2,6%; comunidade autóctone, 11%. Inversamente, 62% dos membros da comunidade *traveller* têm menos de 25 anos de idade. Eis uma batalha ganha – a inclusão da categorização *traveller* nos *Census*. Assim, as estimativas aproximam-se muito mais dos valores reais.

³⁵ Na Irlanda, o *Race Directive* teve a sua implementação através do *Equality Act de 2004*. Aquela Directiva foi implementada pela UE como forma de combate à discriminação tendo por base a raça e/ou etnia. Outras duas directivas fundamentais foram a Directiva da Empregabilidade e a de Género.

pela comunidade autóctone. Assim, por exemplo, parte-se do princípio que a política de habitação não terá que ter em conta a cultura *traveller*, pois esta não é reconhecida enquanto tal.

A primeira resposta do governo irlandês claramente direccionada à comunidade *traveller* será, por ventura, o *Report of the Commission on Itinerancy*, de 1963. Nesta, conclui-se pela necessidade de conhecer e examinar diferentes áreas inerentes ao seu modo de vida, tais como a economia, a educação, a saúde e as relações sociais de modo a proporcionar uma melhor incorporação daquela comunidade na sociedade mais vasta. A visão dogmática era de que o ser *Itinerante* e os seus modos de vida constituíam um problema a ser resolvido através da assimilação. A comunidade *traveller* era vista essencialmente como um problema. Nas duas décadas subsequentes as acções e medidas com base naquele Relatório de Comissão eram geralmente *para* e não *com* a comunidade *traveller*. Estes vistos como a necessitar de caridade e não como portadores de direitos como o cidadão comum. Neste primeiro passo dado pelo governo, e para evitar o termo pejorativo *Tinker*, a Comissão adotou o termo *Itinerant* – ironicamente um termo conotado ao crime.

Uma segunda fase desenvolvida pelo governo irlandês no que concerne àquela comunidade será o *Report of the Travelling People Review Body*, de 1983. Este relatório trás consigo vinte anos de experiência acumulada e uma renovada visão sobre a temática. Assim, para além de envolver alguns elementos da comunidade em questão, questiona as necessidades daqueles que desejam continuar um estilo de vida nómada bem como estimular o respeito e a confiança mútua entre aquela comunidade e a sociedade autóctone. Para este reposicionamento de enquadramento contribuíram as críticas, de ambos os lados, às tentativas de assimilação. Assim, esta forma extremada de integração, se se quiser, de absorção, não mais foi aceite pelo Relatório. O termo *Itinerant*, conotado com vagabundagem, foi substituído pelo de *Traveller*, o que constituiu o reconhecimento de uma identidade distinta³⁶. Embora fosse admitido que havia hostilidade e diferentes formas de preconceito e indiferença em relação à dita comunidade e a integração fosse o culminar a atingir, houve forte relutância em apontar a discriminação como uma outra batalha a travar quer, por exemplo, no sistema de segurança social e a nível escolar. Esta relutância advém da necessidade de haver uma legislação que balize as formas de discriminação em relação a esta comunidade e, por outro, como definir legalmente o que é ser *Traveller*? Resta afirmar que esta consideração talvez fosse sem fundamento, na medida em que o termo *Traveller* aparece em três partes da

³⁶ Sendo uma figura de retórica que consiste em abrandar pela expressão a crueza de certas ideias ou factos, o eufemismo pode mesmo empregar uma palavra ou uma locução num sentido contrário à sua significação real.

legislação da Irlanda, subsequentemente à publicação do Relatório e anteriormente ao *Task Force Report*, de 1995. Esta contradição de acções é confirmada pelo *The 1988 Housing Act*, pelo *The 1991 Prohibition of Incitement to Hatred Act* e pelo *The 1993 Unfair Dismissals (Amendment) Act*.

O *Report of the Task Force on the Travelling Community*, de 1995, constitui a terceira fase de desenvolvimento político. Neste documento, a preocupação com a discriminação ganha a força de todo um capítulo. Do mesmo modo, cresce o debate académico em torno da questão racismo/diferença cultural, principalmente em cenários aonde existe desigualdade de poder nas relações sociais. Tanto o preconceito como a discriminação vivenciada pela comunidade é equiparada às diferentes formas de racismo a nível internacional. Este relatório também reconhece a necessidade de haver legislação, e mesmo melhor educação, na exacta medida de combate à discriminação³⁷. No entanto, há que afirmá-lo, se os relatórios de 1983 e 1995 reconhecem a comunidade *traveller* como um grupo cultural distinto, não aprofundam a medida a ponto de considerá-la um grupo étnico e logo a discriminação de que aquela comunidade é alvo não é legalmente considerada racismo. Este não reconhecimento vem até aos dias de hoje – esta desvirtualização de palavras cria uma realidade em tudo diferente ao contexto, onde a convivência política é cabalmente conotada à sua acção.

Até certo ponto, a evolução constituída nos diferentes relatórios terá que ver com o Comitê de Inquérito ao Racismo e Xenofobia (1991) por parte do Parlamento Europeu, aonde este afina que o grupo étnico mais discriminado na Irlanda é a comunidade *traveller*, sendo este o único Estado Membro que, à altura do comunicado, não tinha assinado a Convenção das Nações Unidas para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial e, portanto, devendo fazê-lo o quanto antes. Por outro lado, a Comissão dos Direitos Humanos das Nações Unidas no seu relatório sobre a eliminação do racismo e discriminação racial (1994), e ao lidar com as suas diferentes formas, na contemporaneidade, avança que “*gypsies, also called Tsiganes, Rom or Romanies, are a group which is particularly targeted by rising racism and xenophobia in Europe*” (*Travellers in Ireland: An Examination of Discrimination and Racism*, sem-data, p.5). Seguindo o mesmo documento e no que diz respeito à Irlanda, a comunidade *traveller* é um alvo crescente de discriminação, aonde os serviços que lhe são facultados, muitas das vezes, não expressam as suas necessidades. Podemos concluir este raciocínio com o relatório do *The Minority Rights Group International*, de 1995, “*policies towards Roma/Gypsies have always constituted, in one form or another, a negation of the*

³⁷ Diferentes tipos de discriminação são apontados: o nível individual, interpessoal e mesmo institucional. A discriminação vivenciada pela comunidade pode ser directa, indirecta, intencional ou não intencional.

people, their culture and their language. Past policies can be broadly grouped into three categories: exclusion, containment, and assimilation” (Travellers in Ireland: An Examination of Discrimination and Racism, sem-data, p.5).

Caminhos não cruzados

Como já constatamos, há uma panóplia dimensional na vida humana, onde se interligam os diferentes sectores, afectando-se mutuamente. Esta relação multiplicativa das diferentes dimensões humanas funciona tanto para o sucesso como para o insucesso. Assim, um multiplicador social de insucessos conduzirá, invariavelmente, à exclusão social, podendo este assumir múltiplas formas. Esta acção “empurra” os indivíduos da esfera dos bens e dos privilégios económicos, do mundo dos valores, da escolaridade normal e de um meio familiar condigno – abrangendo tanto as relações sociais assim como as representações que lhe são próprias. A etnicização, para além da pobreza e da miséria como formas mais comuns de exclusão, assume um papel capital nas relações humanas. Sentimentos de atracção e de repulsa jogam-se em função das afinidades existentes. Procura-se a semelhança de valores e atitudes, sendo esta uma função da proximidade sócio-cultural. Ao negar ao outro as propriedades intrinsecamente humanas perpetuamos a fuga à relação. Torna-se uma não relação. Para evitar e/ou contornar esta muralha simbólica que impossibilita a concretização das diferentes ambições de cada indivíduo, muitos há que optam por esconder a sua identidade/grupo de pertença para assim melhor se movimentarem (se não no grupo de referência) num contexto cultural que não o seu por natureza.

Acrescente-se à *racização* e à *eticização* o fenómeno do racismo que, com frequência, surge associado à presença de grupos étnicos nas sociedades hodiernas. Aquele “*reporta-se ao universo simbólico de comportamentos e valores. A este domínio são referenciáveis três níveis de análise: o preconceito, enquanto sistema de atitudes e disposições, a segregação social e a discriminação racial, que remetem para as práticas de exclusão e para aspectos de ordem contextual*” (Mendes, 1997, p.220). Em consonância, dois princípios se lhe associam: o da inferioridade e o da diferença. Assim, o preconceito, enquanto forma de pré-juízo ou pré-julgamento sem conhecimento de facto, alimenta os estereótipos negativos relativamente a uma determinada comunidade. Esta correlação de raciocínio veicula a ideia de superioridade de uma cultura em relação a outra – puro *versus* impuro. Deste modo, podemos concluir que se há consenso no que diz respeito ao reconhecimento do baixo estatuto, marginalização e das desvantagens gerais da comunidade *traveller*, mais dificilmente os decisores políticos farão a leitura de que aquelas são causadas

pela discriminação e diferentes formas de racismo e de exclusão que se alargam nas mais variadas dinâmicas da vida humana.

É errôneo relacionar unicamente o racismo com as diferentes cores de pele. Esta confusão sobe de tom quando intercruzam-se conceitos tais como os de raça, relações raciais e nacionalidade. Neste sentido, é frequente a ideia de que a comunidade *traveller* não pode experimentar formas de racismo porque eles são efectivamente brancos, não pertencem a uma outra *raça humana*³⁸ e não têm uma nacionalidade diferente em relação à restante população irlandesa. Veja-se o exemplo escrito do *Committee of Inquiry into Racism and Xenophobia*, de 1990. Assim, “*Ireland is a racially homogeneous country with no ethnic minority groups. As a consequence there are no racial problems of the kind experienced in countries with such groups. Neither is there a large presence of foreigners... the position could alter if the influx became sustained... there is however a minority group of travelling people giving rise to some of the problems associated with racism*” (Travellers in Ireland: An Examination of Discrimination and Racism, sem-data, p.6).

O racismo é um fenómeno perspectivado a partir da colonização quinhentista, dos conflitos religiosos e dos antagonismos ao nível das relações sociais. Ou seja, a relação torna-se inevitável, pois os grupos que se opõem entre si pertencem a um só e mesmo espaço social. A relação com o outro pode então ser de repulsa e/ou de exclusão tendo em conta que a exterioridade tornou-se, devido à aproximação dos grupos, interioridade. A rejeição, sob diferentes formas, é um elemento marcante nas relações quotidianas entre ciganos e não ciganos. Por vezes, especialmente em períodos de crise, o antagonismo aumenta resultando, crescentemente, numa conflitualidade que se exterioriza na insegurança permanente vivenciada pela comunidade cigana. Acrescente-se também a informalidade nas relações na forma de racismo informal. Assim, este “*utiliza as piadas para difundir preconceitos e estereótipos e relativamente ao qual se julga que não contém o perigo real de discriminação e exclusão – que é amplamente tolerado e suscita indulgência*” (Saúde e Liberdade, 2001, p.217). Deste modo, podemos afirmar que o racismo é uma forma de discriminação e de exclusão social vivenciada pelas minorias étnicas. Baseia-se na ideia de superioridade de uma determinada cultura em relação a uma outra, devido à sua etnicidade, cor da pele ou nacionalidade.

³⁸ A designação de diferentes *raças* para caracterizar as diferentes populações do Globo deixou de ter fundamentação científica. Não se pretende negar as diferenças, por exemplo, de cor da pele das populações do planeta, mas sim as interpretações sociais que lhe estão associadas, como a hierarquização dos povos consoante aquele princípio.

A realidade da desigualdade de poder associada aos preconceitos estimula a que um grupo ameace, de forma racista, um outro grupo através da negação de oportunidades, recursos e dos processos de decisão política³⁹. O indivíduo deixa de o ser, individualmente como pessoa, para passar a ser considerado apenas como membro de um grupo social, ao qual, deve possuir as características negativas e a identidade negativa inerente ao grupo. Normalmente as acusações referem-se à totalidade dos membros do grupo e qualquer um dos seus membros é sujeito e alvo do mesmo tipo de acusações. A irredutibilidade profática dificilmente sucumbirá à ideia de partida – eis o estereótipo, pouco serve lembrar que os indivíduos não podem ser vistos como meros vectores do grupo nem têm de carregar sobre si a conservação da identidade de grupo, por outro, este ultimo não é imutável quer a factores internos quer externos. Assim, o racismo atenta contra o mais básico dos direitos humanos: a dignidade e o respeito pelo ser humano⁴⁰.

Esta relação de desequilíbrio entre os grupos leva-nos a perguntar que espaços e de que forma as culturas minoritárias se poderão manifestar num contexto tentacular da cultura e comunicação de massas, aonde os espaços públicos para a negociação se reduzem na exacta medida do seu poder e prestígio social, sobretudo quando a sua experiência vivida é indissociável da dominação ou da rejeição social, da discriminação, ou da indiferença, que é expressão de não-reconhecimento e de negação da humanidade. Podemos então descortinar que, numa determinada contextualidade multicultural, os grupos étnicos estão geralmente envolvidos em situações de conflitualidade, discriminação e dominação submetendo-se, por força das circunstâncias, aos patamares mais baixos da esfera societal. Assim, a imobilidade social é justificada e legitimada pela cultura dominante/maioritária.

François Dubet (Seabra, 1994, p.90) afirma que o racismo não se relaciona com a distância cultural dos grupos que dele são vítimas. Exemplificando a sociedade francesa, defende que esta marginaliza precisamente os que nela se procuram integrar e porque nela participam. Os grupos que pouco se dão a conhecer, distanciando-se social e culturalmente, tornam-se minorias pouco visíveis e logo mais toleradas. Incorre aqui perguntar se tal leitura

³⁹ A Declaração da Raça e do Preconceito Racial (1978) proferida pela UNESCO afirma que “*any theory which involves the claim that racial or ethnic groups are inherently superior or inferior, thus implying that some would be entitled to dominate or eliminate others, presumed to be inferior, or which bases value judgements on racial differentiation, has no scientific foundation and is contrary to the moral and ethical principles of humanity*” (Travellers in Ireland: An Examination of Discrimination and Racism, sem-data, p.9).

⁴⁰ A discriminação racial é definida no Artigo Um das Nações Unidas, Convenção Internacional para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial (1965), como: “*any distinction, exclusion, restriction or preference based on race, colour, descent, or national or ethnic origin which has the purpose or effect of nullifying or impairing the recognition, enjoyment or exercise, on an equal footing, of human rights and fundamental freedoms in the political, economic, social, cultural or any other field of public life*” (Pavee Point Travellers Centre, sem-data, p.7).

poderá ser transposta à comunidade *traveller*, sabendo que esta se fecha na procura da sua preservação cultural e modos de vida. Na medida em que a sociedade irlandesa (à imagem da sociedade Ocidental) atravessa uma crise sócio-política-económica, pode-se predefinir que há uma selectiva estratificação de classes sociais na luta pelo poder económico e, consequencialmente, social, criando uma certa aversão às minorias. Alguns politólogos e sociólogos já apelidaram esta nova forma de relacionamento inter-cultural de neo-chauvinismo ou neo-racismo. Resta acrescentar que em épocas de crise busca-se o tão famigerado bode expiatório – quanto mais esotérica a *vítima* tão mais facilmente se constrói um discurso coerente que passa às massas.

É preciso relembrar o poder dos *media* nos dias de hoje – tanto a nível nacional como regional – que, invariavelmente, (re)produzem os estereótipos que em nada contribuem para a pacificação das relações sociais entre a comunidade *traveller* e a comunidade autóctone. Compactuam, assim, para a construção de uma identidade atribuída desvalorizada. Frases como: “*it just doesn’t happen in a civilised society*” (Sunday Independent, 25 de Maio, 1997), ou “*is a life of appetite ungoverned by intellect... it is a life worse than the life of beasts, for beasts at least are guided by wholesome instinct. (...) This Tinker “culture” is without achievement, discipline, reason or intellectual ambition. It is a morass*” (Sunday Independent, 28 de Janeiro, 1996), ou ainda, “*they are dirty and unclean. Travelling people have no respect for themselves and their children*” (County Councillor citado no Irish Times, 13 de Março, 1991). Visões merecedoras de serem vinculadas ao século XVIII pairaram em plenos anos 90 do século XX. Assim, a sombra de *Malthus*⁴¹ esvoaça nesta frase: “*Deasy suggests birth control to limit traveller numbers*” (cabeçalho do Irish Times, 14 de Junho, 1996). *Austin Deasy*, deputado pelo *Fine Gael*, via na limitação do número de nascimentos a forma mais eficaz de controlar a cultura *traveller*, ao mesmo tempo em que esta era melhor assimilada pela cultura irlandesa. Esta visão das coisas parte do pressuposto de que as tradições da referida cultura não são um direito divino, assumindo que virá o dia em que terão de se adaptar aos novos tempos. Todos estes discursos veiculados pelos *media* contribuem para a criação de um contexto ideológico que legitima políticas coercivas e práticas discriminatórias vivenciadas diariamente pela comunidade *traveller*⁴². Estas representações e construções da

⁴¹ *Malthus*, na sua obra, publicada em 1798, “*Essai Sur La Loi de la Population*”, escreveu a célebre passagem do banquete. Neste, quem está a mais deverá afastar-se para não perturbar a ordem estabelecida. Neste texto, aonde é notório o egoísmo de classe, a assistência aos pobres é inútil, pois só serve para os multiplicar, sem os consolar. Apelava, deste modo, ao controlo do crescimento da população.

⁴² Se nos anos 60 e 70 os *media* tinham uma linguagem explícita da problematização desta temática, nos anos 80 o discurso tornou-se mais sofisticado em termos de exclusão, aonde a comunidade *traveller* é sempre vista como a mais baixa *casta* da sociedade irlandesa. Mesmo na Europa Ocidental, nos anos 90, sentimentos anti-gypsy

realidade acabam por cristalizar a inferioridade social dos seus membros. Ser *Traveller* é, desde logo, estar confrontado com a desqualificação colectiva do grupo⁴³, o que, não raro, caminha a par de uma trajectória marcada por uma difícil, ou mesmo impossível, inserção social nas suas diversas componentes.

Os mitos assim divulgados tomam a forma de práticas diárias e de dogmas posicionais que esbarram, muitas das vezes, com a concreta realidade da referida comunidade. Assim, muitas vezes é arbitrariamente vedado aos membros desta comunidade o livre acesso a lugares públicos ou serviços, tais como: lojas, pubs, lavanderias, restaurantes ou estabelecimentos de convívio⁴⁴. De forma não esporádica recebem ameaças verbais e físicas. Não raro têm dificuldades em conseguir um seguro automóvel pelo simples facto de pertença à comunidade. Durante muitos anos a comunidade *traveller* sofreu segregações pelos serviços de segurança social. As associações de residentes tudo fazem para evitar ter como vizinhança membros daquela comunidade. Esta lógica de exclusão esbarra com a ideia de estabilizar-se num determinado espaço e, assim, deixar de ser nómada. Por outro lado, as pobres condições habitacionais⁴⁵ de muitos membros da comunidade *traveller* serão um dos principais factores que potenciam a sua fraca saúde e uma menor esperança média de vida comparativamente à sociedade em geral⁴⁶. Algumas escolas recusam receber crianças desta comunidade com o pretexto de estarem esgotadas, mas se são admitidas é-lhes imposta um *curriculum* que ignora completamente a sua cultura e identidade. Todas estas situações constituem, aos olhos de alguns membros da comunidade e de várias organizações, formas explícitas de racismo institucional – acrescente-se, por um lado, que o quase total desconhecimento sobre a cultura em questão potencia as atitudes referidas, por outro, a posse de uma fraquíssima literacia inibe-os de acederem a serviços tidos por direito o que impossibilita, na prática, o exercício dos seus direitos de cidadão. Aqui está um dos factores chave para a sua efectiva inclusão.

fustigaram os media de países como a Bélgica, Finlândia, Alemanha, França, Irlanda, Itália, Holanda, Noruega, Espanha, Suíça ou o Reino Unido. Todo o alarmismo deveu-se às supostas *invasões de ciganos*.

⁴³ Um membro da comunidade afirma que “*if they have a bad experience with one Traveller, they blame all Travellers. I don’t think that should be the way. (...) Travellers all get tarred with the same brush*” (Auld Pavee Beoirs and Glokes, 2008, p.9).

⁴⁴ “*If you’re allowed into a pub, you’re afeared to open your mouth and you’re so thankful to get in. It’s an awful way to have to live, there’s a bitterness and a hate*” (Joyce, 2000, p.XIV).

⁴⁵ Quando bem planeado e estruturalmente organizado a habitação tem um papel primordial na inclusão social. Assim, as condições podem chegar a um ponto de não retorno, ou seja, de eficaz e integral inclusão. Incorre fazer algo quando as estatísticas afirmam que muitos membros das comunidades *gypsies* pela Europa vivem abaixo das condições mínimas exigidas. Neste caso, a inclusão terá de ser feita no contexto mais geral da sociedade e não numa intervenção unicamente direccionada à dita comunidade.

⁴⁶ Se o homem *traveller* vive menos 10 anos comparativamente aos respectivos sedentários, a mulher *traveller* vive menos 12. Nesta comunidade a mortalidade infantil é mais que o dobro da média nacional. A relativamente mais baixa esperança média de vida é um forte indicador do pobre estatuto no que à saúde (mas não só) da referida comunidade diz respeito.

Como acaba por afirmar Nan Joyce, “*you think things are changing, and a lot does change but still you’re only begging to be left alive and a lot of traveller children grew up with very bad nerves from years of being hunted by the police and being bulldozed down and their trailers being broken*” (Joyce, 2000, p.XIV). Esta mobilidade, ora voluntária ora imposta, dificulta a construção de laços de amizade bem como a frequência diária da escola – factores tão importantes na construção da personalidade de um qualquer jovem. Na sua autobiografia Nan Joyce sintetiza que “*if you had any brain at all you knew that the travellers weren’t wanted*” (Joyce, 2000, p.40). Ao porquê de a comunidade aparentemente não se querer fixar num determinado lugar, Joyce atira que “*but we don’t get the chance because we’re hunted from place to place*” (Joyce, 2000, p.80). A capacidade de mobilidade e o habitar na berna da estrada tinha várias funções *manifestas*, entre outras, de evitar o isolamento e assim a convivialidade intragrupo (e mesmo intergrupo), permitia adaptação ao mercado e às oportunidades de negócio, por outro, de forma *latente*, inculcia a construção de memórias partilhadas, bem como evitar conflitos com os seus pares e a comunidade autóctone – e assim a partida para um novo espaço. Resta dizer que a não existência de lugares legalmente específicos para que possam acampar leva a que, invariavelmente, transgridam a lei no que à propriedade privada diz respeito. Mergulhado nas relações sociais quotidianas, o ciclo vicioso repete-se como que inconscientemente. Cresce a indiferença e a intolerância! “*Travellers should be free from any feeling that they are being placed in a reservation*” (Assimilation Policies and Outcomes: Travellers’ Experience, 2005, p.38).

Como já afirmado anteriormente, mais do que o nomadismo – diga-se que esta forma de vida cinge-se a uma pequena minoria⁴⁷ –, o que provoca reacções *anti-traveller* tem mais que ver com a sua própria identidade cultural, desconcertante aos olhos da sociedade em geral. Incorre afirmar que esta distância nas relações nem sempre assim foi. Tempos houve em que a capacidade de mobilidade da comunidade *traveller* desempenhava um importante papel económico e social. Trazer a notícia e o entretenimento, trabalhar o metal e fazer o comércio de cavalos e burros fazia parte do seu quotidiano. Eram economicamente necessários embora, muitas vezes, não bem vindos – a mobilidade como antecâmara de um novo recomeçar. Assim, “*the land reforms of the 1880s produced a new rural class of landowners, but Travellers retained their distinct roles, though with increasing strains. With new developments in transport, communications and means of production in the twentieth century, Travellers’ rural roles became increasingly irrelevant and – paralleling the general*

⁴⁷ De qualquer forma, “*um Viajante é um Viajante ainda que não viaje e o que o define está enraizado nele*” (Cani in Saúde e Liberdade, 2001, p.207).

population – they moved increasingly into towns and cities. The aspirations of settled people rose, and their perception of Travellers became more consistently negative and hostile” (Assimilation Policies and Outcomes: Travellers’ Experience, 2005, p.12). Podemos constatar a inadaptação (ou adaptação tardia) aos novos adventos como, por exemplo, os novos meios de comunicação, o modo de vida urbano e o plástico. Por outro, a prevalência das relações familiares dificulta a penetração num mercado de trabalho cada vez mais impessoal e terciarizado aonde os ritmos e vivências afastam-se do contexto e compreensão daquelas formas de convivialidade.

*You’ve got to move fast to keep up with the times
For these days a man cannae daunder
There’s a bye-law to say you must be on your way
And another to say you can’t wander.*

in Joyce, 2000, p.39

*Once you could pull in with your caravan
To a sheltered spinney or to open ground
But the law moved in with the barbed-wire fence
And they said that your camp was a prime offence
And told you to shift and keep on going
And move along, get along, move along, get along,
Go: move: shift.*

in Joyce, 2000, p.75

Organizações e grupos de apoio à comunidade *traveller* estão atentas a estas dinâmicas. Aquelas tentam, de forma estruturada, criar alianças com outros grupos étnicos minoritários. A Plataforma Contra o Racismo constitui uma coligação de organizações não governamentais que empenhadamente lutam contra o racismo e pela promoção do interculturalismo. Para além de fornecer informação e esclarecimento à comunidade que representam, aquelas organizações também contribuíram para colocar o anti-racismo na agenda de outras organizações e projectos, tais como: *Community Development Programme*, *Area-based Partnership Companies*, organizações juvenis e organizações feministas. Da mesma forma, têm sido criados *links* e formas de conexão com organizações a nível europeu. Esta dimensão transnacional permite uma maior visibilidade das suas acções bem como criar plataformas de identificação e de luta contra o racismo e a discriminação. Assim, organizações *traveller* têm desempenhado papéis de relevo, por exemplo, na *European Anti-Poverty Network* (E.A.P.N.) ou em eventos como o Fórum Social. Estas formas de visibilidade criam mecanismos que, por si só, não transformam completamente a realidade circundante, mas que apela, de ambas as partes, o compromisso e a consciencialização de que o trabalho conjunto permitirá uma mudança de atitudes para com a (in)diferença.

A intervenção estatal ao lidar com esta questão tem acções, por vezes paternalistas, por vezes inconsequentes. Aqui poderemos perceber as tentativas de integração e de inclusão. Aquela vista mais como uma assimilação por parte da cultura dominante face à cultura alternante, esta mais como uma tentativa de junção de culturas sem que nenhuma das partes perca a sua essência identitária, sendo possível, para o efeito, a vivência no mesmo espaço geográfico, derivando, tendencialmente, a harmonia nas relações entre os indivíduos de diferentes grupos⁴⁸. Esta procura de balanço (essa eterna concretização humanamente inacabada) tem no papel do Estado o seu principal inculcador desde que o Estado-Providência se formou nas sociedades ocidentais modernas. Resta dizer que a intervenção do Estado pauta-se, muitas das vezes, por políticas direccionadas exclusivamente à comunidade cigana não havendo, nesse sentido, uma tentativa de sensibilização à multiculturalidade, bem como de prevenção e resolução de conflitos inter-étnicos. Assim, “*all thinking and all action concerning Gypsies and Travellers must be based on an essential parameter: culture, its existence, its dynamics, its past and future. When this parameter is ignored, be it through oversight, lack of reflection, or deliberately, policies run aground and actions do not produce the desired effects*” (TF Report in Assimilation Policies and Outcomes: Travellers’ Experience, 2005, p.39).

A visão dogmática de integração parte do pressuposto que, existindo uma só cultura aceite, porque maioritária e dominante, a cultura cigana somente será aceite quando deixar de o ser verdadeiramente. Isto significa tornarem-se iguais à maioria e consequentemente assimilados pelo *mainstream* cultural. O diferente é problemático por o ser. Este nivelamento exercido pelo mais forte, forma de violência simbólica culturalmente aceite e reproduzida pelos media, tende a esbater as diferenças provocando ao outro a fuga dentro de si mesmo, na exacta medida da sua preservação identitária e cultural⁴⁹. Cristina Garaizabal enfatiza, na obra Saúde e Liberdade, o papel da mulher como forma de preservar a cultura. Os mandatos clássicos da feminidade tradicional na defesa de uma cultura que se vê ameaçada, reforçando-se, deste modo, o papel tradicional das mulheres. Vistas como as educadoras das gerações futuras, as mulheres constituem um elemento fundamental para a transmissão das tradições culturais. A família, como núcleo de socialização primordial, adquire também uma relevância particular no caso dos grupos sociais que não se sentem representados nem reflectidos nos

⁴⁸ Nesta medida, é preferível o termo Inclusão Social a Integração Social. Este passa pela sobrevalorização de uma cultura em relação a outra, aquele busca a harmonização das culturas, respeito e aceitação das diferenças – o que se consegue através do reconhecimento das diferentes culturas que constituem uma sociedade.

⁴⁹ Uma das principais acusações que se fazem às comunidades ciganas, em geral, é a de serem muito fechadas. Deste modo, ao longo dos séculos, os processos de aculturação, assimilação e de perseguição xenófoba e racista não têm surtido o efeito pretendido.

sistemas de ensino institucionalizados – neste contexto de fechamento, qualquer modificação do papel social da mulher pode ser vivido como uma ameaça para o colectivo. Deste modo peculiar de anseio pela liberdade e igualdade do papel feminino e a preservação e a luta pela representação cultural podem encontrar-se muitos membros da comunidade cigana provocando, não raras vezes, crises internas e conflitos grupais⁵⁰. Como não se questionar sobre o papel feminino ao ler as palavras: *“a Romani girl who lives in the ghetto, like her parents and grandparents before her, knows no other life. Everyday she meets people who did not go to school or did not finish and people who are unemployed or perform unskilled jobs. Thus, in the absence of positive role models and mentors, under the weight of traditions rooted in patriarchy, coupled with the broad issue of racial discrimination, Romani girls remain seriously handicapped from participating fully in, and enjoying the benefits of education”* (The Situation of Roma in an Enlarged European Union, 2004, p.34). Pelas palavras ditas reflecte-se a possibilidade de interacção com indivíduos de diferentes classes e estatutos como uma forma de quebrar o ciclo das desvantagens.

Poderemos afirmar que *“a defesa de uma identidade está patente em todas as culturas, essa defesa passa pela afirmação de uma série de indicadores culturais como o vestuário, os adornos, a alimentação, a música, a dança, a língua, a religião, os rituais, as festas, os valores e as ideias. Passa também pela congregação socio-espacial e até pelo isolamento como forma de defesa desses mesmos indicadores. A comunidade cigana é um exemplo representativo de como um grupo se pode fechar, demarcando-se, mesmo geograficamente, para a preservação da sua própria cultura e maneira de estar”* (Saúde e Liberdade, 2001, p.50). Assim, entende-se a entidade distinta e de solidariedade para reforçar as barreiras face ao exterior. O desenvolvimento de certas formas de tabu e de crenças permite a um grupo marginalizado, mais do que simplesmente seguir uma tradição, manter a sua identidade e cultura contra as forças da assimilação. Judith Okely afirma que *“one way of remaining different is by pollution beliefs which both express and reinforce an ethnic boundary. The Gypsies’ beliefs not only classify the Gorgio (non-Roma) as polluting, but also offer the means to retain an inner purity. If certain observances are maintained, the Gypsies can enter Gorgio territory unscathed”* (The Situation of Roma in an Enlarged European Union, 2004, p. 9). De qualquer forma sabemos que nada é estático e imutável. Como afirma António José

⁵⁰ Esta hipotética luta no feminino, transversalmente presente em todas as culturas ocidentais (mas não só), é paralela à luta pela dignidade daqueles que se encontram na fase mais avançada da vida. Acresce à discriminação, o isolamento e solidão – tão comuns às populações mais idosas.

Saraiva, tal como o destino final do homem é a morte biológica, o destino da cultura também é a morte.

Ocorre sempre o pensamento da distância cultural entre ambas as partes, bem como a noção histórica da temporalidade vivida no mesmo espaço geográfico. Séculos passaram sem que as barreiras tenham eclodido. Existe usufruto dos mesmos espaços numa sua valorização diferenciada. A grande percentagem de abandono escolar nos primeiros anos de estudo demonstra bem o choque cultural que é a sua frequência pelas crianças da comunidade *traveller*. Visto como algo enfadonho, sem sentido, fora do seu universo de representações imediato, a escola (que predominantemente incute o ensino monocultural) rapidamente deixa de pertencer ao seu espaço de acção. Por vezes, o medo e a vergonha de pertença à comunidade imperam nas atitudes das crianças. Vítimas de *bullyzação*⁵¹, as crianças da comunidade *traveller* respondem com o desconcerto comportamental nas salas de aulas. A necessária construção de pontes entre professores e a escola, por um lado, e os alunos e as famílias, por outro, leva ao questionar da figura do mediador cultural⁵². Neste sentido, a inclusão social passa também pelas escolas não descortinando, claro está, a preservação da identidade cultural⁵³.

Aqui entramos num dos grandes marasmos teóricos na exacta medida da sua difícil conceptualização: o termo *cultura* suscita interrogações no sentido da sua definição e balização. Poderemos simplificar a sua demarcação afirmando que aquela opõe-se a natureza ou natureza, isto é, abrange todos os objectos ou operações que a natureza não produz e que são acrescentados pela humanidade, sendo, deste modo, um processo dialéctico já antevisto pelos Gregos e formulado mais recentemente por *Hegel*. Este sentido mais extenso do termo *cultura* coincide com o de *civilização*. No sentido mais restrito, entende-se por cultura todo o conjunto de actividades lúdicas ou utilitárias, intelectuais e afectivas que caracterizam um determinado povo.

⁵¹ Desculpe-se o estrangeirismo. Tão em voga, a intimidação e as atitudes provocatórias e agressivas para com os colegas e professores constituem matéria, mais que muita, para outros espaços de reflexão. Resta afirmar que os poucos jovens da comunidade que prosseguem os estudos ao nível do secundário e universitário são, por outro lado, vítimas de gozo e ostracização por parte de elementos da sua própria comunidade. Ao saírem das fronteiras definidoras do modelo do que é ser *Traveller* pagarão com a expulsão simbólica e prática do grupo. Isto leva a que se situem no terreno de ninguém.

⁵² Sem exageros podemos afirmar que programas educacionais de segundas oportunidades são, de facto, primeiras oportunidades para muitos dos membros da comunidade.

⁵³ Esta incomunicabilidade devido à diversificação das línguas indo-europeias ao longo dos séculos levou ao mito da Torre de Babel, segundo a qual a variedade das línguas no mundo é uma consequência da rivalidade entre os deuses e os homens. Esta incomunicabilidade entre os idiomas é sentida como um castigo divino e um mal sobre os homens.

Como já enfatizado anteriormente, como forma de adaptação à modernidade ocidental, a comunidade *traveller* terá de se deparar obrigatoriamente com concessões, pois o seu sistema social e económico estão ainda bastante desfazados da realidade vivenciada por aquela. A assimilação em determinadas situações é inevitável. As exigências do mercado capitalista tornam-se incompatíveis em face de certas lógicas e estilos de vida que preservam tradições que chocam com a realidade circundante. Deste modo, está sempre presente o perigo de aumento do fosso entre as partes. As culturas estão cada vez mais *híbridas* (no sentido de interpenetração de ideias e valores entre os diferentes povos sujeitos à *globalização mundializada*), mas será sempre um erro menosprezar a identidade de grupo à qual aquela comunidade se vincula.

*All you free born men of the travelling people
Every tinker, rolling stone and gypsy rover
Winds of change are blowing, old ways are going
Your travelling days will soon be over.*

In Joyce, 2000 p. 14

A grande maioria da comunidade *traveller* está sedentarizada ou tem residência permanente. Mesmo após o abandono do nomadismo e adopção de uma residência fixa continua a existir um grande desconhecimento pela sua cultura e modos de vida, ressaltando, a olhos vistos, o seu lado mais nefasto e as fugas e desvios à norma. Esta catalogação mediatizada pelas diferentes formas de comunicação, permite a generalização a toda a comunidade⁵⁴. Geralmente esta comunidade quando é noticiada é-lhe referenciada os dotes artísticos ou os actos de delinquência. Deste modo, os grupos socialmente estigmatizados não escolhem a sua definição, pois é-lhes imposta do exterior: coloca-se-lhes um rótulo e têm de o carregar⁵⁵.

Contrapondo esta associação terminológica de *cigano como delinquente*, que acaba por provocar a generalização prejudicial à sua melhor inclusão, quer individual quer colectiva, na sociedade mais vasta, há a necessidade de encontrar mecanismos, espécie de canais de transmissão, que exponham e desmintam as informações falsas e exageradas e, por outro, dê a conhecer todo um património milenar que se estende, um pouco, por toda a Europa. Um dos mais fascinantes desafios com que o velho continente se depara é exactamente o respeito

⁵⁴ Os media, esses *grandes artesãos da criação de estados de opinião*. O horizonte cognitivo de grande parte dos cidadãos é determinado e circunscrito, quase exclusivamente, pelo conteúdo dos media.

⁵⁵ Como forma de existir e lutar contra os preconceitos existentes há a necessidade de desconstrução destes rótulos impostos por terceiros (heterodesignados) e o processo de designação por si mesmos (autodesignação), que implica, frequentemente, a construção de uma nova identidade colectiva, alternativa à anteriormente atribuída de fora.

pelos direitos humanos que, como sabemos, afecta grandemente aquela comunidade de forma transversal ao continente.

2 – Objecto Empírico

O estudo será efectuado na vila de *Ballygar*, bem como na pequena cidade de *Tuam*, ambos no distrito de *Galway*.

Em relação àquela vila, não há nenhuma associação organizadamente conotada com a comunidade *traveller*. Existe o *Family Resource Centre*, mas este faculta informação e apoia qualquer pessoa/identidade que lhe requisite os serviços. Por sua vez, o *Adult Education Centre*⁵⁶ é frequentado maioritariamente pela comunidade *traveller*. *Ballygar* tem pouco menos de três mil habitantes (de acordo com os *Census* de 2006), tendo entre 15 a 20 famílias pertencentes à comunidade *traveller*.

No que diz respeito a *Tuam*, esta tem à volta de 7.500 habitantes, sendo mais de 7% da sua população residente pertencente à comunidade *traveller*, onde o próprio presidente de Câmara (*Mayor*) é membro daquela comunidade⁵⁷. É maior a dinâmica existente nesta pequena cidade – existe a *Western Traveller and Intercultural Development* (W.T.I.D.) bem como o *Heritage Centre*. Serviços e espaços directamente direccionados para a comunidade *traveller*.

Deste modo, propõe-se o estudo destas duas pequenas localidades – *Ballygar* sem uma estrutura de apoio direccionada à comunidade *traveller*, enquanto que em *Tuam* há, como se constata, diferentes plataformas onde a referida comunidade se sentirá representada. Assim, perceber as suas dinâmicas diárias e de que forma e em que contextos se movimentam na busca ínfima dos seus objectivos conduzirá o nosso estudo de terreno.

As entrevistas serão conduzidas na organização *Western Traveller and Intercultural Development* (W.T.I.D.). Esta organização foi fundada em 1984 segundo o nome de *Tuam Travellers Support Group*. A ideia basilar era de que a comunidade *traveller* teria que se tornar forçosamente activa e de se adaptar ao novo contexto sócio-económico. Esta organização apoia medidas que promovem a educação, os mais variados cursos e formações, bem como oportunidades de emprego para a comunidade. Os mais diversos programas ligados à juventude, a sempre pertinente questão do alojamento, a pré-primária, bem como os cuidados de saúde básicos e prevenção no que ao álcool diz respeito fazem também parte do

⁵⁶ Devido aos cortes orçamentais o *Adult Education Centre* foi mesmo encerrado em finais de Junho de 2010.

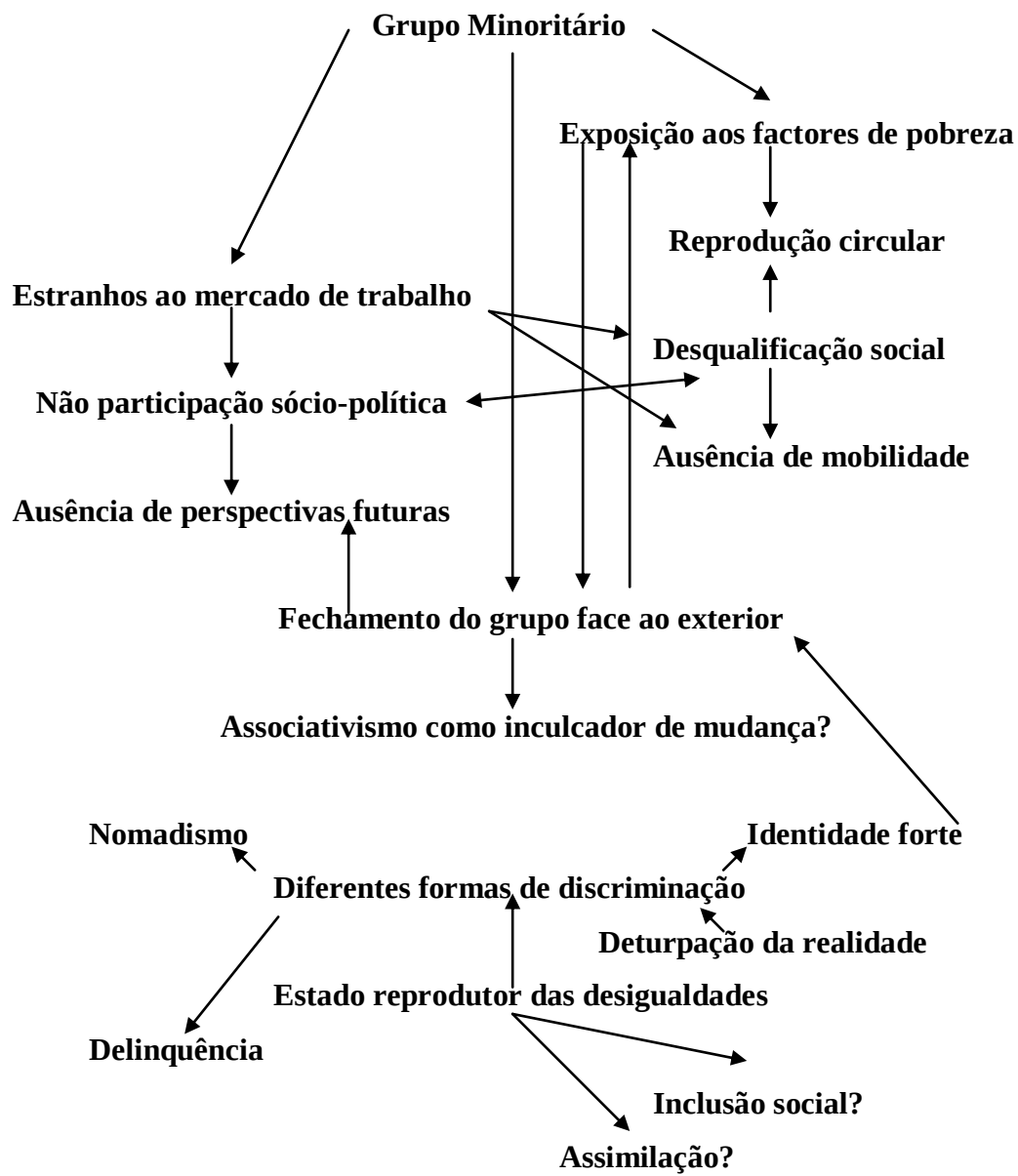
⁵⁷ De todas as cidades com mais de 5.000 habitantes, *Tuam* é a que apresenta a maior percentagem de elementos da comunidade *traveller*. Segundo os *Census* locais de 2008 há 255 famílias em *Tuam* e aproximadamente 1.100 indivíduos.

seu programa de apoio à comunidade *traveller*. Alguns destes programas são feitos em parceria com outras organizações e associações tendo como meta o desenvolvimento de plataformas que promovam a comunidade local. A W.T.I.D. é administrada por um corpo voluntário de directores e tem estatuto de caridade.

A *observação participante* será efectuada em *Ballygar* e *Four Roads*. O *Family Resource Centre* (que tem sede naquela primeira aldeia) desenvolve um projecto de jardinagem orgânica ao qual sou o *manager*. Este projecto tem lugar em *Four Roads*, a 6 km daquela aldeia. Tendo em conta o meu contacto diário e constante com três membros da comunidade *traveller*, em *Four Roads*, bem como o meu envolvimento e participação nas dinâmicas diárias que se proporcionam no *Resource Centre*, em *Ballygar*, optou-se por esta técnica de recolha de dados.

3 – Breve esquema do modelo de análise

“A *selecção de indicadores implica com grande frequência o accionamento e problematização de um sistema de relações cruzadas entre amplas zonas da matriz teórica e conjuntos de indicadores que plausivelmente a elas possam estar associadas*” (Almeida; Pinto, 2001, p.73). Com o quadro hipotético explicativo das dinâmicas sociais pretende-se interrogar a realidade, readaptando-a às novas pistas empíricas. Para tal, há que haver abertura (imaginativa) e uma grande dose de sensibilidade teórica – modelo de adaptação contínua que leva o investigador a *acompanhar os movimentos do seu objecto*. “O que se defende aqui é que o modelo conceptual esboçado a partir dos primeiros contactos com o terreno e baseado na revisão bibliográfica tradicional seja entendido como a representação hipotética do que se pensa existir na realidade, isto é, como um modelo explicativo potencial. Assim, não parece haver lugar para a elaboração de hipóteses de pesquisa, no sentido tradicional do conceito, as quais se baseiam na relação linear entre variáveis, concebendo-se regularidades que se espera encontrar. De facto, estamos num quadro de análise de processos e de dinâmicas, pretendendo-se não apenas uma mera descrição da realidade, mas também a interpretação do sentido das dinâmicas sociais” (Guerra, 2008, p.39). Veja-se o esquema 1:



Capítulo II

1 – Metodologia de investigação

Explicar o social pelo social e só pelo social é ainda uma regra (Durkheimiana) basilar no entendimento e no rompimento com as pré-noções tidas do conhecimento corrente. Sem muitos alongamentos, que se poderiam circunscrever a três itens de entrave ao conhecimento sociológico, diríamos que a *Natureza*, por referência à *Cultura*, como tentativa absolutista, sem margem de relativismos, de explicação dos fenómenos pela componente *natura* (natureza biológica, física, ou mesmo a natureza psíquica, moral e política de um povo ou humanidade) aonde aqueles exprimem a própria natureza das coisas; *Indivíduos*, por referência à *Sociedade*, aonde o livre arbítrio impõe ao indivíduo todas as suas tomadas de decisão de forma não consubstanciada ao meio que o circunda, neste sentido as próprias ciências sociais perdem o sentido da sua existência enquanto tal; *Nós*, por referência ao *Outro*, a sobrevalorização do que nos é próximo, o grupo, a cultura, o local, o regional, o nacional, o transnacional e a correlativa depreciação do que nos é estranho e diferente. Este tipo de relação (desigual de poder) é também quotidianamente vivida dentro de uma mesma sociedade – aqui, por exemplo, as classes, os grupos e as etnias jogam papéis deveras emergentes e construtores de conflitualidades⁵⁸. Espécie de violência simbólica que demarca o que vale a pena ser apreciado, pois como padrão único para o conhecimento dos outros estão os factos e as ideias interiores à nossa própria cultura. Ao *nós* como imagem que se exterioriza aos demais.

Pensamos estar num ponto importante e de reflexão do nosso trabalho. De modo a que exista uma ordem social e para que os indivíduos se identifiquem efectivamente no seu tecido, sabemos que estes tendem a produzir, através das representações simbólico-ideológicas, uma imagem de coerência do mundo social em que vivem. A ruptura com os formalismos ideológicos e de senso comum terá que ser permanente e a vigilância perante o seu avanço redobrada. O etnocentrismo, como obstáculo ao conhecimento, surge como o mais perspicaz na sua acção. O facto de haver formas inconscientes de etnocentrismo esvoaçam a sua eficácia, constituindo um entrave ao conhecimento que se quer avançar. A identificação do grupo, de si para si, tropeça em fundamentos tidos por absolutos, ideias-feitas em relação aos demais e que constituem não mais do que um instrumento decisivo na luta simbólica entre as

⁵⁸ A actividade etnocentrista é a afirmação legitimadora, muitas vezes inconsciente, do domínio.

partes. Este etnocentrismo elaborado inconscientemente, que legitima a dominação perante o *outro*, constitui uma armadilha a que estamos atentos. Assim, por exemplo, o anacronismo (caro à ciência histórica) projecta numa determinada época as características e os quadros mentais da nossa. Mais grave, diremos nós, no caso da sociologia, será a aplicação de conceitos sem curar de testar a sua adequação e pertinência à especificidade da sociedade ou cultura que estudamos – partindo do princípio que haveria uma natureza humana universal cujas propriedades seriam as normas, os usos e os costumes da civilização em que vivemos, postulando, para a sua análise, um conjunto de instrumentos heurísticos e interpretativos de aplicabilidade igualmente universal. Assim, a componente axial de relativização dos fenómenos humanos dá relevo às coordenadas de tempo e espaço e dos contextos sócio-históricos em que se integram – esta obrigatoriedade de relativização invalida, desde logo, os pressupostos naturalistas e etnocentristas. Por outro, a *relação* dos factos e as suas correlações constitui a evidência que desmarca as pretensões de tipo individualista.

Sabemos que a ruptura absoluta não é possível, não se pode eliminar os elementos simbólico-ideológicos e o saber prático presentes no raciocínio científico⁵⁹. Já não perfilamos os ideais de fronteira intransponível entre uns e outros – tão presente na procura de cientificidade dos inícios do século XX. Defendemos, outrossim, que a ciência se amadureça enquanto processo constante de auto-questionamento. Esta produção de conhecimento processa-se, segundo *Gaston Bachelard*, pela *ruptura, construção e verificação* – os três actos epistemológicos⁶⁰.

A recolha de informação sobre o real desenvolve-se de uma forma cada vez mais padronizada, permitindo que o processo de observação sociológica se tornasse uma fase do trabalho científico cada vez mais racionalmente controlada. Para tanto, há que contar com o que lhe está a montante: a teoria. “*É que, não sendo concebível a existência de operações de observação e intelecção do real destituídas de pressupostos substantivos, não há senão vantagens em levá-las a cabo de acordo e sob o comando de um “código de leitura” da realidade que em anteriores processos de investigação se tenha revelado capaz de transcender os limites da percepção corrente, indicando os núcleos problemáticos cruciais a investigar e um modo plausível de os equacionar*” (Almeida; Pinto, 2001, p.56/57). Este primado não inviabiliza evidentemente que a investigação aponte rumos contraditórios, isto é,

⁵⁹ Não quer isto dizer que a resignação tomou conta da prática científica, longe disso. A predisposição para a análise, a crítica e a superação tem que estar sempre presente. Evidentemente, esta procura do seu campo de saber não a torna senhora única da verdade, mas sim, revela-se uma eterna vigilante do próprio quadro em que se (re)formula.

⁶⁰ A *ruptura* com as evidências do senso comum, a *construção* do objecto de análise, das teorias explicativas e a *verificação* confrontando com a informação empírica. Os três são indissociáveis.

a análise de situações concretas não se circunscreve necessariamente no interior de um círculo traçado a priori. Por vezes, há necessidade de ajustamentos ou mesmo de reformulações do corpo teórico. Neste sentido, as *teorias auxiliares* surgem como um valiosíssimo complemento à *teoria principal* de pesquisa. A ciência assume-se como uma prática social, específica e activa aonde o trabalho empírico tende a exigir “*a produção de teorias auxiliares ou de teorias regionais, formadas de proposições, conceitos e vias metodológicas capazes de analisar dimensões da realidade sem quebra dos fluxos de dois sentidos entre o conjunto do paradigma de partida e as operações de recolha e tratamento da informação pertinente*” (Almeida; Pinto, 2001, p.63). Em suma, a teoria nunca se poderá fechar sobre si própria – e consigo, o percurso da investigação –, sob pena de unicamente descortinar o que já previa de antemão⁶¹. Nesta dissertação é redobrada a particular possibilidade de uma hipotética ampliação das formulações originais. Tal deve-se ao nosso objecto de estudo, a comunidade *traveller*. Esta, sendo caracteristicamente irlandesa, acarreta todo um *corpus* cultural e mitológico que se estende para além da ilha. O mergulho que se foi, paulatinamente, executando, poderá revelar-se insuficiente na busca daquilo que se propôs no início do estudo. Assim, a disponibilidade de adaptação e de entroncamento é nossa. Faça-se a vontade ao objecto. Por fim, lembrar que os actos de comunicação (por exemplo, na relação observador/observado) são sempre social e situacionalmente determinados.

Achamos nós que uma investigação para ter a coerência ética necessária terá que ser reflexiva, flexível, adaptável e honesta, ou seja, sensibilidade face ao contexto de pesquisa e não o uso irreflectido e acrítico de metodologias. O objecto de pesquisa torna-se o factor fulcral de escolha do método e não o inverso. O investigador, mais do que recolher informação e catalogá-la, terá um papel fundamental na leitura das dimensões esperadas e não esperadas, bem como no seu próprio re-posicionamento constante face ao objecto.

Neste estudo será privilegiado o método intensivo ou qualitativo. Este, ao contrário do método quantitativo, permitirá aprofundar os conhecimentos acerca de “*fenómenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjectivo da acção social face à configuração das estruturas sociais, seja a incapacidade da estatística de dar conta dos fenómenos complexos e dos fenómenos únicos*” (Haguet, 1995, p.63). Pois, como a análise teórica permitiu constatar, dar a palavra aos sujeitos (procurando-o em toda a sua essência

⁶¹ Robert Merton utilizou o termo *serendipity* aludindo o encontro do elemento imprevisto na acção científica. Esta anomalia leva, obrigatoriamente, à exploração de novos caminhos. Rompe-se, diríamos que construtivamente, o suposto círculo vicioso. “*Da simples clarificação de conceitos da matriz teórica até à refutação em sentido forte desta, existe de facto toda uma série de efeitos inovadores que a pesquisa sobre situações concretas pode impor no plano da teoria de referência*” (Almeida; Pinto, 2001, p.69).

numa vida interceptada pelo aleatório, pelo imprevisível, pelo sofrimento, pelo ontem, pelo hoje e visão do amanhã) é fundamental, onde uma reflexão a partir da análise dos discursos dos entrevistados(as)⁶², do seu quotidiano vivido, põe em evidência que uma parte significativa dos problemas expressos procuram soluções que não estão contemplados nas respostas tipificadas pelas hipóteses *sentenciadas* à priori, isto é, pela aparente resolução dedutiva construída à partida – numa tentativa de provar o que já está provado, diríamos nós. Tendo em conta a realidade em que se pretende aprofundar o conhecimento – conhecimento esse que, não raro, passa por ideias desfasadas, circunscritas intelectualmente às tipificações inadequadas à descoberta da realidade a que se propõe descortinar as causalidades –, achamos ser o método qualitativo o mais apropriado na busca do saber. Como resultado e consequência, o trabalho de construção do objecto, da análise e das hipóteses é contínuo desde o início até ao final da pesquisa⁶³. A pesquisa constitui-se teorização. Esta se enraíza (*grounded*) nos dados, entretanto recolhidos, mas não se cingindo unicamente a estes, pois é um conhecimento articulado, tipo vaivém e circular, entre a teoria e a empiria, procurando, na medida do possível, uma representação mental do que se passa na realidade social – *a imaginação teórica*.

As metodologias e as técnicas qualitativas derivam, em parte, de uma grande fluidez de estatuto teórico-metodológico e de formas de aplicação e tratamento. O sentido que os indivíduos imprimem às suas acções e comportamentos, num contexto de racionalidades variadas em interacção com os outros, ganham uma relevância impar na análise sociológica. Assim, mais do que a busca das regularidades do funcionamento social, procura-se a significação cultural. Mais do que a procura das causalidades e das leis, a procura pelos sentidos sociais accionados pelos indivíduos no seu quotidiano vivido⁶⁴ – a heterogeneidade, aonde exteriormente se vislumbra somente a semelhança, é mais facilmente apreciada, permitindo ajuizar acerca da diversidade subjacente às regularidades, bem como às múltiplas e hipotéticas articulações entre o indivíduo e a sociedade. Por outro lado, esta perspectiva é

⁶² As memórias são pilares básicos da identidade, referências históricas que dão vida à vida. Facto importante para a busca das relações passadas – bem como as actuais – entre as comunidades. Achamos nós, que no caso presente essa busca não se funda na metodologia quantitativa.

⁶³ Nesse sentido, as metodologias quantitativas colocam as regularidades sociais definidas *a priori* no *contexto da prova*, enquanto que nas metodologias qualitativas as relações entre variáveis potencialmente explicativas do funcionamento social são colocadas no *contexto da descoberta*. Neste, a formulação de conceitos, teorias ou modelos sedimentadas num corpo de hipóteses podem surgir quer no decurso, quer no final da investigação.

⁶⁴ Não se confunda com o individualismo metodológico e o seu isolamento. Os indivíduos agem tendo em conta a percepção dos outros e balizados por constrangimentos sociais que definem intencionalidades complexas e interactivas. Sedimenta-se a produção social quotidiana com a reprodução social. Ou seja, relação interdependente e complementarmente circular entre o *micro*(acontecimento) e o *macro*(estrutural).

deveras mais pertinente para a análise das mudanças vivenciadas na sociedade, bem como na readaptação em face de novos contextos.

Temos que ter a noção que as afirmações do informante representam meramente a sua percepção do real, ou seja, temos que reconhecer que estamos recebendo o retrato que o informante tem do seu mundo – a categorização social accionada por uma narração que permite ao indivíduo estruturar e dar forma ao mundo social bem como ao seu lugar nesse mesmo espaço⁶⁵. Por outro, o investigador não pode se limitar a contar o que lhe contaram, mas interpretar a narração verbalizada pelo entrevistado, produzindo, para o efeito, as categorias e preposições na forma de hipóteses explicativas indispensáveis ao entendimento dos fenómenos. Ter esta atenção pode levar o investigador a novas interrogações e, por consequência, a novas descobertas. Nesta fase *pré-terreno* e de *pré-imersão*, poderá ser dito que as constantes conversas com a referida comunidade *traveller* têm sido pródigas em fazer surgir e ressurgir novas questões e novos pensamentos que não se clareavam nas primeiras abordagens. Estes informantes privilegiados – sem o saberem – depositaram nas nossas divagações novos terrenos de busca que nos proporcionará uma melhor construção do guião da entrevista.

Como técnica de recolha de dados será dada prioridade à *entrevista*, pois esta é a que melhor se adequa face ao objecto empírico em questão. A entrevista está submetida aos cânones do método científico, sendo um dos quais, claro está, a busca de objectividade, ou seja, a tentativa de captação do real, embora saibamos que captar o real como num espelho é inatingível. O que se propõe é fazer leituras do real que, como já foi referido, se nos apresenta muito complexo e de difícil acesso aos seus segredos mais íntimos. Ter consciência destas limitações e dificuldades operativas é essencial num trabalho científico. Aquela técnica, mais do que o descortinar da frequência do fenómeno, preocupa-se com o significado deste e, por outro, o investigador perde o controlo da situação/relação, necessariamente de poder, pois o saber que interessa absorver está no indivíduo a entrevistar⁶⁶. Por último, neste tipo de análise, não se procura uma imensidade de indivíduos estatisticamente representativos, mas sim uma pequena dimensão de indivíduos socialmente significativos daquilo a que se propõe

⁶⁵ O social ganha forma através da linguagem e é pela palavra que os indivíduos se socializam e se apropriam das formas de vida social.

⁶⁶ Esta situação pode criar *embaraço* ao investigador, pois não se sente capaz de retribuir aquilo que recebe em termos de informação.

– o princípio da diversificação. Por outro, cai o conceito de amostra⁶⁷, ganha ênfase a noção de saturação.

“A diversidade relaciona-se com a garantia de que a utilização das entrevistas se faz tendo em conta a heterogeneidade dos sujeitos (ou fenómenos) que estamos a estudar. De facto, na pesquisa qualitativa, procura-se a diversidade e não a homogeneidade, e, para garantir que a investigação abordou a realidade considerando as variações necessárias, é preciso assegurar a presença da diversidade dos sujeitos ou das situações em estudo” (Guerra, 2008, p.40/41). No caso concreto do universo de análise, procurar-se-á constatar a diversidade interna na organização *Western Traveller and Intercultural Development*, ou seja, tentar-se-á reflectir as dinâmicas internas numa aparente exterioridade homogénea que se comunica⁶⁸. Por outro, quanto menor o grau de *diversificação* mais facilmente se atinge a *saturação*. Esta é mais um critério de avaliação metodológica da amostra do que um critério de constituição desta. Assim, a saturação cumpre duas funções: do ponto de vista operacional, indica em que momento o investigador deverá parar a sua recolha de dados; do ponto de vista metodológico, permite generalizar os resultados ao universo de trabalho a que o grupo analisado pertence. À *saturação teórica*, aplicada a um conceito que ganha relevância tendo em conta a sua pertinência teórica que, no decorrer da investigação, perderá paulatinamente a capacidade de fazer emergir novas propriedades, juntar-lhe-se-á a *saturação empírica*, aplicada quando os dados recolhidos não trazem mais informações de relevância. Assim, o investigador perceberá que após um certo número de entrevistas não há dados novos a recolher quanto ao objecto de pesquisa. Como afirmam R. Quivy e L. V. Campenhoudt, “o critério que permite dizer que se abarcou a situação hipotética é o da redundância. Se o investigador procurar diversificar sistematicamente os perfis, chegará forçosamente o momento em que já não conseguirá encontrar novos casos francamente diferentes dos que já encontrou e em que o rendimento marginal de cada entrevista suplementar decrescerá rapidamente” (Quivy; Campenhoudt, 1998, p.163).

Utilizaremos a técnica da *entrevista semi-directiva*. Esta “*não é inteiramente aberta nem encaminha por um grande número de perguntas precisas. Geralmente, o investigador dispõe de uma série de perguntas-guias, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação da parte do entrevistado. Mas não colocará*

⁶⁷ Na análise qualitativa é difícil definir, *à priori*, o universo em análise. Aquela é muito maleável e o objecto evolui, fazendo com que a *amostra* possa alterar-se ao longo do percurso.

⁶⁸ O controlo da diversidade não é contraposto em face de elementos externos ao grupo seleccionado, mas internamente a este último. Neste tipo de amostra é difícil definir o número de entrevistas a realizar. O percurso da pesquisa defini-lo-á.

necessariamente todas as perguntas pela ordem em que as anotou e sob a formulação prevista. Tanto quanto possível, “deixará andar” o entrevistado para que este possa falar abertamente, com as palavras que desejam e pela ordem que lhe convier” (Quivy; Campenhoudt, 1998, p.192). O guião da entrevista será construído em função dos objectivos que decorrem da problematização, sem descortinar desenvolvimentos paralelos aonde o conteúdo das entrevistas será objecto de uma análise de conteúdo sistemática.

Na *análise de conteúdo*, o modo de disposição do entrevistado, os seus termos mais utilizados, a construção do seu discurso e o seu desenvolvimento são fontes de informação preciosas e contribuem para fundamentar e construir um conhecimento, bem como, claro está, a passagem da descrição para a interpretação. Como afirmam Ferreira de Almeida e Madureira Pinto em *A Investigação nas Ciências Sociais* (1995), a análise de conteúdo permitirá, para além de captar a informação explícita nas mensagens, as condições teórico-ideológicas de produção das mesmas. Por seu lado, Quaresma afirma que “*interrogar a dependência, dar a palavra aos sujeitos, na busca do sentido do vivido, no seu contexto, e da singularidade que rompe com categorias pré-estabelecidas, é essencial (...) a um melhor conhecimento sobre a teia das interdependências sociais, económicas e relacionais, no seio das quais se geram fragilidades, sofrimentos, mas também trocas, expectativas, vida*” (Quaresma, 2004, p.45). Eis o espírito que nos acalenta nesta investigação. Dar a palavra a uma comunidade que se define como sem voz, secundarizada nas ideias e nos traços culturais pela comunidade mais vasta e na qual jogam um papel de cultura alternante e descontextualizada face à realidade económica e social que (n)os circunda.

Outra técnica de recolha de informação será a *análise de documentos*. Estes podem ter uma natureza muito variada, mas centraremos a nossa atenção aos meios de comunicação social, nomeadamente a imprensa escrita. Documentação *on-line* relativo às políticas integracionistas e de inclusão veiculadas pela União Europeia também serão alvo da nossa atenção.

Finalmente, conjugar o até agora dito com a *observação directa*. Este é um método no sentido restrito, baseado na observação visual. Com a particularidade de captar os comportamentos no momento em que estes se produzem e em si mesmos, e sem a mediação de um documento ou de um testemunho. O trabalho de observação desenvolvido pelo investigador permite uma maior acessibilidade às práticas dos sujeitos sociais, bem como sobre os fundamentos culturais e ideológicos que lhes subjazem. Nesse sentido, sabemos que o campo de observação pode ser vastíssimo, só dependendo dos objectivos do trabalho. Assim, este *acto de observar* será estruturado, em parte, por uma grelha de observação

primeiramente construída para o efeito. Sem descortinar nem amputar actos observáveis, será dada atenção a dinâmicas que nos pareçam pertinentes para uma melhor compreensão da comunidade em questão. Esta participação na vida da comunidade *traveller*, em *Ballygar* e *Four Roads*, é balizada e normalizada pelo facto de trabalhar no *Resource Centre* daquela vila.

Assim, as *entrevistas* serão conduzidas na organização *Western Traveller and Intercultural Development*, na cidade de *Tuam*. No que diz respeito à *observação participante* e tendo em conta, como referido acima, o facto de trabalhar nas vilas de *Ballygar* e *Four Roads*, acedendo diariamente às interações entre vários membros da comunidade *traveller*, bem como esta com a comunidade autóctone, achamos nós que, aquela técnica, terá pertinência para um melhor entendimento dos modos de vida, pretendendo-se perceber as lógicas sociais e culturais, bem como as rotinas diárias da referida comunidade⁶⁹.

⁶⁹ Achamos que esta técnica será complementar à entrevista. Por outro lado, a variável espaço não é determinante, pois falamos de uma comunidade cultural que extravasa as *fronteiras espaciais internas*. Assim, a observação será um instrumento que tentaremos direccionar para um melhor entendimento das dinâmicas culturais, bem como das conflitualidades (por vezes *manifestas*, sempre *latentes*) entre a comunidade *traveller* e a comunidade autóctone.

Capítulo III

1 – Subtilezas quotidianas (ou a ciência que se quer arte)

O encontro entre indivíduos de pertença cultural diversa suscita sempre um certo caminhar fora do conhecimento imediato dos sentidos. Esta relação que se constrói é pautada, muitas das vezes, por leves toques de desconfiança e desconforto, quando não de expulsão efectiva do meio. Neste trabalho de investigação foi dada atenção redobrada à relação estabelecida com a comunidade *traveller* por duas razões fundamentais: 1; sendo a comunidade *traveller* minoritária no contexto irlandês, haveria a necessidade de, sendo efectivamente estrangeiro, não transportar as representações sociais que a comunidade autóctone é possuidora, ou seja, ser impermeável a juízos de valor veiculados por ambas as comunidades. Este exercício é fundamental para a aproximação sustentada e neutral face ao objecto de estudo. 2; o facto de trabalhar diariamente em *Ballygar* e *Four Roads* com três elementos da comunidade *traveller* permitiu-me uma aproximação muito maior às suas representações, ambições, modos de vida e valores enquanto indivíduos, mas reflectindo toda a sua cultura e interacções com a sociedade mais vasta. Esta aproximação, que originou a grelha de *observação participante*, tem o perigo aparente de mesclar a relação trabalho/estudo⁷⁰ enquanto cidadão português a residir na Irlanda. As supostas interferências, devido à presença do observador, são, no nosso ponto de vista, mais um veículo de conhecimento da realidade circundante e das suas dinâmicas bem como a consciencialização das limitações ao exposto do que propriamente um obstáculo a esse mesmo conhecimento⁷¹. Face a tais perigos fica a constatação tranquilizadora de, redobrados os alertas, salvaguarda os interesses profissionais bem como de investigação e de enriquecimento e de aprendizagem pessoal.

Resta constatar que a informalidade tida nas conversas e interacções está garantida à partida pelo facto de estar no terreno diariamente e já não me ser questionada a presença – isto suscita que se obtenha respostas sem necessariamente fazer perguntas. No entanto Gilberto Velho faz uma chamada de atenção ao facto de que “*a etiqueta, a maneira de se dirigir às pessoas, as expectativas de respostas, a noção de adequação, etc., relacionam-se com a*

⁷⁰ Tais relações conflituais podem partir da minha posição enquanto *project manager*. Esta posição, como se poderá calcular, facilmente poderá resultar num desentendimento devido a uma atitude que não seja popular aos olhos dos três homens da dita comunidade.

⁷¹ Trabalho no *Family Resource Centre*, em *Ballygar*, desde Junho de 2009 e já antes, entre Fevereiro e Maio, tinha feito um estágio no mesmo centro, enquanto sociólogo, para o Governo Regional da Madeira.

distribuição social de poder que é essencialmente desigual numa sociedade de classes. Assim, em princípio, dispomos de um mapa que nos familiariza com os cenários e as situações sociais do nosso quotidiano, dando nome, lugar e posição aos indivíduos. Isso, no entanto, não significa que conheçamos o ponto de vista e a visão do mundo dos diferentes actores numa situação social nem regras que estão por detrás dessas interações dando continuidade ao sistema” (Costa, 2001, p.147).

Pensamos que a ética de investigação nesta situação em concreto deverá passar pelo real conhecimento das relações que se estabelecem entre as partes – ambas as comunidades em confronto. Sem tal exercício corremos o risco, mais que provável, de falhar as directrizes em que se sustentam as dinâmicas diárias de interacção e de sociabilidade. Por outro, o facto de ter nascido no Funchal, ilha da Madeira e ter vivido e estudado cinco anos na cidade do Porto – ou seja, meios urbanos por excelência no contexto português – tornou a minha adaptação ao meio a investigar (*Ballygar* – profundamente rural e *Tuam* – pequeníssima cidade de periferia) numa constante luta interna de pertença como de não pertença, ou seja, o jogo das ambivalências, incertezas, desconfortos e tensões, bem como as contradições do meu posicionamento no terreno (trabalhador, estudante, estrangeiro, urbano, estranho...), mas aonde, ao mesmo tempo, permitiu-me redefinir e reflectir o meu papel⁷² de tal forma que a vigilância crítica sempre imperou afastando, esperamos nós, certas aproximações pretendidas pelas lógicas dominadas pelas representações sociais. Para tal, houve necessidade de um autoquestionamento sobre a basilar dúvida: o que é que realmente sei e como é que produzi tal conhecimento? Este exercício de reflexividade envolve a interiorização das limitações adjacentes à produção de conhecimento científico bem como de aproximação a um objecto que nos é distante e aparentemente estranho.

Neste trabalho de aproximação ao meio proposto à priori foram fundamentais as conversas tidas (muitas delas saborosas descobertas diárias que abriam espaços a mais e mais questionamentos de matriz conceptual e de *como abordar o objecto*) com indivíduos, quer pertencentes à comunidade em questão quer pertença de um *corpus* de trabalho diário e constante *para e com* aquela comunidade. Este trabalho exploratório, que se prolongou sempre no tempo, serviu, como se há-de perceber, para a constante imersão e recolocação face ao objecto. Assim, os informantes privilegiados desempenharam o seu papel enquanto tais, mas, pensamos nós, nunca nos cingimos a tais coberturas que, por tão claras, não passariam de meras representações sociais sobre o objecto em questão.

⁷² Tal lógica desconcertante foi obviamente mais sentida em *Ballygar* e *Four Roads*, aonde trabalho diariamente com a comunidade *traveller*.

Tentamos perceber a realidade que nos era apresentada até a um ponto que consideramos de *saturação* – isto extravasa as diferentes técnicas por nós accionadas. As onze entrevistas realizadas na organização *Western Traveller and Intercultural Development*, na cidade de *Tuam*, mostraram-se suficientes, pois, a partir de certo ponto, mostraram não trazer nada de significativamente novo ao tema proposto. Quer a observação participante quer a análise de documentos (jornais e documentos de políticas públicas veiculadas pela UE e pela Irlanda) chegaram ao ponto nulo de informação relevante. Achamos nós que este complemento de técnicas englobará os pontos propostos à partida bem como novas visões e pensamentos que, entretanto, se foram formando – tomando, como tal, vozes de comando na nossa pesquisa. Para tal acontecer, significa que parte da análise foi feita no próprio decurso da pesquisa de terreno.

Perante o que até agora foi enunciado torna-se óbvio que a análise de conteúdo, feita às entrevistas, seguiu a lógica compreensiva e indutiva. Fugindo aos cânones convencionais de análise de conteúdo de carácter hipotético-dedutivo, quisemos alargar o nosso campo das possibilidades de inferência – ou seja, a passagem da descrição à interpretação, enquanto atribuição de sentido às características do material que foram catalogadas, inventariadas e organizadas. Sabemos que dessa opção poderá derivar uma maior massa de crítica divergente que questionará as escolhas e os rumos tomados, mas enfatizamos que foi exactamente aí que residiu o desafio que nos acalentou durante todo este percurso.

2 – O terreno, a cultura e as imagens que se (re)produzem

À medida que fomos penetrando na descrição dos dados vamos extravasando espaço para a interpretação dos fenómenos tidos em conta a montante. Nesta fase, a intervenção do investigador já se denota com uma maior abrangência e acuidade.

Foram realizadas onze entrevistas na organização *Western Traveller and Intercultural Development*, na cidade de *Tuam*. Oito a membros da comunidade *traveller* e três a membros da comunidade autóctone. Percorrendo nove horas de conversação, as entrevistas mostraram-se suficientes na recolha de dados até à sua efectiva saturação. Iremos reflectir sobre os seus pontos essenciais, ao mesmo tempo em que se adicionarão pensamentos constatados na observação participante nas vilas de *Ballygar* e *Four Roads*.

Quadro 1

Entrevista	Sexo	Idade	Proveniência	Funções
E1	Feminino	27 anos	Com. traveller	Administration e Accounts
E2	Feminino	23 anos	Com. traveller	Administration e Accounts
E3	Feminino	40 anos	Com. traveller	Community Health Worker e Youth Worker
E4	Feminino	38 anos	Com. traveller	Housekeeper
E5	Masculino	20 anos	Com. traveller	Making wagons
E6	Masculino	23 anos	Com. traveller	Volunteer Youth Worker
E7	Masculino	18 anos	Com. traveller	Administration e Youth Worker
E8	Masculino	42 anos	Com. autóctone	Community Development Worker e Coordinator
E9	Feminino	48 anos	Com. autóctone	FÁS Supervisor
E10	Masculino	50 anos	Com. traveller	Family Health Care Programme Coordinator
E11	Feminino	33 anos	Com. autóctone	Primary Health Care Coordinator

Quando se fala de relações estabelecidas entre diferentes comunidades é consensual admitir a existência de diferentes atitudes de repulsa bem como tentativas de nivelamento, verticalmente hierarquizadas, em abono de quem as conceptualiza e interioriza. A discriminação está, assim, presente nas relações humanas como veículo comunicacional de oficialização da diferença.

Quadro 2

Formas de Discriminação constatadas pelos entrevistados	Frequência
Acesso ao trabalho – empregabilidade	E1; E3; E10; E9
Lei	E3; E9
Formas alternativas de habitação	E3
Política habitacional – criação de <i>Ghettos</i>	E10; E8
Acesso a locais públicos	E1; E5; E10; E8; E9
Conflitualidade interna à própria comunidade	E1; E2; E4; E7; E8; E9
Apelido familiar	E1
Generalização à comunidade – preconceito	E1; E3; E6; E7
Oportunidades de aprendizagem na escola	E1; E3; E8
Forças de segurança – <i>Gardaí</i>	E1
Falta de representatividade nos diferentes órgãos	E3
Até certo ponto há negação da discriminação – culpabilização da comunidade <i>traveller</i>	E2; E5; E7

Constata-se que os entrevistados denotam as mais diversas formas de discriminação nas suas vidas quotidianas. A discriminação diária, entendida como aquelas formas de discriminação percebidas nas relações quotidianas – forças de segurança, escola, preconceito generalizado à comunidade, apelido familiar, acesso a locais públicos, acesso ao trabalho –, é particularmente visada pela entrevistada um. Como afirma:

- “If your second name is Ward, which mine is, they paint you all with the one brush.” (P2)

- *“If I lost this job now tomorrow morning like where, I could sent out 20 or 30 CVs looking for a job, who’s going to employ me?” (P34)*

Por outro lado, denota-se a percepção de uma discriminação elaborada. Pautando-se pelas relações de poder – falta de representatividade nos órgãos governamentais, política habitacional (criação de *ghettos*), formas alternativas de habitação, a lei, a empregabilidade – aonde, camufladamente, se exerce pressão sobre a camada social minoritária. Tal é vivamente afirmado pelos entrevistados três, oito, nove e dez. Assim temos que:

- *“As far as I’m concerned there should be a traveller that should be – there should be a traveller, for some of them are very education, they should be in the government, they should be in the police force, they should be in the law, they should be called to the jury. I’ve never seen one traveller being called to the jury.” (P4) (E3)*
- *“I have one difficulty at the minute with Galway County Council and any Council in the country that it’s not good practice to put all members of the travelling community in one area (...) If you’ve effectively put a large number of people with low education, no job opportunities, no prospects of getting employment, putting them all in the one area and say and feel that your conscience is as a County Council has been pleased that you’ve housed somebody. You haven’t housed nobody.” (P4) (E10)*
- *“How can you honestly say, well, we’re an equal social community in Ireland when the employment opportunities that are there are not targeted to the minority group that needs it (...) You’re constantly asking and depending on everybody else” (P8) (E10)*
- *“I think the law itself is a problem really, there should be no one stopped at a door and say “you’re refused”, unless there is something specifically wrong.” (P2) (E9)*

É curioso constatar que os entrevistados um, dois, quatro, sete, oito e nove afirmam haver conflitualidade e discriminação internamente, na própria comunidade. Podendo esta ser mesmo mais intensa que a relação inter-comunidades:

- *“They (young travellers) do criticise me, but it’s only because of ignorance. An awful lot of them grew up and there was no education to talk about, but now we’re kinda breaking away from that.” (P4) “They sit on a wall all day talking, like they would have a laugh saying “oh look he’s a educated boy.” (P12) (E7)*
- *“Just say a member of the traveller community joined the Gardai and he says ‘Okay, I’m going to be a Guard’... it’s the perception within the community of him and the family that stops people from doing that, from going to the Garda or going to become a nurse... It’s the negative kind of jibing that goes on in the community (...) if they’re successful and have a good job, travellers are resented within their own community as well” (P21) (E8)*

- “There is a lot of discrimination in the Travelling community; it doesn’t have to be in the Settled. (...) I’m not married, I have one child (...) Settled people wouldn’t judge me because I’m not married, they say well fair play to you, you’ve a good job or whatever. But Travellers they’d be like “oh yeah they’re common.” (P5) (E1)

Figura 1



Fonte: Changing Ireland

Esta rivalidade interna também foi por nós verificada na observação participante. Tal deve-se às diferentes formas de controlo social interna ao grupo que criticam e expõem aqueles que saem (neste caso, trabalho tradicionalmente não conotado à comunidade) da zona de conforto previamente definida pela própria comunidade. Por outro, há uma grande prevalência de casamentos intra-comunitário. Aqueles que divergirem deste comportamento de proximidade relacional com um elemento da sua própria comunidade serão fortemente criticados e marginalizados (mesmo pelos seus próprios ascendentes directos). Podemos questionar se aqui está uma forma de sobrevivência grupal, no sentido de preservação cultural e comunitária. Relembremos que existem à volta de 25.000 membros da comunidade *traveller* na República da Irlanda. Facilmente esta comunidade poderia se mesclar no todo irlandês. Nesse sentido, tudo aquilo que se afaste das suas vivências tradicionais será visto como ameaça à sua sobrevivência cultural. Pensamos que aqui poderá estar a leitura da referida discriminação perpetuada dentro da própria comunidade. Outra resposta registrada foi a do

entrevistado dez, ao afirmar que a discriminação inter-comunitária fortalece a própria comunidade no sentido em que esta se sente isolada estando, assim, em constante *jogo defensivo* nas suas relações com o exterior. Tal comportamento reforça a Identidade de grupo a ponto de podermos afirmar que em determinadas situações de interacção a componente cultural se sobrepõe e/ou intervém na componente comunicacional.

Outro factor curioso é a critica que os entrevistados dois, cinco e sete fazem à sua própria comunidade. Assim, para além de, em parte, negarem a existência de discriminação veiculada pela comunidade autóctone, afirmam que tal deve-se, em grande medida, a elementos *traveller*. Vejamos o que afirmam:

- “A lot of travellers go overboard, with the clothes and the hair, and the appearance and the whole lot, I’ve never experienced discrimination.” (P4) “The excuse they want to use... “oh I can’t get in there ‘cos I’m a traveller, they follow me around the shop ‘cos I’m a traveller, I can’t do this because I’m a traveller”, it’s just an excuse, it’s not discrimination.” (P5) (E2)
- “Lot of travellers out there who want to show that they are travellers and they do blagard and that’s why they get refused.” (P1) “And go “oh it’s because I’m a traveller”. It not that at all, it’s their attitude towards everything. If things don’t work out for them it’s because they’re a traveller and that’s not the way it is” (P2) “There is discrimination but they are partly to blame too.” (P4) (E7)

Poderemos fazer a leitura de que há a tentativa de descolagem face ao grupo de pertença. Se calhar tal será abusivo, mas demonstra um certo ressentimento perante os elementos do grupo que espalham a má fama generalista face aos restantes membros da comunidade.

Por fim, constata-se que a forma de discriminação mais referida é a aderência a locais públicos (principalmente *Pubs*). Tanto em *Tuam* como em *Ballygar* denota-se que esse é um grande factor de conflitualidade. Em *Ballygar* existem seis *Pubs*, mas somente num deles é que a comunidade *traveller* pode aceder. Como o cosmos, não se consegue descortinar a origem de tal (pois se a comunidade autóctone diz que a comunidade *traveller* é desordeira e violenta tendo, muitas vezes, atritos dentro dos próprios estabelecimentos, a comunidade *traveller* dirá que tal se deve ao facto de não ser servida ou se o ser constatar nítidos comportamentos discriminatórios perante si própria).

A figura 1 ilustra a utilização das novas formas de comunicação para fins racistas. Assim, surgiu em 2010 um movimento na rede social *Facebook* que apela ao *combate e a caça* aos membros da comunidade *traveller*. A página, que se chama “*I Fucking Hate Knackers*”, está sob vigilância policial e vem alertar para o facto já referido pela *National*

Consultative Committee on Racism and Interculturalism (N.C.C.R.I.), no seu relatório de 2008, o dramático crescimento de atitudes racistas e xenófobas na República da Irlanda – as recentes medidas do presidente francês de expulsar centenas de membros de etnia cigana romena e búlgara confirmam a onda crescente de desestabilização e incompreensão inter-grupal.

Quadro 3

Representações sobre a comunidade traveller	Frequência
Falta de ambição – escola e trabalho	E1; E3; E5; E6; E7; E10; E8; E11
Violência, desordeiros – comportamento anti-social	E1; E5; E7; E8
<i>Small-minded</i> – Conservadorismo	E1; E2; E3; E7; E10; E11
Mudança gradual na cultura e atitudes	E1; E2; E4; E6; E7; E10; E8; E9
Cultura Controladora	E1; E2; E7; E11
Comunidade <i>traveller</i> como causadora do problema	E2; E5; E7
Vitimização nas relações com a comunidade autóctone	E3; E4; E5; E10
Regresso ao passado – Inversão evolutiva	E3
Individualização e perpetuação da diferença	E4; E5
Relação próxima de entre-ajuda	E6; E10; E8; E11
Noção de trabalho incompatível aos padrões ocidentais	E6
Graus de semelhança à comunidade autóctone	E8
Objectivos de curto prazo – instinto de sobrevivência	E3; E7; E8; E11

Num primeiro olhar sobre o quadro 3, constata-se que oito dos onze entrevistados reconhecem que a comunidade *traveller* não atribui demasiada importância quer à *escola* quer ao *trabalho*. Sabemos que nas sociedades fortemente terciarizadas, aquelas instituições são detentoras de prestígio e de estatuto social prolongando-se, por sua vez, a quem exerça um determinado papel social. A falta de ambição ou de motivação obviamente poderá ter várias leituras, mas fica aqui presente a ideia de que tal directamente influênciava a falta de estatuto e de prestígio daqueles que não percorrem os corredores das faculdades bem como daqueles que não vêm no trabalho a mais natural forma de sustento. Resta acrescentar que muitas das actividades desenvolvidas pela comunidade *traveller* são semi-marginais, pois não pagam impostos ou não são reconhecidas. Deste modo, poderemos induzir que a própria comunidade não vê naqueles canais formas de propulsão, tendo, nessa medida, uma menor importância nas suas representações sobre o quotidiano. Vejamos o que dizem alguns dos entrevistados:

- “My opinion sometimes that travellers, they need to educate (...) People take it for granted if you have a mortgage, if you can afford a new car, whereas in the travelling community a lot of them have that, but they don’t work as hard as I find.” (P2) (E1)
- “A lot of traveller women come to me for advice or to do something for them that they can actually do themselves (...) why don’t they go out and work? There’s crèches out there. There’s help out there.

They just, I don't know, it is because some traveller women are very controlled – men don't allow the women to go out and work. That is still there and that will always be there.” (P7) (E3)

- *“Lot of them have bad behaviour and it's because of their ignorance, it's because of the way they were reared. They didn't get the education or even if there was the opportunity their parents didn't let them take it. But that day is gone now, we are in 2010, it's education.” (P5) (E7)*
- *“The children of the traveller community do drop out of education so early and some of them that do stay and they go to training centres or they go to TC's and go to the training centre or appear throughout Youthridge and it's just not enough.” (P5) (E11)*

Igualmente na nossa observação participante constatamos a falta de motivação e de pró-actividade. Explicada em parte pela *cultura da sobrevivência*, a *falta de sentido pró-activo e ambição*, na medida em que não demonstram objectivos concretizáveis a médio-longo prazo e que vá para além daquilo que são os predicados tidos por norma na cultura *traveller*. Em parte, tal atitude será devido ao facto de serem criticados e marginalizados pela sua própria comunidade se forem além daquilo que lhes foi incutido pela primeira socialização. Assim, não demonstram ter uma perspectiva para o depois do amanhã. Esta *cultura da sobrevivência* é verificada, por exemplo, com a falta de planos para o futuro, a inexistência ou a pouca preocupação com qualquer forma de poupança, ou a constante facilidade em que colocam o trabalho bem como as suas responsabilidades inerentes fora do topo das suas prioridades enquanto indivíduos. Esta visão corrobora a opinião dos entrevistados três, sete, oito e onze, onde estes enfatizam a componente de sobrevivência na edificação da cultura *traveller*.

- *“Being a traveller years ago it was survival. An awful lot of them were poor, they had wagons, they had tins, they learned how to survive on the side of the road, they learned their own language so people wouldn't understand them, they learned how to mind themselves. That's what this whole thing is it's survival. It was all survival, keeping them alive as well as their family, that's all it was.” (P9) (E7)*

Se olharmos atentamente para o quadro 3 ficamos intrigados com a disparidade encontrada, por um lado, o conservadorismo e cultura controladora e, por outro, a mudança gradual na cultura e atitudes. Mais ainda quando verificamos que os entrevistados um, dois, sete e dez estão em ambos os campos. Esta dispersão poderá ter que ver com o conflito interno de perpetuação das suas tradições e vivências e, por outro, a inevitável adaptação face aos novos tempos. Acrescentemos que pelas respostas recolhidas, ao conservadorismo e cultura controladora estão associadas ideias de negatividade e que explicam diferentes formas de exclusão e de pobreza enquanto que a mudança gradual está associada à aberta cultural no

sentido de modernidade. Por outro, a entrevistada três aponta a inversão de modernidade na cultura *traveller*, na medida em que esta está novamente a regressar a valores passados. Eis algumas frases que testemunhamos:

- *“There is so much ignorance out there in the settled people, but it’s worse in the travelling community (...) you’re supposed to get married at 18, you’re supposed to have children, you’re supposed to be stay at home. They are so small-minded.”* (P16) (E1)
- *“It is changing dramatically and an awful lot of them try to stick with the old but it’s not working.”* (P7) (E7)
- *“They are adapting, back forty years ago, even thirty five years ago, they were living in tents, on the side of roads, ditches and stuff like that... but it’s now the majority like maybe half and half of them. A lot are settled, living in houses, some of them have jobs going to work just like any other person would do. You have people in caravans now but there is no more tents.”* (P5) (E6)
- *“Any traveller family or any family round here that I know have adapted into 2010 just as much as any settled have.”* (P5) *“There’s very little people who live on the side of the road in this area here now. The majority of people have looked at trying to get a home, a good permanent home.”* (P6) (E9)
- *“I think that the question about the women getting married, all that’s coming back again, that was happening years ago. Coming back now, getting married at sixteen and seventeen, that’s all happening now again (...) The women are stuck at home, their daughters are stuck at home, right, they haven’t enjoyed life and then they have a boy friend and you know, if someone asks them to marry them, they have to get married because they’re afraid it would be called off inside a couple of months, so they have to get married.”* (P7) (E3)

A comunidade *traveller* é patriarcal por natureza. O homem detém as *rédeas* da casa, reproduzindo a socialização de que foi alvo. Embora somente a entrevistada três tenha uma visão pessimista – pois aponta o retorno ao passado que castra a tentativa de liberdade feminina – constatamos, nós, na nossa grelha de observação, que a comunidade *traveller* continua altamente repartida no que aos papéis de género dizem respeito. A forma de abordar o corpo feminino; as piadas; a linguagem vernácula; a noção de trabalho masculino (ligado ao corpo e à musculatura – inculcador de prestígio social); o conservadorismo em relação à mulher *traveller* (esta não podendo ter namorado ou uma relação de afectos anterior ao casamento); as críticas ferozes em relação àqueles que têm uma orientação sexual que foge à norma; o homem como chefe de família. Todos estes *itens* leva-nos a constatar que existe uma *cultura da masculinidade* no sentido em que preservam as formas tradicionais que lhes foi inculcada na primeira socialização.

A luta corpo a corpo como forma de resolução de conflitos é, ainda hoje, legítima na comunidade *traveller*. Tal mediação era também comum na comunidade autóctone. Como afirma o entrevistado oito, “50 years ago, in the settled community, if you and me had a disagreement, we would go outside and we’d box (...) The traveller community did it too that time but they have continued to do it (...) so it’s for settled people to understand as well why these things happen now in the traveller community, because it is acceptable within the traveller community, this is the way to sort out disagreements, and it was acceptable in the settled community 50 years ago.” (P13) Por sua vez os entrevistados um, cinco e sete apontam que a comunidade é, em si, violenta e se certa forma anti-social. Vejamos o que afirmam:

- “There’s a lot of fighting in Ireland in the travellers, they’d try to fucking, they’d kill you with something.” (P12) (E1)
- “There’s no way a traveller should be, no actual proper way... “this is the way a traveller should be”. But an awful lot of them go in thinking they’re tough and that they can do anything and they’re messing in the pub and if they fight the pub gets broke up (...) And that’s why the owners of the pubs don’t let people in, because that’s their property and they don’t want people coming in breaking it up.” (P1) (E7)

Estas afirmações explicarão, em parte, o porquê de a comunidade *traveller* ter dificuldades em se assumir como um actor válido na esfera societal, contribuindo com as suas dinâmicas culturais para o todo a que efectivamente pertence. Deste modo, os entrevistados dois, cinco e sete acusam a própria comunidade de ser a causadora do conflito e da sua dificuldade de adaptação aos novos tempos e exigências:

- “The travelling community are included, they just won’t include themselves; it’s them that causes the problem. I’m a traveller myself and I could walk into someone... there’s nothing stopping a traveller from leaving their CV into a place to get a job but they won’t do it because it’s in their head already “oh I won’t get that ‘cos I’m a traveller!” (P5) “They have to include themselves before anyone else is going to include them and they have to give respect to earn respect (...) They don’t want to include themselves.” (P5) (E2)
- “An awful lot of them are very very lazy and claim social welfare when they have no need to. They just don’t want to work.” (P11) (E7)

Ao mesmo tempo há uma tentativa de colagem ao discurso de vitimização, no sentido de que a influência geral da sociedade trouxe sinais e abordagens negativas para o interior da comunidade. Os mais peculiares exemplos serão o consumo e o tráfico de drogas:

- *"I'm not blaming the settled community, but a lot more travellers now are getting into a lot more trouble. You know like youngsters, I've seen it because I work with youngsters, eh, because they're mixing around with the settled that might be a bad crowd, they like to be one of them, to be in the gang (...) Been in and out of jail."* (P8) (E3)
- *"Travellers don't care where they get money they just get it. Now they're practically drug dealers... half them."* (P4) *"So, like, a lot has changed."*(P5) (E4)
- *"The new times in Ireland where there was loads of money and everybody – the younger members of the travelling community – they become absorbed in a drug culture. They've become absorbed in things that they weren't – they would have been unheard of ten years ago. And now, they're a general part of something that can possibly and has the potential to destroy them."* (P10) (E10)

Denota-se, assim, uma comunidade em transformação e em luta interna de prevalência da sua identidade. Esta mescla obviamente trará conflitos, como bem constatados, ao mesmo tempo em que a adaptação ao contexto circundante é alvo de resistências internas. Esta resistência é apontada pelos entrevistados seis, dez, oito e onze, aonde é referido o grande espírito de união e de entre ajuda entre os membros da comunidade, ao mesmo tempo os entrevistados quatro e cinco afirmam que a comunidade deverá seguir o seu caminho identitário:

- *"Travellers are very close to your family and with the rest of the travelling community, in Tuam it's really good."* (P3) (E6)
- *"What keeps travellers going... I think it's... the importance of the family. It is important for raising their family, it's important for their kids and their tight community."* (P21) *"You never get travellers telling on other travellers if they've done something wrong or... It's a tight-knit community."* (P22) (E8)
- *"(Traveller community don't need to change because) if they are happy doing what they're doing, do it."* (P3) (E4)
- *"They're working harder (some travellers) trying not to adapt than... it would be a lot easier just adapt, you know. But they're entitled to do what they want (...) Some people want to be just like everyone else and others they want to be different for whatever reason. Or they want to carry on certain traditions or whatever."* (P4) (E5)

Esta abordagem está directamente relacionada com a questão sempre controversa da assimilação *versus* inclusão social. Assim, poderemos aventurar que aqui está fonte grande de conflitualidade interna. Uma comunidade que, em si, representa menos do que 1% do total do país seria facilmente mesclada no todo. Porventura, esta visão acarreta todos os alarmismos patenteados em alguns dos depoimentos recolhidos.

Quadro 4

Assimilação versus Inclusão	Frequência
Imposição da cultura autóctone como aniquiladora	E2; E3; E8; E9
Auto-reflexão na luta contra o <i>mainstream</i> cultural	E6; E10
Saudável a perda identitária em nome do progresso	E7; E11

Constatamos que os entrevistados dois, três, oito e nove admitem que há imposição da cultura autóctone sobre a *traveller*. Esta assimilação resume-se na perda identitária e de costumes de outrora. Algo que poderá ser irremediavelmente perdido no espaço de duas gerações como, por exemplo, trabalhar o metal. *“They’re losing a lot of their culture like. Because they’re not allowed to carry it on.”* (P8) *“The tinsmith. Now they can’t do it (...) A horse’s life was a big part of the traveller’s culture. Like they’re not allowed to keep horses in estates, so do, but it causes friction. Tinsmith – that’s gone down the drain. Probably in the settled community now it’s a big industry. People have actually made more out of travellers and travellers have been so slow that they didn’t adapt to it quick enough and let the settled community into it (...) And then you see the travellers were doing tinsmith, they might lose their dole, if they were reported on. But they’re nearly been forced to lose their culture.”* (P9 (E3)

O entrevistado oito vai mais longe e acusa o governo irlandês pela participação activa na descaracterização abusiva da comunidade *traveller*. *“The government politicians, they have the blinkers on, they see like a settled person sees (...) “This is the way it should be, we have to get them like this”, so they put in legislation for... small bits at a time so that at the end of the day you are assimilating travellers into the settled community (...) The settled people are not gonna accept... They are not gonna accept the traveller community unless part of their culture is gone.”* (P12)

Obviamente que esta imposição cultural envolverá forças de contra-corrente que tentarão imobilizar ou, pelo menos, abrandar este esmagamento por parte do *mainstream* cultural. Para tal, há como que uma irredutibilidade e mesmo aversão a certos valores e costumes da comunidade autóctone. O entrevistado seis aponta a impossibilidade do desaparecimento da sua cultura ao mesmo tempo em que avança a diferente atitude perante o trabalho. O entrevistado dez descarta o conformismo perante a perda de identidade, revendo-se, simultaneamente, como cidadão irlandês de plenos direitos:

- *“You could be losing a little bit of your culture, but I don’t think will be gone forever. People will always have it (...) Actually it’s not really changing that much, it’s just advancing like I think it’s becoming more modern.”* (P5) e ainda, *“they all know how to work for themselves, it might not be a nine to five job but they definitely get by on what they do (...) They enjoy their lifestyle and yeah it’s more freedom for them. I don’t think too many people would be able to handle a boss.”* (P10) (E6)
- *“I wouldn’t be in too much of a hurry to have, for people to conform to the majority rule.”* (P17) *“I don’t think the travelling community will ever conform really into the general make up of Irish society. I think that they have to be respected in their own right as a separate community. A smaller community*

within the larger community (...) a different community with different practices, but all being Irish.”
(P15) (E10)

Não é de estranhar que será o entrevistado sete que defenderá uma assimilação em nome do progresso e desenvolvimento da sua comunidade. Esta opinião é isolada na sua comunidade de entrevistados e demonstra a não consensualidade perante as políticas governamentais. No entanto, estas ganham legitimidade quando há um número de entre aqueles directamente visados que as corroboram. Vejamos o que afirma:

- *“I think they’ll be gone. I think they’ll only be a memory really, because most of it’s gone with and an awful lot of Travellers are beginning to see that they need education, that they need to get on with their life and an awful lot of them are saying “I’m not getting married young because I don’t want to be unhappy” and the younger generation are starting to break out and when they break out and the rest break out and people see that they’re doing it, they’ll all start to do it and it will be nearly gone.”* (P14)

Nesta amálgama transformista que componentes ficam para serem transmitidas às gerações vindouras? Esta será certamente uma questão presente em qualquer cultura e comunidade. Mais ainda num grupo que não vai além dos 0,6% do total do país. O que se transmite? O que se perde e quanto se transforma? Dos entrevistados pertencentes à comunidade *traveller* somente o número dez domina a língua *Cant*. Curioso ser ao mesmo tempo o mais velho dos entrevistados. Como acaba por ser defendido, as novas gerações não dominam aquela forma comunicacional. Sem prática, *“The language (Cant) is kind... is disappearing.”* (P10) (E10) Processo idêntico sofre o Irlandês, a segunda língua oficial da República da Irlanda. Comunicada na Televisão, através da TG4, e na Rádio, tem na escola primária o seu principal divulgador. Defendida pela Estado (ao contrário do *Cant*) parece estar como que moribunda das novas gerações ganhando, por ventura e unicamente, algum novo espaço na elite urbana intelectual⁷³.

Facto curioso e em ebulição crescente é o debate em torno de reconhecer, ou não, a comunidade *traveller* como sendo efectivamente um grupo étnico minoritário. Somente o entrevistado dez abordou a questão, assumindo que há grande falta de consenso a este respeito. Como afirma: *“Isn’t it amazing in this country that the originals or part of the originals as a community of people in it have to be specifically named in the Incitement to Hatred Bill, in the Discrimination Act. I mean, nobody else is mentioned in it. The traveller has to be specifically named in it.”* (P1) *“But the Irish*

⁷³ Assim, percebe-se facilmente que uma língua que não seja falada diariamente pelo seu povo, que não é alvo de um tratamento especial por parte do Estado, que é alheia às novas gerações e que se move no contexto de um grupo minoritário, essa mesma língua tenderá a desaparecer enquanto veículo comunicacional por excelência.

traveller has not be recognised yet fully as a full Irish citizen, because if he was recognised as a full Irish citizen he wouldn't have two attachments in two specific laws directly aimed for his protection (...) We're not full citizens. How can you be a full citizen if you have two specific laws mentioned there just for the (traveller community) (...) The majority decides the definition of the minority. It's the majority rule." (P2) Assim, deduz que esse reconhecimento traria ainda maior divisão social, tendo como propulsor único a queda de fundos directamente veiculados pela UE. Finaliza com o contundente *"how can I become a member of an ethnic minority group living in the country that is of my origin?"* (P2)

Ao detalhar tanto as entrevistas como a observação participante é consensual constatar que a própria comunidade *traveller* tem características que a fazem única no contexto irlandês. Vêm-se como tal, transmitindo os seus particularismos:

Quadro 5

Características que fazem da comunidade <i>traveller</i> um dissidente ao <i>mainstream</i> cultural irlandês
Família extensa (por vezes, seis e mais filhos) – traduz-se em prestígio social
As mulheres usam maquilagem mais carregada e, partir de uma certa idade, em tons mais escuros, normalmente, à volta dos olhos. As feições também são um alvo a ser detectado enquanto revelador de pertença à comunidade. Diríamos que as vivências inscrevem-se nos rostos da comunidade, tendo rostos mais pesados e carregados
Língua própria – pouco praticada
Actividades económicas distintas – não pagamento de impostos e por conta própria
Nomadismo – pouco praticado actualmente, mas a mobilidade em caravanas ainda está bem presente
Cultura patriarcal – conservadorismo no que diz respeito ao papel da mulher
Resolução de conflitos através de luta corpo a corpo – pelo prestígio social e honra
Casamentos estabelecidos pelos progenitores – ainda é amplamente aceite, embora caia em desuso
Cultura da sobrevivência – falta de objectivos a médio/longo prazo
Casamento intra-comunitário e mesmo dentro da própria família – o casamento entre primos de primeiro grau é veemente condenável na comunidade autóctone
Os desportos nacionais irlandeses ⁷⁴ (futebol irlandês, o <i>hurling</i> e o <i>rugby</i>) são altamente populares e muito praticados pelas camadas jovens de ambos os sexos. Tal não se estende à comunidade <i>traveller</i> . Tendencialmente os jovens desta comunidade preferem os desportos individuais como, por exemplo, o boxe ou o karaté.
Escola não é vista como trampolim de ascensão social – existem excepções em <i>Tuam</i> , mas em <i>Ballygar</i> não existe um único membro que tenha terminado, por exemplo, o secundário (<i>Leaving Cert</i>). A média de idades para o abandono escolar fica à volta dos 13/14 anos de idade
Sotaque linguístico – algo dificilmente perceptível a um estrangeiro ou pessoa menos atenta a este valioso pormenor. Um irlandês da comunidade autóctone afirma que facilmente reconhece um <i>traveller</i> pelo seu sotaque
Características comuns entre ambas as comunidades
A importância da religião católica – embora nos pareça mais fervoroso na comunidade <i>traveller</i> como, por exemplo, a maior prevalência de ritualidade no acto de se benzer
A importância da família – embora tivéssemos constatado que existem rivalidades antigas entre famílias, dificultando, por vezes, as relações entre irmãos (que entretanto se casaram com elementos de outras famílias)
A importância do álcool – diríamos que o mito de o irlandês ser grande apreciador de álcool, principalmente cerveja, é realidade pura. Este ponto percorre ambas as comunidades

A entrevistada três sintetiza que *"no one actually understands travellers but only the traveller themselves. Different cultures, different beliefs."* (P3) Acrescentaríamos, nós, que a leitura inversa

⁷⁴ Pela sua história de opressão, protagonizada pelo Reino Unido, a República da Irlanda tem um sentido patriótico fervoroso onde, por exemplo, as discotecas acabam às duas e meia da manhã ao som de *A Soldier's Song* (hino nacional irlandês). Este patriotismo estende-se aos desportos tradicionais irlandeses, que são praticados desde tempos imemoriais.

também poderá ser feita no que à comunidade autóctone diz respeito. Durante os períodos de observação participante constatamos que a comunidade *traveller*, por exemplo, critica e tem reservas perante aqueles que ainda estejam solteiros após uma determinada idade – a rondar os 22/25 anos, bem como as mulheres à volta dos 30 anos e que ainda não tenham filhos. Leitura idêntica poderá ser feita perante aqueles que prolongam os estudos e que não dêem primazia à cultura da musculatura do corpo. Estes pontos são facilmente compreensíveis tendo em conta a morfologia cultural apontada no quadro número 5 e que caracteriza a comunidade *traveller*. Nas palavras da entrevistada onze, “*they find a lot of things that I would do strange.*” (P4)

Os oito entrevistados da comunidade *traveller* são contundentes em afirmarem o seu orgulho na comunidade em que nasceram, bem como nos seus ascendentes. Consideram-se *Irish travellers*, mas, curiosamente, identificam-se mais como irlandeses do que propriamente *travellers*. Vejamos o que nos dizem, por exemplo, os entrevistados dois e sete:

- “*I’m a traveller but I don’t have to broadcast it. I’m a traveller second but I’m a person first.*” (P5)
“*I’m Irish before I’m a traveller. I’d class myself as an Irish traveller, but more Irish than a traveller.*” (P8) (E2)
- “*(I feel) more Irish because I don’t think travellers would be put in a nationality (...) I am proud to be a traveller, yeah because I was born into (...) I am traveller but I don’t go with all Traveller culture.*” (P8) (E7)

O orgulho patenteado no seu passado e seus ascendentes é revelador da consciencialização de uma trajectória cultural e comunitária. A partilha de uma identidade secular seguindo o rumo de sobrevivência do dia-a-dia, em oposição à cultura autóctone, é verificada pela revisão de literatura e confirmada por alguns dos depoimentos como também pela observação participante. Este olhar sobre o passado é um momento de auto-reflexão existencial aonde se aflora o que foi, como é e, ao mesmo tempo, se perspectiva o que será o futuro. Olhando o quadro 6 verificamos que há tendencialmente a ideia de que o passado recente, para a comunidade *traveller*, era mais propício à sua forma de ser e estar.

Quadro 6

Representações sobre o passado da comunidade traveller	Frequência
Liberdade – sem rotina diária	E1; E10; E9
Viver na berna da estrada	E1; E2;; E3; E10; E8; E9
Pedir esmola	E2; E9
Simplicidade	E2; E10
Maior sentido comunitário e de entre ajuda	E2; E3; E6; E7
Felicidade	E2; E3; E4; E10; E9
Maior amizade com a comunidade autóctone	E2; E3; E9
Sem consumo de drogas	E4
Romantização do passado – cultura do rejuvenescimento	E5; E8; E11
Maior sentido de entre ajuda familiar	E6
Reconhecimento das maiores dificuldades no passado	E6; E7; E8
Menos distrações e mais interacção humana – culpabilização das novas formas de comunicação	E10
Boas memórias do passado, mas não querem regressar a esse mesmo passado	E8; E9; E11

Pela leitura do quadro acima exposto constatamos a prevalência de aspectos positivos quando se fala do passado da comunidade. Lembremos que as respostas que abordam a questão do *viver na berna estrada*, o *pedir esmola* ou *sem rotina diária*, realçam o seu lado romântico e de *sem amarras*. Tal é confirmado pelo número de respostas que realçam a felicidade associada aos tempos passados, bem como o maior sentido de comunidade então vivido. Leiamos alguns exemplos:

- “*The times of living on the side of the road when you’d have to go and beg out in the big houses out in the country and you’d beg for milk and food and (...) it was simple times (...) The good times because everyone was friendly with everyone, everyone shared with everyone, it was a simpler time.*” (P14) (E2)
- “*Travellers were a very close community and they’d help each other, right. And it’s like if this traveller up the road had no food, this traveller down here might feed the whole lot of them. They were very generous.*” (P17) (E3)
- “*They were happy out, they didn’t need a house, they weren’t in a confined space, they could go where they wanted when they wanted. Hum, the good old times were when they could knock at anyone’s door out in the country and say “have ya bread”...? Whatever ya want, you know, farmers, you could knock on the door, no one was afraid of them coming to the door.*” (P9) (E9)

Os entrevistados cinco, oito e onze reconhecem que há uma nítida romantização do passado no discurso veiculado pela comunidade. Assim, reiteram que há um culto de rejuvenescimento naquela forma discursiva. Pela observação participante nas vilas de *Ballygar* e *Four Roads*, corroboramos essa ideia. Sabemos que a memória é selectiva, tanto individualmente como de grupo. Neste caso, constata-se que existe romantização do passado, na medida em que o discurso tende a conectar os tempos difíceis à liberdade oferecida para a mais elementar necessidade do ser vivo, a sobrevivência. A fome, a miséria, o frio, a falta de

condições mínimas de habitabilidade são factores secundarizados em nome da camaradagem comunitária e de entre ajuda. Quando falamos de há 40 ou 50 anos atrás, sem ajudas governativas, a comunidade seria mais coesa e aonde havia espaço para o desenvolvimento das suas actividades tradicionais. Lembremos que a República da Irlanda era, até aos inícios dos anos 80 do século XX, um país pobre no contexto europeu de então. Assim entendemos esta glorificação do passado dos seus ancestrais. Finalizando, é curioso verificar que somente os entrevistados da comunidade autóctone (8, 9 e 11) é que opinam que a comunidade certamente não quererá um regresso ao passado, por mais romântico que lhes pareça.

3 – Contornos de uma identidade difusa e a organização *Western Traveller and Intercultural Development* como plataforma de reivindicação

Chegados a este ponto pensamos ser legítimo fazer uma tipologia por semelhança, ou seja, reagrupar por critérios de proximidade de conteúdo as disposições dos entrevistados da comunidade *traveller* face à sua própria comunidade. Este exercício é de exclusividade, não havendo dimensões em ambos os campos criados. A maior dificuldade encontrada foi, por ventura, essa mesmo, a da exclusividade na medida em que há depoimentos aparentemente contraditórios, bem à medida de uma comunidade em luta interna pela preservação cultural, ao mesmo tempo em que tenta acompanhar os novos tempos e as suas dinâmicas e exigências.

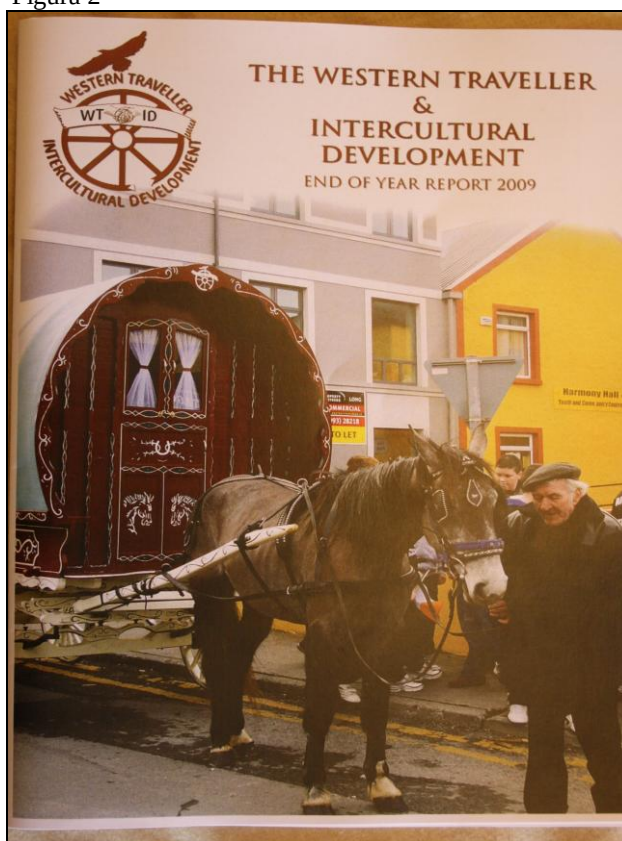
Quadro 7

Tipologia	Principais componentes	Frequência
Postura Crítica perante a própria comunidade – favorável à assimilação em nome do progresso	- Pensamento crítico à sua própria comunidade - Favorável à crescente assimilação - Abertura cultural - Perda de valores passados e que estão ultrapassados	E7
Postura Reivindicativa perante a assimilação veiculada pelo governo e o <i>mainstream</i> cultural; é contra o reconhecimento da comunidade enquanto minoria étnica	- Auto-reflexão sobre a assimilação e suas consequências - Defende a modernização da comunidade, mas sem a descaracterizar - Domina o <i>Cant</i> - Pensamento crítico perante o hipotético reconhecimento legal da minoria étnica <i>traveller</i>	E10
Postura de Indiferença perante o que futuro da sua comunidade; passividade na atitude quotidiana	- Defende a continuidade da comunidade enquanto tal, mas indiferente perante o futuro	E4; E5
Postura de Modernização perante certos valores obsoletos, como o casamento ao findar da adolescência ou o controlo societal, etc.; nada se perde, tudo se transforma	- Pensamento crítico à sua própria comunidade - Abertura cultural - Perda de valores passados e que estão ultrapassados - Modernização e adaptação	E1; E2; E3; E6

Perante o exposto no quadro acima entendemos que, neste momento, devemos equacionar o papel da organização *Western Traveller and Intercultural Development*, na cidade de *Tuam*, as suas vivências e dinâmicas diárias. Como já referido, esta organização fundou-se com o propósito de proporcionar e oferecer à comunidade *traveller* condições para que esta se sinta representada, ao mesmo tempo em que, em nome daquela, reivindica e se faz ouvir pela sociedade mais vasta. Este caminho deu-se após a percepção, dentro e fora dos seus meandros, de que a comunidade *traveller* teria de se transformar num actor presente e activo nas decisões que directamente a afectam. A W.T.I.D. existe desde 1984 – já lá vão mais de 25 anos. Assim, interessa-nos perceber como é que os entrevistados percebem o papel desempenhado pela organização, em que medida esta contribui para a melhoria efectiva das suas vidas quotidianas e como é que se sentem representados.

Todos os entrevistados desempenham diferentes funções na organização W.T.I.D. (ver quadro 1). Nas relações de género temos equilíbrio absoluto: foram efectuadas oito entrevistas aos membros da comunidade *traveller* (masculino, 4 – feminino, 4). Ao mesmo tempo há um espaçamento em termos de idades (18-50 anos) o que, hipoteticamente, permite uma maior cobertura de vivências, experiências e representações sobre o contexto a estudar.

Figura 2



Fonte: material gentilmente cedido pela organização

Quadro 8

Representações sociais sobre a organização	Frequência
Incentiva a continuação dos estudos	E1; E2; E3; E7
Enfoque igualitário – anti-discriminação	E1; E3
Aconselhamento em diferentes tópicos como a saúde, discriminação, alojamento, educação	E1; E2; E3; E6; E7; E10
Relacionamento próximo	E1; E2; E3
Encoraja o crescimento pessoal e profissional	E1; E2; E3; E4; E6; E7
Defende os interesses da comunidade <i>traveller</i>	E3
Permite criar redes de conhecimento e de inter-ajuda	E3; E5; E7; E10
Permite uma maior aproximação à comunidade autóctone	E3
Permite a melhoria da comunidade <i>traveller</i> em <i>Tuam</i>	E10

Facilmente podemos constatar as opiniões altamente favoráveis à organização *Western Traveller and Intercultural Development*. Nestes 26 anos de actividade a W.T.I.D. parece ter sedimentado a sua posição enquanto parte activa nas acções do quotidiano de *Tuam*. Vejamos que as respostas mais cotadas vão para os estudos, aconselhamento, crescimento pessoal e profissional e redes de conhecimento e de inter-ajuda. Curiosamente áreas em que a comunidade diz-se discriminada. Pensamos que aqui não há pura coincidência, mas simplesmente a leitura, feita no terreno, das reais e efectivas condições da comunidade e de ter em mente a melhor direcção a tomar, como forma de contornar essas mesmas lacunas. Assim, por exemplo, ao dar ênfase aos estudos e ao emprego, a organização está a dedilhar primazia nas áreas em que a comunidade *traveller* terá de se empenhar para um melhor nivelamento com uma sociedade fortemente terciarizada e, como se sabe, assustadoramente competitiva⁷⁵. Vejamos algumas frases lapidares:

- “*You’re not just working from the feedback from the travellers, but you’re also getting help from the settled. It has helped me... in a lot of things, it has actually made me more confident to speak out but... And it’s – you’re mixing with other services, so the health services which I know wouldn’t be available to me.*” (P2) (E3)
- “*This does help you, but its not really getting your rights, its knowing what your rights are.*” (P1) (E7)
- “*As a community, we’re way better because of ourselves.*” (P4) “*It’s the only really traveller led project in the country. You have other groups around the place but we are traveller led and we’re doing it for all the right reasons.*” (P5) (E10)

O entrevistado dez é o membro mais antigo da organização e, ao mesmo tempo, o único dos membros fundadores que ainda resiste. Reconhece as dificuldades da sua

⁷⁵ Competição essa que se intensificou após a crise financeira verificada no verão de 2008 e que explica, em parte, o ressurgimento das atitudes racistas e xenófobas para com as minorias e as comunidades imigrantes.

implementação, mas vê na proximidade ao terreno e aos indivíduos a melhor forma de trabalhar e de conhecer a realidade. Como afirma, *“the Irish Traveller Movement are dealing with paper and they’re dealing with things like that. I never see them out mixing with the people, mixing with the community, getting down into the work. It’s all paper (...) It’s nice now and again if you’re part of a movement to get out and deal with the people (...) They do not know the reality.”* (P3)

Em 2008, o plano inicial de desenvolvimento teve o revés da crise financeira-especulativa – que perdura e que ameaça com o novo orçamento de Estado para o ano de 2011. Assim, houve necessidade de recolocação da temática problemática e de reavaliação realista do que é possível pôr em prática neste novo contexto. Deste modo, no plano estratégico 2010-2014 há maior ênfase de objectivos a médio/longo prazo. Temos cinco pontos essenciais:

- *“improving the quality of accommodation and the physical living environment;*
- *improving health standards and general quality of life;*
- *securing access to employment and/or enterprise opportunities;*
- *strengthening the sense of community and community solidarity amongst travellers;*
- *enhancing the experience of education for young and adult learners within the traveller population.”*⁷⁶

Por outro lado, a organização terá um papel mais coordenador do que propriamente actor da acção concreta. Esta premissa tem que ver com o facto, já aqui exposto, de a comunidade *traveller* ter necessidade de se mobilizar activamente. A ambição é medida pelas necessidades detectadas. A *Western Traveller and Intercultural Development* tem três objectivos principais:

- *“to facilitate the overall development of the traveller community;*
- *to enhance the educational, cultural, economic and social development of travellers in the catchment area;*
- *to support the development of locally based initiatives with similar aims within County Galway.”*⁷⁷

Todas estas acções têm como pano de fundo o próprio desenvolvimento da comunidade de Tuam. Projectos em parceria com outras organizações e entidades, tais como a *Tuam RAPID*, *FÁS (employment Scheme)*, *Co. Galway VEC*, *Youth Work Ireland Tuam*,

⁷⁶ Com receio de poder descaracterizar os pontos nevrálgicos para a organização W.T.I.D. optamos por transcrever tal e qual como no seu plano estratégico 2010-2014, p.6.

⁷⁷ *Ibidem*, p.7.

Galway Council e *NATC* relembram que a criação de *links* tem a potencialidade de projectar ainda mais os esforços da *W.T.I.D.*, bem como envolver a comunidade de residentes que vão para além da comunidade *traveller*, sedimentando, desta forma, a identidade intercultural da *Western Traveller and Intercultural Development*.

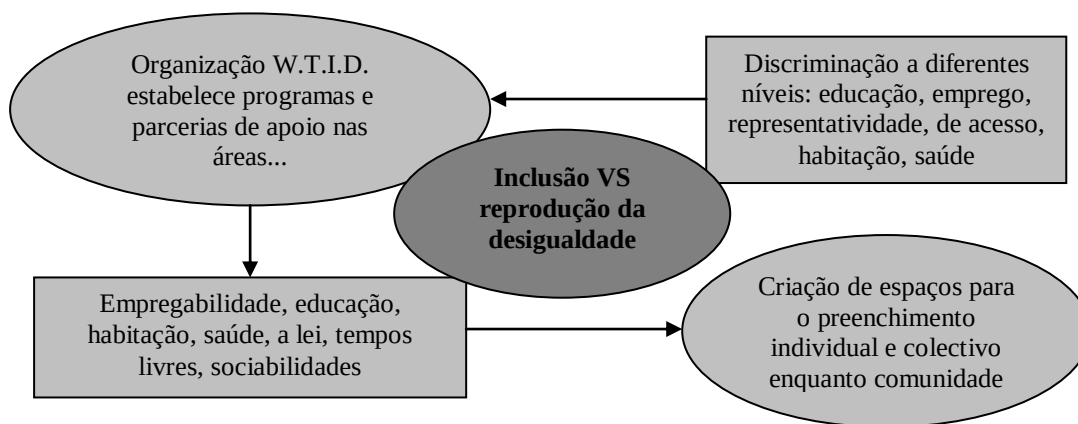
Os três entrevistados da comunidade autóctone, e que trabalham diariamente na organização, deram-nos um encadeamento de tópicos que consideram essenciais para uma efectiva inclusão social. Vejamos o quadro 9.

Quadro 9

Representações sobre acções concretas e melhorias efectivas	Frequência
Maior frequência escolar de crianças, jovens e adultos	E8
Maiores oportunidades de emprego – <i>FÁS Scheme</i>	E8; E9
25% da comunidade <i>traveller</i> tem a sua própria casa	E8; E9
Decréscimo das famílias na berna da estrada	E8; E9
Organização tem boas relações com <i>Galway County Council</i> (para alojamento), <i>VEC</i> (para educação), bons programas ligados à saúde (forte batalha devido, por exemplo, à gigantesca diferença na esperança média de vida entre ambas as comunidades – homens, 10 anos; mulheres, 12 anos – e onde a mortalidade infantil é mais do que o dobro da verificada na comunidade autóctone. Relembremos que os membros da comunidade <i>traveller</i> têm <i>Medical Card</i> que lhes dão livre acesso à assistência médica nos centro de saúde)	E8
Aulas de informática nas instalações da <i>W.T.I.D.</i>	E8
Maior facilidade em conseguir empréstimo bancário para a compra de casa	E8
<i>Childcare</i> e creche – plataformas de apoio, bem como de empregabilidade	E8
<i>Primary Health Care</i> – programas ligados às suas necessidades essenciais (já descritas acima) bem como a violência doméstica	E11
Crescente empreendedorismo	E11
A prática de desportos colectivos como o <i>G.A.A. Football</i> e o <i>Rugby</i> – lembremos que a prática de desportos colectivos não é muito comum entre os <i>travellers</i>	E11

Toda esta sucessão de medidas direccionadas às diferentes dimensões humanas espelha a componente já afluída na revisão de literatura – as exclusões sociais reflectem-se e desdobram-se nos diferentes papéis sociais desempenhados pelos indivíduos –, não existindo resposta uma ou, se se quiser, uma única resolução para determinado problema social, pois este multiplica-se e metamorfoseia-se com novas componentes. Como nos respondeu o entrevistado dez, “*if we identify something today, by the time we get the finances to deal with it, it might be six or eight months later, or even a year or two later, and then that problem that we originally saw at this has now become distorted into something else. So we’re always chasing the problem. We never seem to be ahead of it.*” (P6)

Perante o exposto é-nos possível discriminar as relações estabelecidas pela *W.T.I.D.*, ao mesmo tempo em que esta toma acções no sentido de inclusão social da comunidade *traveller*. Vejamos o esquema 2.



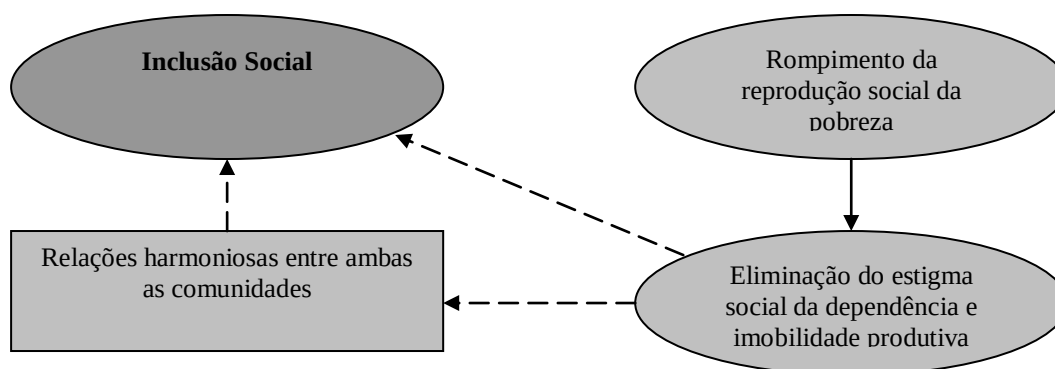
Este esquema tem implicações importantes e que nos transporta para o corpo de texto já desenvolvido no capítulo I. A exclusão social inscreve-se nas diferentes matrizes das relações humanas. Mais complexa do que a pobreza, é difícil avaliá-la devido àquela multidimensionalidade. Assim, ao analisar as lacunas patenteadas na comunidade *traveller* (já transcritas acima) houve necessidade de encontrar um plano de acção, também ele, abrangente aos domínios fragilizantes a que a comunidade está exposta. No entanto, esse mesmo plano terá que ter em conta o que está a montante do imediatamente exteriorizável. Expliquemos, não será suficiente a ajuda perante um problema concreto, por exemplo, a falta de habitação condigna, se a intervenção se limitar a tratar exclusivamente desta privação específica. Se tal assim for, há reprodução da assistência e o indivíduo permanece dependente desta última. A *Western Traveller and Intercultural Development* ao trabalhar nos diferentes domínios parece ter em conta este pormenor que nos parece de elementar importância, embora o entrevistado dez tenha as suas reticências ao afirmar que *“the Irish travelling people, sometimes they’ve got into a mentality that they come along and they will ask you to deal with a problem for them. And I’ve no problem with that. But there’s no education in people coming in the door with a problem and say “Here, I want you to fix this for me”. There’s no learning for them. There’s no education for them and then they become dependent, and you’re seen as a problem solver. Our initial task in setting ourselves up way way back as a support group was to help people to help themselves. It’s like if you give a man a fish you feed him for one day, if you teach a man how to fish you feed him for a lifetime.”* (P6) *“I would love to see our community changing to the fact that people are going out helping themselves more, other than relying on support groups – actually become socially responsible themselves.”* (P7)

Deste modo, compreende-se o provérbio chinês⁷⁸ que apela à auto-suficiência do indivíduo. O assistencialismo tem sempre o efeito perverso de criação de dependência e o estigma social que atinge os beneficiários. Na observação participante na vila de *Ballygar*

⁷⁸ “Não lhe dêis peixe, mas ensina-lhe como pescar” (Provérbio chinês, sem data).

constatou-se, com grande regularidade, que a geração acima dos 40 anos de idade tem um índice de analfabetismo muito elevado. Verificado, por exemplo, no pedido de ajuda para fazer um telefonema – aonde não sabem digitar os números nem, tão pouco, descortiná-los na lista telefónica. Em outras acções diárias, verificamos que a leitura de documentos de informação para benefício pessoal requer, muitas das vezes, ajuda por parte de um dos elementos que trabalha no *Resource Centre*. Compreende-se que, numa sociedade avançada, a capacidade de interpretar mensagens escritas bem como a necessidade de leitura de documentos torna-se imperial. Não possuir tais capacidades torna-se, na prática, um excluído, na medida em que terá fortes dificuldades em aceder aos mais diversos *itens* expostos pela sociedade – *info-exclusão*. Ausência de ferramenta tão primordial originará, por ventura, retraimento no sentido de aprendizagem.

Aqui, pensamos nós, estará a maior diferença percepcionada entre as duas localidades. Em *Ballygar*, não existe uma organização que trabalhe exclusivamente para a inclusão social da comunidade *traveller*, tendo o *Family Resource Centre*, muitas vezes, um papel assistencialista perante os problemas concretos que se lhe deparam. Em *Tuam*, a *Western Traveller and Intercultural Development* demonstra um plano concertado em que coloca mais o desenvolvimento das potencialidades humanas no cerne da questão, do que propriamente dar assistência às fragilidades da comunidade. Resta-nos afirmar que, em *Ballygar*, uma das grandes fontes de conflitualidade entre as comunidades é o estigma social que todos os membros da comunidade *traveller* transportam no seu quotidiano. Os benefícios estatais (nos seus diferentes domínios) aprofundam tal desnivelamento de atitudes perante o *outro*. Aqui estará, provavelmente, a área em que haverá maior necessidade de um plano conjunto e estruturado (entre ambas as comunidades) que catalise a positividade das medidas estatais, enquanto provisórias e não reprodutivas. Vejamos o esquema 3.



O passado tem-nos demonstrado que, ao longo dos séculos, tal será uma impossibilidade histórica. Uma leitura atenta aos meandros da movimentação da comunidade

cigana ao longo dos últimos 1000 anos refaz um caminho deambulante, labiríntico, diríamos até, mas aonde a inclusão (do ponto de vista de ambas as comunidades) nunca se deu plenamente. A entrevistada nove coloca a questão de forma cabal ao denotar intransigência para com a diferença. *“The minute people get a house in any estate or anything the rest of the community is against them straight away, so they’re nearly as well to say “we’ll stand on our own as a group (...) So do you need other people who don’t like ya or do ya stay with people who do? (...) They have to be in their comfort zone because the reality is that settled people don’t want them, they say they do but they don’t really.” (P8) “They want them like us or nothing. Do what we do (...) If they fit in, if they fit into the way you want them to fit in then they’re fine. But if you’re different...” (P8)* Portanto, a questão da efectiva inclusão social (nos seus diferentes domínios) tem uma complexidade causal que extravasa leituras simplistas de *in/out*, ganhando terreno a questão da assimilação como única possibilidade aos olhos do grupo maioritário, neste caso, a comunidade autóctone irlandesa. Mais uma vez a história relembra-nos que aí está *a pedra de toque* que isola as comunidades ciganas por toda a Europa. Setembro de 2010, em França, berço da revolução iluminista e do Maio de 68, centenas de membros da etnia cigana romena e búlgara foram expulsos do país. A consequente reivindicação civil, como força de protesto (de franceses, imigrantes e ciganos), chama-nos a atenção para a internacionalização da temática.

A memória (como que um enredo) transporta-nos do passado até ao dia de amanhã. Quando se fala de grupos minoritários há sempre grande apreensão de como estes se adaptarão a um meio que lhes teima em ser estranho. Assim, registamos o que os nossos entrevistados perspectivam como serão as suas vidas e aquilo que tem ainda que mudar ou se adaptar para uma harmonização das relações entre as comunidades. Vejamos o quadro 10.

Quadro 10

Perspectivas perante o futuro – individuais e colectivas	Frequência
Melhoria das condições de saúde	E1
Maior aposta na educação	E1; E2; E3; E7; E10
Maior controlo sobre o álcool e drogas	E1; E3; E4
Maior interacção entre ambas as comunidades	E1; E2; E6; E10
Criação de negócios por conta própria – empreendedorismo	E1
Atribuir maior importância ao trabalho	E1; E2; E3; E7; E10
Conflitualidade interna continuará sempre presente	E1
Diluição da cultura <i>traveller</i>	E2
Perder a ideia de vitimização	E2
Política da educação e habitação menos discriminatória	E3
Maior representatividade	E3
Programa escolar adaptado à comunidade <i>traveller</i> e aprendizagem da sua cultura na escola	E3; E6
Viver numa caravana (perspectiva individual)	E3; E10
Comunidade <i>traveller</i> deve seguir o seu rumo identitário	E4
Indiferente perante o futuro (perspectiva individual)	E5
Mais programas de inclusão social	E6
Ida para a universidade (perspectiva individual)	E6; E7
Contra o reconhecimento da comunidade <i>traveller</i> como grupo étnico minoritário	E10

Diríamos que é sem surpresas que registamos a importância da educação e do trabalho como componentes vitais para a inclusão social, tendo tais o reconhecimento de mobilidade e de força impulsionadora capaz de derrubar preconceitos e estigmas ainda bem presentes na comunidade autóctone – devido aos conflitos internos e de controlo societal, acrescentaríamos a comunidade *traveller*. Ao mesmo tempo, quando interrogamos sobre o futuro, sabíamos de antemão que poderíamos esbarrar (ou provocar) a mentalidade cultural de uma comunidade que vive o dia-a-dia (o tal instinto de sobrevivência que já equacionamos) sem grandes articulações futuristas. As respostas alargam-se pelas variáveis já anteriormente discutidas pelos entrevistados, sem oferecer grandes novidades na composição, mas afloram caminhos e demonstram capacidade intuitiva perante o futuro. De todos os entrevistados somente o número quatro disse não ter qualquer espécie de planos para o futuro. Vejamos alguns exemplos do que nos foi dito:

- “They should take off the blinkers that they have on and look after their health more and their education (...) Stop drinking so much and having drugs. A lot of things have to change.” (P30) “I think they should interact more and get involved in setting up their own businesses. Am, setting up like getting involved more in workplaces, in society. Working in a bank, working as a nurse, working as a doctor, they’d fit in better in society if they start doing...” (P31) “More interaction instead of being ‘They’re their side. We’re this side.’” (P32) (E1)
- “If something goes wrong for ya it’s easier to blame someone else than to blame yourself (...) That attitude definitely has to be changed.” (P13) (E2)

- “They want to be a traveller because their parents were travellers and that’s what motivates them, but they should really go with the times because it’s only holding them back.” (P12) “Not lose it all (culture), but lose an awful lot of it. They’ve already lost a lot of it. There are people that say “I’m a pure traveller”, but yet wouldn’t know how to build a traveller tent, they don’t know what travelling signs are like (...) Lot of them just think “oh I’m pure traveller because I don’t do anything, I don’t have education”, but that’s no the way it is.” (P13) (E7)
- “There’s nothing wrong with living in a caravan. There’s a beautiful sense of freedom in living out. But eh, you do need to have basic facilities. You need to have a bathroom. You need to have a washing area. And you definitely need to be able to have a way of getting rid of your rubbish... if it was nice and cosy like that, I’d be living out there now all the time. There’s a certain freedom in it.” (P13) “If I had a wish I’d wish to be living in a (...) top wagon with a beautiful horse and go all around Ireland, that’s what I’d want.” (P14) (E10)

Do mesmo modo, os entrevistados oito, nove e onze deram-nos algumas pistas sobre como perspectivam o futuro e que articulações serão necessárias para a melhoria das relações entre ambas as comunidades. Assim sendo, vejamos o quadro 11.

Quadro 11

O que mudar?	Frequência
Política habitacional – contra a criação de <i>Ghettos</i>	E8
Incentivo ao prolongamento escolar até aos 18 anos	E8; E9; E11
Mudança de estilo de vida – alimentação mais saudável	E8
Evitar o cenário <i>them and us</i> – maior interacção entre as comunidades	E8
Criar maiores oportunidades de emprego	E8; E9
Discriminação positiva para implementar a representatividade em diferentes órgãos	E8
Lei mais punitiva perante atitudes discriminatórias	E9
Comunidade <i>traveller</i> terá que ser mais pró-activa e integrar-se a si própria também – precisam trabalhar e pagar impostos como forma de serem respeitados	E11

Mais uma vez constata-se a importância da escola como factor preponderante para romper a dicotomia entre aqueles que, com maior ou menor grau de dificuldade, se integram no mercado de emprego e aqueles outros que, por ausência dessa mesma escolaridade convencional, terão, normalmente, que escalar o seu estatuto por outras vias. Na observação participante questionamo-nos até que ponto o trabalho (e todas as suas responsabilidades imediatas) é crucial para a comunidade *traveller*. Olhando à escala de *Ballygar* (num universo de 15 a 20 famílias) verificamos que tal não se reveste de primordial importância. Se, por um lado, as políticas assistencialistas por parte do governo irlandês são uma importante peça do puzzle que, em nome da inclusão social, produzem indivíduos subordinados e dependentes há, por outro, diríamos nós, leituras complementares a serem feitas. Pensamos estar aqui fonte prolífera de conhecimento a ser explorado e divulgado.

4 – A comunidade *traveller* – rumos incertos

A comunidade *traveller* convive com diferentes tipos de discriminação. Sendo de destacar a discriminação diária e elaborada. Estas balizam as relações entre as comunidades, criando uma hierarquização de poder. Assim, aquela comunidade terá menos possibilidades de acesso aos diferentes *itens* distribuidores de privilégios. Aliada a esta falta de oportunidades a comunidade *traveller* exerce controlo sobre si própria a ponto de haver quem atribua a tal atitude discriminação interna ao grupo. Achamos que tal delimita as capacidades de mobilidade dos seus membros na medida em que tudo aquilo que fuja aos cânones tidos por norma ao seu meio será veemente criticado e exposto ao ridículo. Tal atitude de sobrevivência⁷⁹ é facilmente perceptível na nossa observação participante. Neste sentido a comunidade torna-se fechada – pouco permeável às influências externas. Este conservadorismo é constatado de forma manifesta nas suas relações diárias, no papel e no estatuto de cada um dos indivíduos⁸⁰.

Sabemos que as vivências passadas inscrevem-se nas rotinas diárias do presente, ou seja, a memória passada é o que dá vida e sentido a uma determinada comunidade. É nessa perspectiva que interpretamos o facto, sempre potenciador de conflito, de a comunidade *traveller*⁸¹ ter muita relutância em seguir determinadas normas impostas pela sociedade. Exemplifiquemos com a atitude perante o trabalho verificada em *Ballygar* e *Four Roads*. Acrescentando ao que já descrevemos no ponto 3, diríamos que a ética de trabalho, as suas responsabilidades, os horários, no fundo, todo o ciclo e rotina de trabalho são secundários e periféricos nas suas acções. Quando questionados sobre tal atitude é norma ser levantada a questão das relações estabelecidas e discriminações sentidas pelos seus antepassados. Vemos, assim, naquela atitude uma espécie de confronto e de ruptura com os pergaminhos sentidos como impostos (e estranhos) pela comunidade autóctone. Assim, “*a dimensão conflitual da relação social apresenta-se como um sistema de domínio e de contradomínio sobre o que está em jogo na relação. A conduta conflitual é, portanto, uma conduta de pressão sobre o outro actor, quaisquer que sejam os meios usados, destinada a modificar uma situação que não se*

⁷⁹ Parafraseando Luís Capucha, não existe *investimento na mobilidade*.

⁸⁰ O sentido patriarcal nas suas relações diárias ainda está bem presente. Por exemplo, a educação dada aos mais novos é bem definidora do estatuto social dos rapazes. Comparativamente às raparigas, aqueles têm muito mais liberdade no seu quotidiano. Casos há em *Ballygar* de jovens que não têm autorização por parte dos pais para saírem do distrito de *Galway*, ou mesmo da vila de *Ballygar*. Tal facto também foi constatado quando foi organizado um *Youth Exchange* a Toulouse, França. A hipótese de convidar duas jovens da comunidade foi logo posta de parte. Assim, foram dois rapazes da comunidade *traveller* e duas raparigas da comunidade autóctone.

⁸¹ Obviamente esta anotação cinge-se às nossas observações diárias e ao longo de mais de um ano nas vilas de *Ballygar* e *Four Roads*.

julgue satisfatória. Esta pressão pode ser mantida e ter momentos fortes, mas não pode comprometer o mínimo de participação necessária para o funcionamento da organização em que os actores cooperam” (Quivy, Campenhoudt, 1998, p.129).

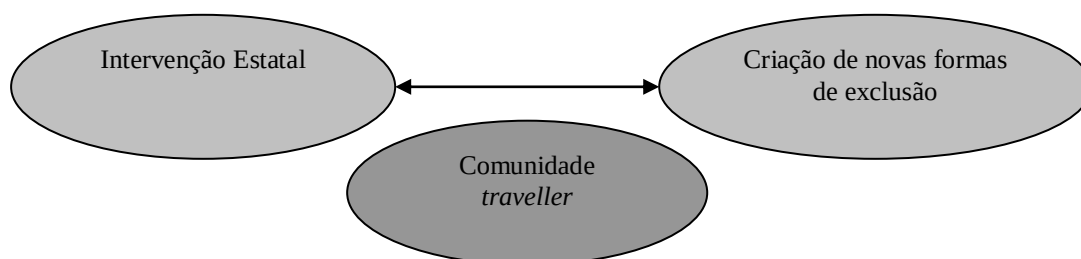
Esta constatação vai ao encontro da fraca importância atribuída quer à escola quer ao trabalho como meios legítimos de progressão ou, se se quiser, modo de vida. Em *Tuam*, na organização *Western Traveller and Intercultural Development*, os entrevistados têm consciência que tal será uma batalha ainda a ser travada. Há a noção que muitos dos membros da comunidade *traveller* secundarizam aquelas formas de distribuição de privilégios tendo, desta forma, maiores dificuldades em se afirmarem numa sociedade competitiva e terciarizada como aquela em que vivemos nos dias de hoje. A questão que aqui se coloca é: que alternativas criar ao seu modo tradicional de fazer comércio quando este último parece estar cada vez mais moribundo e sem perspectivas que se adaptem ao meio circundante? A intervenção estatal pode ter aqui um papel importantíssimo, criando redes e espaços para aquela forma de compra e venda de artigos (principalmente as feiras, mas não se cingindo exclusivamente a estas), mas pensamos que o futuro não parece optimista na medida em que, por exemplo, as grandes superfícies ganham um espaço de manobra e de conquista de mercado que era impensável a uma geração atrás. Assim, a cultura desta comunidade esbarra com as novas formas de mercado e em sentido lato, a economia. Afastados e estranhos a esta, a comunidade *traveller* está como que num conflito interno de perpetuação dos seus modos de vida e, por outro, adaptação ao novo contexto. Uma leitura atenta às entrevistas bem como a observação participante leva-nos a ter esta ideia, na medida em que há grande conflitualidade interna e mesmo intenso controlo social perante os indivíduos que ultrapassem as fronteiras estabelecidas previamente e que demarcam quem pertence e se identifica ao grupo.

Comparativamente às minorias imigrantes, por exemplo, a comunidade *traveller* está numa posição ainda mais frágil. Aquelas tendem a se integrar funcionalmente (integração na esfera da produção, mesmo que não haja integração a outros níveis – cultural, ecológica e o não usufruto dos direitos cívicos), enquanto que esta última, como constatamos, tem muita relutância em fazê-lo.

O quadro 5 expõe os pontos de encontro e as fissuras tidas entre a comunidade *traveller* e a comunidade autóctone. Obviamente, é uma tentativa de entendimento simplificado de uma realidade muito mais complexa e que vai até aos valores, normas e atitudes que não nos foi possível identificar. No entanto, a revisão de literatura bem como os entrevistados três e oito afluam algo que não é muito discutido diariamente: a grande proximidade e espírito de ajuda que existia entre ambas as comunidades até há 40 ou 50 anos

a esta parte. A República da Irlanda, até meados do século XX, era predominantemente agrária e pobre. Nesse contexto, a possibilidade de entre-ajuda seria certamente maior⁸². Algumas das actividades lembradas pelos nossos entrevistados, como a compra e venda de cavalos ou trabalhar o ferro, eram, nessa época, preciosas para a comunidade autóctone, pois desempenhavam uma *função manifesta*. Nesse sentido, valorizavam-se essas formas de comércio que, entretanto (quer pela terciarização, mecanização, emigração e maior enfoque pela via académica), perderam a sua razão de existir, pois já não tinham valor de troca para a sociedade em geral. Aliado a isso e como já verificamos, a comunidade *traveller* não valorizou estas novas formas de ser e estar criando, desta forma, um fosso cultural que é interiorizado pelas novas gerações (e não só, obviamente) como inultrapassável. Por outro, entendemos que o apoio estatal (*Welfare State*) veio agravar as atitudes de racismo perante a comunidade na medida em que esse mesmo apoio trouxe para a mesa de debate a injustiça (na perspectiva da comunidade autóctone) de dar benefícios a certa camada societal que, em retorno, não contribui, por exemplo, com o devido pagamento de impostos. Esse é um debate (aliás, presente em toda a Europa) que terá que acontecer, aonde, provavelmente, será redefinida a forma de intervenção por parte do Estado. Vejamos o que nos afirma a entrevistada onze:

- *“They need to start working. They need to start having jobs and they need to start paying taxes and then be respected cause that’s what the general population think. General population think that they don’t work and they just get medical cards and get everything for free (...) Like, with a young couple who is paying a mortgage, paying for their school books, they have no medical card and can’t afford to go to the doctor themselves, then they see this family living beside the road who don’t go to work, have everything the same as they do... there’s going to be resentment cause you’re gonna think ‘this is really unfair, I have no disposable income, can’t afford to go to the doctor but yet this family beside me have’ (...) it goes back to economics and it goes back to money... and unfortunately that what it comes down to, what you can contribute back into society.” (P9)*



⁸² Obviamente, até certo ponto existe romantização. No entanto, acreditamos que a pobreza então vivida, bem como as actividades económicas exercidas aproximavam ambas as comunidades, visto terem necessidade de estabelecerem relações económicas para usufruto e proveito próprio.

Novamente voltamos à questão primordial (já levantada pelo entrevistado dez) da criação de dependência e subordinação. Estamos em crer que esta será a hipótese explicativa que fez agravar a relação entre ambas as comunidades. Por outro, questionamo-nos até que ponto esta dependência não castra a capacidade de reivindicação e, no fundo, exercer os seus direitos e deveres enquanto cidadão. Relembremos que aquela dependência é perpetuadora da passividade nas suas relações diárias. Deste modo perspicaz, podemos afirmar que existem nítidas formas de assimilação, exercendo-se sobre o indivíduo *traveller* uma nova forma de controlo e de estigmatização social. Neste sentido, compreendemos que a romantização do passado tem a pobreza, mas também tem a liberdade. Há, por um lado, o viver na berna da estrada e sem sítio certo para dormir, mas, por outro, permite a criação de convivialidades bem como a procura de um novo mercado para os seus bens – o nomadismo deve-se, em parte, a esta necessidade auto-imposta de sobrevivência. Concluindo o nosso raciocínio, estamos aqui perante a mais real *função latente* das políticas de inclusão social por parte do Estado irlandês – a criação de uma maior divisão social entre ambas as comunidades.

Já muito se falou sobre a inclusão social, parecendo, por vezes, um grande chavão que cobre uma enormidade de acções e medidas. Achamos que devemos fazer aqui um breve esclarecimento. Para aquela medida acontecer há que haver obviamente exclusão social. Como já apontamos no capítulo I, a exclusão social resume-se a um *déficit* nas relações quotidianas nos seus diferentes sistemas sociais. Estes estão em permanente ebulição e negociação. Ora a acção estatal descrita acima tem a morfologia de ser mais uma tentativa de combater a pobreza (que, por ventura, afectará mais facilmente a comunidade *traveller*) do que propriamente a exclusão social, pois, como vimos, o Estado contribui para a criação de novas formas de exclusão. Entendemos assim que mesmo tendo certo poder económico (ou seja, a capacidade de sair da pobreza imediatamente visível) um membro da comunidade *traveller* terá, tendencialmente, maior dificuldade de mobilidade nas diversas redes sociais que, como sabemos, são importantes para a atribuição de um estatuto social a determinado indivíduo.

Uma questão que somente abordamos lateralmente foi o reconhecimento (ou não) desta comunidade enquanto minoria étnica. Parece-nos que é um debate em que a República da Irlanda não poderá se esquivar, mas, ao mesmo tempo, vemos relutância nessa direcção de confronto de ideias. Obviamente há argumentos válidos em ambos os pontos de vista, mas constatamos que a própria comunidade *traveller* está bastante dividida quanto ao rumo a tomar. Por exemplo, tal reconhecimento traria maior protecção em caso de discriminação,

mas, por outro, esse era o reconhecimento formal de que efectivamente a comunidade *traveller* (fruto dessa criação artificial da diferença) não possuía os mesmos direitos de cidadania que o comum irlandês. Nas palavras do entrevistado dez, tal criaria ainda maior divisão social.

Compreendemos que a questão sobre tal reconhecimento é de âmbito nacional. A organização *Western Traveller and Intercultural Development* parece não ter opinião formada, dando assim a entender que este é um debate ainda embrião na sociedade irlandesa. As principais matérias de que a W.T.I.D. se ocupará dirão respeito a aconselhamento em diferentes tópicos tais como a saúde, discriminação, alojamento e educação – apontadas como áreas chave para a melhoria das condições de vida da comunidade *traveller*. Ao mesmo tempo é referido que a organização permite o crescimento pessoal e profissional dos seus membros. Assim, podemos perspectivar que a W.T.I.D. é interiorizada como um espaço que, para além de permitir o desenvolvimento das capacidades humanas, permite a construção de metas que vão além do imediatismo tão presente nesta comunidade. O facto de incentivar a progressão dos estudos bem como o estabelecimento de redes de interconhecimento corroboram essa ideia.

Maioritariamente, as organizações *traveller* tiveram a sua implementação através de iniciativas vindas da comunidade autóctone. Não foi o caso da *Western Traveller and Intercultural Development*, mas demonstra até que ponto o imobilismo dificulta as acções concertadas para este fim – tal já referido pelo entrevistado dez. A falta de espírito de iniciativa e capacidade de liderança retira a esta comunidade todo um potencial que poderia ser maximizado a ponto de a sua voz ter comando nalgumas decisões que lhe dizem directamente respeito.

A adicionar tal lacuna está a relação estabelecida com o próprio Estado. Como sabemos, até certo ponto o Estado delega a organizações e associações certas responsabilidades e deveres para com as comunidades locais. Essa situação obviamente cria dependência face ao próprio Estado. Assim, este delega, mas controla. Tal facto é apontado pelo entrevistado dez, afirmando que a W.T.I.D. está constantemente a preencher aplicações à procura de subsídios vindos por parte do Estado, mas não só. Como afirma, “*we can’t help ourselves. We’ve no core funding here. We don’t have a big pot of money that we can tap into annually. We don’t. Every year and every project that we run, we have to make an application for that funding. So we’re constantly asking for help. If a problem shows it’s head up, we have to constantly find money for that in order to deal with it. But the problem has landed and it’s developed into a different stage by the time it’s identified...*” (P6)

A W.T.I.D. tem uma relação muito próxima com o público alvo. Tal constitui-se numa mais valia a que se adicionará o facto de muitos dos seus colaboradores saberem o *background* porque de pertença ao mesmo grupo comunitário. Pensamos que aqui está um ponto crucial de criação de pontes – relembremos que o próprio presidente da W.T.I.D. é *traveller*. Esta morfologia da organização permite um estabelecimento comunicacional mais amplo aonde, simultaneamente, o grupo alvo não se sentirá impingido a tomar determinada direcção veiculada pela sociedade em geral. Assim, tal representação própria permite, estamos em crer, um programa de inclusão social mais pacífico – no sentido em que uma liderança veiculada pela comunidade autóctone será mais facilmente percepcionada como imposta.

A crise financeira sentida nestes dois últimos anos impôs uma reavaliação das medidas a serem accionadas a médio/longo prazo. A necessidade de haver participação activa por parte do grupo alvo parece ganhar ainda mais relevo, pois a W.T.I.D., no seu plano de actividades 2010-2014, assume-se mais como coordenadora do que propriamente actor de acção. Como já referenciado esse papel deve ser, paulatinamente, interpretado pelo grupo alvo e não pela organização *Western Traveller and Intercultural Development*. Só assim se compreenderá que a comunidade *traveller* possa ser o actor da sua própria história. A coordenação por parte da W.T.I.D. será em cooperação com outras organizações e instituições governativas, ganhando assim preponderância a necessidade basilar de harmonização de ideias veiculadas por ambas as comunidades, pois sabemos que a política de inclusão social passa por aí – programas e projectos que tentam chamar à mesa ambos os pontos de vista.

Os elementos da comunidade autóctone que colaboram na W.T.I.D. afirmam que já detectaram melhorias a diferentes níveis – educação, habitação, saúde, maior facilidade de empréstimos bancários, emprego e empreendedorismo. No entanto, parece que o caminho ainda será longo. Vejamos que o *Welfare State* criou uma nova abordagem discriminatória contra esta comunidade. As ajudas estatais são automaticamente estigmatizadas enquanto facilitadoras de um modo de vida que a sociedade em geral não compactua. Assim, de certa forma, o trabalho elaborado pela W.T.I.D. é secundarizado perante esta negatividade que envolve certas políticas sociais que, segundo a grande maioria dos indivíduos, não envolve retorno nem tão pouco um compromisso de pró-actividade por parte de quem as beneficia. Pensamos estar aqui o principal *handicap* que condiciona a acção da *Western Traveller and Intercultural Development*.

Conclusões

A comunidade *traveller* atravessa, como vimos, um processo de luta interna e externa como forma de valorização da sua própria identidade, sendo, por ventura, o principal mecanismo da sua sobrevivência enquanto grupo. Por outro, esta comunidade estabelece predominantemente matrimónios entre os seus pares, tornando-se, desta forma, um grupo fechado face ao exterior. Esta conduta leva a que alguns dos elementos de pertença ao grupo a acusem de ser conservadora e implacável perante a diferença e a abertura cultural.

Tendo uma concepção da realidade mais imediatista que a sociedade em geral, a comunidade *traveller* valoriza o espaço circundante de uma forma diferente, aonde, por exemplo, o esforço dispensado à valorização escolar é visto como impróprio ou desapropriado à sua morfologia cultural. Dessa forma explica-se, em parte, a dificuldade em alcançar um determinado emprego que atribua certo prestígio social. Por outro, e como constatamos na nossa pesquisa, essa não é a ambição do *traveller*. Existe, assim, uma valorização diferenciada no que ao sucesso e ao emprego com prestígio diz respeito. Mais uma vez estará aqui presente a componente de sobrevivência da cultura *traveller*, pois esta não vê como necessária o dispêndio de anos de estudo para determinada posição, tendo em conta que será mais importante pensar no aqui e agora.

Toda esta concepção afasta-a da cultura *mainstream* do mundo ocidental e ao qual a sociedade irlandesa está impregnada. Este desfasamento poderá ser explicado pelas mudanças rápidas verificadas na comunidade autóctone e ao qual a comunidade *traveller* não acompanhou. Assim, cresceu o espaço de diferença e a crispação, por ventura, evoluiu do mesmo modo. A intervenção estatal teve aqui papel preponderante, pois certas políticas sociais (por exemplo, o subsídio dado às famílias pelo seu número de filhos ou o montante recebido por cada jovem que abandona a escola até aos 18 anos) permitiram que as relações entre ambas as comunidades entrassem numa fase de choque crescente. Aquelas políticas trazem o estigma a quem as acolhe, pois estes são vistos como dependentes e passivos. Deste modo, fazemos a leitura de uma subordinação perante o poder do Estado. Esta conduta de nível nacional condiciona as reais capacidades de acção da organização *Western Traveller and Intercultural Development*. Pensamos que os seus mais de 25 anos de actividades esbarram naquele estigma criado pela intervenção estatal, bem como pela dependência da

própria face ao Estado, pois está permanentemente dependente de subsídios vindos deste último⁸³.

A universalização da cidadania tornou-se, até certo ponto, mais um problema que uma solução. Ou seja, como tais direitos foram se institucionalizando acompanhando as reivindicações da classe trabalhadora, no jogo de forças entre esta e o capital, estabeleceu-se uma graduação no acesso a tais direitos, resultando, nesta medida, em uma hierarquia dos sujeitos assistidos pelos mesmos. A disputa pela permanência no mercado de trabalho é, assim, uma forma de controlo social, aonde a exclusão estende-se a campos sociais mais vastos que a participação na vida do trabalho. Há consequentemente uma espécie de negação da *sujeiticidade* – anulação do ser humano enquanto sujeito. A injustiça, para além de económica e material, torna-se simbólica. Os problemas inerentes a esta caracterizam-se por *“hostilidade, a invisibilidade social e o desrespeito que a associação de interpretações ou estereótipos sociais reproduzem na vida cotidiana ou institucional. Este tipo de comportamento implica no prejuízo da auto-estima de indivíduos e grupos, mediante processos intersubjetivos”* (Lopes, 2006, p.16). Deste modo, a relação entre factores económicos e não económicos torna-se fundamental na produção da vida social.

Segundo *Rosanvallon* (1995) o Estado precisa ser requalificado para garantir o direito dos sujeitos excluídos a viverem em sociedade (Lopes, 2006, p.18). Aquele autor afirma que há que pensar para além da acção estatal segundo a teoria da dívida social produzida nas relações capital x trabalho, pois esta produz direitos passivos, uma relação de dependência e sujeitos subordinados. Há, pois, que buscar a via de uma relação recíproca de indivíduo com a sociedade, ou seja, que estabeleça a participação do sujeito como um imperativo cívico. É neste modo que percebemos que a ajuda estatal (um direito do sujeito excluído) deverá ser equilibrada, ou seja, inseparável de certas obrigações dos indivíduos para com a sociedade – um movimento de efectiva ressocialização. Mais do que a igualdade busca-se a equidade. O dever de implicação-participação é, assim, segundo as singularidades de cada indivíduo. Esta visão da realidade pressupõe uma dinâmica em que os indivíduos assumem-se como cidadãos activos no contexto societal. Como afirma o entrevistado dez, *“if we have 30,000 people and 10,000 of them are able to be part of the workforce and they don’t have a job, that community itself is all the time constantly suffering. It’s constantly – there will never be any social integration. There will never be any social*

⁸³ Reivindicação pelo fundo público que investe em políticas sociais orientadas para as novas problemáticas da vida social. É exactamente neste campo que se relacionam todo um conjunto de organizações não-governamentais, com objectivos e áreas diversas de actuação e representação de determinado segmento social. Existe uma desobrigação aparente por parte do Estado, pois este, muitas vezes, acaba por tutelar essas mesmas organizações, aonde estas reproduzem as funções institucionais no trato com os indivíduos a que se dirigem os projectos.

acceptance because you're always relying on the state to hand you out money (...) They're not promoting ordinary employment – not serious jobs, not serious employment – ordinary, everyday acts of employment, like sweeping the street, ordinary jobs that anybody can do. That you don't need a serious education for. You don't need a science degree. And yet, the job opportunities are there, but yet members of the travelling community won't get them.” (P8) E por fim atira, “how else can you make people responsible or make them inclusive in a community, without giving them responsibility to become part of it?” (P15) Deste modo concreto compreende-se a afirmação da entrevistada nove ao apontar toda a multidimensionalidade do factor trabalho, “if you're never going to be employed... you know you'll never see the other side of life if you don't get wages or if you meet socially with people and you integrate a lot more with people outside your work place... you're fulfilled in some way, you know? But if your fulfilment is to get up in the morning, collecting social welfare, coming home, sitting round the house all day with wife and family and kids... that thing it can't be good for your health.” (P10) “And it's not good for any family relationship either.” (P11)

No que diz respeito ao nosso trabalho de terreno, pensamos que o Estado tem uma maior preocupação com o factor pobreza, enquanto que a W.T.I.D. dedicará o seu esforço a um processo de inclusão social. Os seus programas nos domínios estabelecidos como essenciais para que tal aconteça demonstra-nos a multidimensionalidade do problema. Educação, representação, emprego, habitação e saúde são áreas em que existe um *déficit* de inclusão por parte da comunidade *traveller*. O facto de grande parte dos colaboradores da W.T.I.D. ser membro desta comunidade facilita as vias de comunicação, pois têm o mesmo *background* cultural. Por ventura, residirá aí a sua maior mais-valia. Vejamos o depoimento da entrevistada três, “when I was younger... there was no – no one to speak for travellers. No one actually stood up and spoke out for travellers. And there was a lot of discrimination in the education, accommodation, health care (...) There was no work you could do. And I get involved in the organisation then – first it was the primary health care, which I was always interested in health in the traveller community in the young generation, the older generation. And, to get to know the other services out there available. You know, more connection... (...) To try and speak up for travellers because travellers... I know they're, they're – some travellers are, they like someone to do the work for them – to speak up for them. They are too shy to speak because that was it years ago they weren't allowed to talk up. So, I think that's why I got...” (P1)

De uma perspectiva exterior surge-nos a pergunta de como incluir um grupo que, pela sua natureza cultural, parece imutável aos pergaminhos tidos como indispensáveis na sociedade Ocidental. Como incluir uma comunidade que não tem e não vê no trabalho e na educação ondas de choque capazes de as levar mais além? Como é que uma comunidade que vive à base de um determinado tipo de comércio em vias de extinção ou, se se quiser, muito marginalizado nas franjas da sociedade, como é, repetimos, que esta comunidade vai adaptar-se sem perda de algumas partículas culturais ou mesmo partes substanciais desta? A economia

está em constante ebulição, a adaptação, até certo ponto, é indispensável. A comunidade *traveller* depara-se com um problema chave: o que fazer em face de uma sociedade global que já não vê na sua base de comércio artesanal e tradicional uma forma corrente de transacção? Por outro lado, como defender a cultura milenar neste novo contexto em que não dá espaço de manobra a estas particularidades? Pensamos que um dos problemas chave figura-se pela paulatina dificuldade da comunidade *traveller* imaginar espaços de criação alternativa. Expliquemos.

A sua forma de comércio (predominantemente feiras, mas não só) é cada vez menos solicitada pelo cidadão comum (da mesma forma o comércio tradicional está a ser completamente abafado pelas grandes superfícies comerciais), assim sendo, como contornar o problema? Se as feiras (ora por ilegalidade, ora por perda de interesse por parte do cidadão) não atraem dividendos suficientes para o sustento familiar e que permitam a continuidade da mesma prática, que nova direcção então tomar? Pensamos que aqui estará uma pergunta chave ao qual ninguém poderá se esquivar.

O mercado (cada vez mais globalizado e globalizante) é paulatinamente menos dominado pelos Estados, tendo uma componente imutável pelas formas de lucro. Nessa aparente fatalidade os indivíduos (quer isoladamente quer colectivamente) tentam formas de luta e de reivindicação. Aquilo que nos parece sublimar é a constante adaptabilidade (num jogo de forças desiguais) com que as sociedades Ocidentais fazem face às regras do jogo económico. Nesse sentido, diríamos que, provavelmente, a comunidade *traveller* é das que mais resiste ao contexto exterior. Como afirma o entrevistado oito, “*I don’t think it will ever be a case where there won’t be travellers in Ireland, you know, I don’t think the government will ever be successful in.*” (P24)

Bibliografia

- ALMEIDA, João Ferreira de; PINTO, José Madureira (1995) – *A Investigação nas Ciências Sociais*. 5ª ed. Lisboa: Editora Presença. 170p.
- ALMEIDA, João Ferreira de; PINTO, José Madureira (2001) – Da Teoria à Investigação Empírica. Problemas Metodológicos Gerais. pp. 55-78 in SILVA, Augusto Santos; PINTO, José Madureira (orgs.) (2001) – *Metodologia das Ciências Sociais*. 11ª ed. Porto: Edições Afrontamento. ISBN: 972-36-0503-1.
- ALVES, Manuel (1994) – As Minorias Étnicas no Concelho de Loures que Comunicação? pp. 201-210 in *Dinâmicas Culturais, Cidadania e Desenvolvimento Local*. Lisboa: APS. ISBN: 972-95945-0-3.
- AULD PAVEE BEOIRS AND GLOKES (2008) – *Emerging Voices of Older Travellers*. Dublin: Pavee Point Publications. ISBN: 978-1897598696. 33p.
- ÁVILA, Mariana (1994) – Indianos em Portugal – Processos de (Re)Construção da Identidade e Estratégias de Integração. pp. 285-297 in *Dinâmicas Culturais, Cidadania e Desenvolvimento Local*. Lisboa: APS. ISBN: 972-95945-0-3.
- Central Statistics Office Ireland disponível na http://www.cso.ie/census/census2006_volume_1.htm
- CAPUCHA, Luís (1994) – Modos de Vida e Cidadania num Bairro Social: o caso do direito à habitação. pp. 189-199 in *Dinâmicas Culturais, Cidadania e Desenvolvimento Local*. Lisboa: APS. ISBN: 972-95945-0-3.
- CHANGING IRELAND (2010) – *The National Magazine of the Local and Community Development Programme*. Limerick. 27p.
- COSTA, Alfredo Bruto da (Coord.) (et al) (2008) – *Um Olhar sobre a Pobreza – vulnerabilidade e exclusão social no Portugal contemporâneo*. Lisboa: Gradiva. ISBN: 978-989-616-253-5. 203p.
- COSTA, António Firmino da (2001) – A Pesquisa de Terreno em Sociologia. pp. 129-148 in SILVA, Augusto Santos; PINTO, José Madureira (orgs.) (2001) – *Metodologia das Ciências Sociais*. 11ª ed. Porto: Edições Afrontamento. ISBN: 972-36-0503-1.
- DIAS, Manuel (1994) – Identidades e Práticas Simbólico-Culturais numa Associação Regionalista: a casa do concelho de Sabugal em Lisboa. pp. 449-469 in *Dinâmicas Culturais, Cidadania e Desenvolvimento Local*. Lisboa: APS. ISBN: 972-95945-0-3.
- DURKHEIM, Émile (1989) – *A Divisão do Trabalho Social*, vol. 1. Lisboa: Presença.
- GROS, Marielle (1994) – Estratégias Identitárias num Território Desqualificado. pp. 471-494 in *Dinâmicas Culturais, Cidadania e Desenvolvimento Local*. Lisboa: APS. ISBN: 972-95945-0-3.
- FERNANDES, José (2003) – *O Associativismo de Pais: no limiar da virtualidade*. Lisboa: Ministério da Educação. ISBN: 972-783-072-2. 324p.
- FUNDAMENTAL RIGHTS & ANTI-DISCRIMINATION (2004) – The Situation of Roma in an Enlarged European Union. Luxembourg: European Commission. ISBN: 92-894-8186-2. 55p.
- GUERRA, Isabel (2006) – *Participação e Acção Colectiva: interesses e conflitos e consensos*. São João do Estoril: Principia. ISBN: 972-8818-75-0.
- GUERRA, Isabel (2008) – *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – Sentidos e formas de uso*. Cascais: Principia. ISBN: 978-972-8818-66-1. 95p.
- GUILLEMIN, Marilys; GILLAM, Lynn (2004) – Ethics, Reflexivity, and “Ethically Important Moments” in Research. pp. 261-280 in *Qualitative Inquiry, volume 10, number 2*.

- GURVITCH, Georges (1979) – *A Vocação Actual da Sociologia*, vol.1. Lisboa: Cosmos.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota (1995) – *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. 4ª ed. Petrópolis: Editora Vozes. ISBN: 85-326-0854-X.
- JOYCE, Nan (2000) – *My Life on the Road*. 2ª ed. Dublin: A. & A. Farmar. ISBN: (PB) 1-899047-58-1. 119p.
- LOPES, José Rogério (2006) – Exclusão social e controle social: estratégias contemporâneas de redução da sujeitidade. pp. 13-24 in *Psicologia e Sociedade*. Maio/Agosto 2006.
- MARKHAM, Annette N. (2007) – Ethic as Method, Method as Ethic – A Case for Reflexivity in Qualitative ICT Research. pp.1-20 in *Journal of Information Ethics*.
- MENDES, Maria Manuela (1997) – Etnicidade cigana, exclusão social e racismos. pp. 207-246 in *Etnicidade, grupos étnicos e relações multiculturais: elementos para a compreensão das relações entre ciganos e não ciganos*. Tese de Mestrado pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- MONTEIRO, Alcides A. (2004) – *Associativismo e Novos Laços Sociais*. Coimbra: Quarteto. ISBN: 989-558-023-1. 331p.
- NATIONAL CONSULTATIVE COMMITTEE ON RACISM AND INTERCULTURALISM (2004) – *The Importance of Recognising Travellers as an Ethnic Group*. Dublin: Ireland Against Racism. Disponível na <http://www.nccri.com>
- PAVEE POINT TRAVELLERS CENTRE (sem-data) – *Pavee Point Travellers Centre*. Dublin: Pavee Point Publications. Disponível na <http://www.paveepoint.ie>
- PAVEE POINT TRAVELLERS CENTRE (2003) – *Dismantling the Traveller Economy?* Dublin: Pavee Point Publications. ISBN: 1-897598-95-5. 25p.
- PAVEE POINT TRAVELLERS CENTRE (2005) – *Assimilation Policies and Outcomes: Travellers' Experience*. Dublin: Pavee Point Publications. 66p.
- QUARESMA, Maria de Lourdes (2004) – Interrogar a Dependência. in QUARESMA, Maria de Lourdes (coord.) (2004) – *O Sentido das Idades da Vida – Interrogar a Solidão e a Dependência*. Lisboa: Edições Cesdet.
- QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, LucVan (1998) – *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 2ª ed. Lisboa: Gradiva. 282p.
- RIAIN, Seán Ó (2000) – *Solidarity with Travellers*. Dublin: Roadside Books. ISBN: 0-9539384-0-9. 116p.
- RODRIGUES, Fernanda; STOER, Stephen (1994) – Acção Local e Cidadania. pp. 175-188 in *Dinâmicas Culturais, Cidadania e Desenvolvimento Local*. Lisboa: APS. ISBN: 972-95945-0-3.
- SARAIVA, António José (2003) – *O que é a Cultura?* Lisboa: Grávida. ISBN: 972-662-901-2. 69p.
- SAÚDE E LIBERDADE (2001) – *Ciganos, números, abordagens e realidades*. Lisboa: SOS Racismo. 389p.
- SEABRA, Teresa (1994) – Cidadania: A Europa e os Emigrantes. pp. 87-96 in *Dinâmicas Culturais, Cidadania e Desenvolvimento Local*. Lisboa: APS. ISBN: 972-95945-0-3.
- SILVA, Augusto Santos (2001) – A Ruptura com o Senso Comum nas Ciências Sociais. pp.29-53 in SILVA, Augusto Santos; PINTO, José Madureira (orgs.) (2001) – *Metodologia das Ciências Sociais*. 11ª ed. Porto: Edições Afrontamento. ISBN: 972-36-0503-1.
- SULTANA, Farhana (2007) – *Reflexivity, Positionality and Participatory Ethics: Negotiating Fieldwork Dilemmas in International Research*. pp. 374-385.

TRAILER (TRAVELLER & ROMA ACTION FOR IMPLEMENTATION OF LEGAL & EQUALITY RIGHTS (2006) – *The Role of Positive Action in Pursuing Traveller and Roma Employment Equality*. Dublin: Pavee Point Publications. 25p.

TRAVELLERS IN IRELAND: AN EXAMINATION OF DISCRIMINATION AND RACISM. Disponível na <http://www.nccri.ie/traveller.html>.

VIEGAS, José Manuel Leite (1986) – Associativismo e Dinâmica Cultural. pp. 103-122 in *Sociologia Problemas e Práticas*. Relógio d'água (1986).

VILAÇA, Helena (1994) – Território e Identidades na Problemática dos Movimentos Sociais: algumas propostas de pesquisa. pp. 401-421 in *Dinâmicas Culturais, Cidadania e Desenvolvimento Local*. Lisboa: APS. ISBN: 972-95945-0-3.

WESTERN TRAVELLER & INTERCULTURAL DEVELOPMENT (2010) – *Western Traveller and Intercultural Development – end of year report 2009*. 17p.

WESTERN TRAVELLER & INTERCULTURAL DEVELOPMENT (2010) – *Western Traveller and Intercultural Development – Strategic Plan 2010-2014*. 23p.

Anexos

Grelha de Observação Participante nas vilas de *Four Roads* e *Ballygar*

Esta grelha define “*de modo muito selectivo as diferentes categorias de comportamentos a observar. (...) O método é particularmente adequado à análise do não verbal e daquilo que ele revela: as condutas instituídas e os códigos de comportamento, a relação com o corpo, os modos de vida e os traços culturais, a organização espacial dos grupos e da sociedade, etc.*” (Quivy; Campenhoudt, 1998, p.198). Por outro lado, sabemos que a formalização estanque da grelha de observação facilita a interpretação, mas, na mesma medida, o mecanicismo poderá imperar perante a riqueza e a complexidade do fenómeno em estudo.

Dimensões de observação constatadas ⁸⁴	
Desconfiança*	Algo constatado com grande regularidade é a nítida <i>desconfiança</i> com que os três elementos da comunidade <i>traveller</i> acatam uma decisão, uma opinião, um parecer, um ponto de vista vindo da minha parte ou da comunidade autóctone. Esta relação de <i>desconfiança</i> (compreensível pela história que os une e os separa) torna, por vezes, o conflito verbal e o desconforto quase inevitável. Por exemplo, certo dia mostrei-lhes uma fotocópia com um desenho que abordava a questão da cooperação em vez do conflito. Esse desenho mostrava, em diferentes etapas, como dois burros a fazerem força para o mesmo lado teriam toda a possibilidade de encontrarem alimento. Tal não aconteceria se cada um fizesse força para cada um dos lados. Imediatamente sentiram-se ofendidos e afirmaram que não eram <i>donkeys</i>. De nada serviu afirmar que também eu tinha aquele desenho no meu escritório e que todos os que trabalhavam no <i>Resource Centre</i> não se sentiam ofendidos pelos <i>traços irónicos</i> com que se passa a mensagem da cooperação em vez do conflito. Ou seja, nos mais pequenos detalhes ou actos de comunicação vêm formas imediatas de se sentirem ostracizados, vítimas de gozo ou menosprezados. Esta relação é aprofundada no corpo de texto.

⁸⁴ Estas pequenas observações são fruto da minha relação profissional, e diária, com três elementos da comunidade *traveller*. Tiveram lugar, predominantemente, no terreno aonde desenvolvemos um projecto de jardinagem orgânica, em *Four Roads*.

Esconder a Identidade*	<i>Esconder a identidade</i> faz parte da vida quotidiana da comunidade <i>traveller</i>. Aonde há essa possibilidade preferem fazê-lo como forma de negociação pacífica das interacções com a sociedade autóctone. Compreensível (por exemplo, para aceder a um <i>Pub</i> ou a algum evento público) esta atitude de retraimento e de vergonha contida quando sabem que lhes será negado certos prazeres e lhes será redobrado a atenção no sentido de recriminação. Tal atitude foi verificada quando dois jovens <i>traveller</i> participaram num <i>Youth Exchange</i> que decorreu em Toulouse, França. De notar que, quando no seu espaço próprio de interacção e na sua zona de conforto, mostram orgulho na sua cultura e nas suas vivências e tradições. Numa atitude de confronto ou de <i>pay back</i> exageram as suas atitudes e aprofundam mesmo aquele determinado comportamento que é criticado pela população em geral. Claro está, esta atitude (provocatória aos olhos da comunidade autóctone) serve para fortalecer os laços de união cultural e de identidade entre os elementos da comunidade <i>traveller</i>. Verificou-se que esta atitude geralmente serve para afastar ainda mais as duas comunidades, pois certas atitudes (como colocar a música em alto volume no carro, a linguagem vernácula e provocatória para com o sexo oposto, ou o riso fora de contexto) são vistas como puras regras de má conduta e má educação. Ou seja, confirmam, nos seus actos de comportamento, as condutas recriminadas pela população autóctone.
-----------------------------------	--

Mentira e o <i>jogo do Gato e do Rato</i>**	No que diz respeito à minha função no <i>Resource Centre</i>, sou <i>manager</i> de um pequeno projecto de jardinagem orgânica que envolve a directa participação de três elementos da comunidade <i>traveller</i>. Constata-se que a ética do trabalho é algo estranho às suas atitudes. <i>O jogo das mentiras e do gato e do rato</i> (na medida em que tentam escapar, por exemplo, um par de horas da zona de trabalho, ou afirmam ter feito algo que realmente não fizeram, ou tentar saber o meu horário de trabalho para assim saírem do trabalho sem o meu consentimento) é algo vivenciado com grande regularidade e podemos mesmo afirmar que este <i>jogo</i> alimenta-lhes o ego, na medida em que, se bem sucedido, proporciona-lhes prestígio enquanto indivíduo que conseguiu sair-se bem numa atitude que é condenável pelos cânones tidos como os mais indicados. De referir que o facto de serem <i>apanhados em flagrante</i> não lhes incutir nenhuma espécie de arrependimento ou vergonha pela atitude errônea. Quando muito há a lamentação de lhes ser retirado certo montante no próximo cheque. Denota-se que, quando <i>apanhados em flagrante</i>, há normalmente a tentativa de realçar que eu é que não deveria estar ali, ou seja, torno-me no culpado pela conduta de <i>fuga ao trabalho</i>.
Cultura da Sobrevivência*	Não demonstram ter uma perspectiva para o depois do amanhã. Esta <i>cultura da sobrevivência</i>, explicada no corpo de texto, é verificada, por exemplo, com a falta de planos para o futuro, a inexistência ou a pouca preocupação com qualquer forma de poupança ou a constante facilidade em que colocam o trabalho bem como as suas responsabilidades inerentes fora do topo das suas prioridades enquanto indivíduos.
Falta de Pró-Actividade e Ambição**	Explicada em parte pela <i>cultura da sobrevivência</i>, a <i>falta de sentido pró-activo e ambição</i>, na medida em que não demonstram objectivos concretizáveis a médio-longo prazo e que vá para além daquilo que são os predicados tidos por norma na cultura <i>traveller</i>. Em parte, tal atitude é devido ao facto de serem criticados e marginalizados pela sua própria comunidade se forem além daquilo que lhes foi incutido pela primeira socialização.

Individualidade**	Constata-se que os jovens da comunidade <i>traveller</i>, de um modo geral, não praticam desportos colectivos, preferindo, quando muito, o boxe ou o karaté. Os desportos nacionais por excelência, o <i>hurling</i>, o futebol irlandês (fazendo, em conjunto, a associação <i>Gaelic Athletic Association</i>.- G.A.A.) e o <i>Rugby</i> não são de grande referência. Tal explica-se por duas razões principais: 1, as crianças <i>traveller</i> experimentam, muitas vezes, diferentes formas de gozo e de marginalização pelos jovens autóctones. Tal acontece nos espaços comuns de socialização, tais como a escola e os centros de treino e prática de desporto. 2, a cultura <i>traveller</i>, como de sobrevivência, incute muito a luta corpo a corpo como forma de resolução das suas disputas, sendo, nesse sentido, os desportos individuais os que mais se adequam a essa função, tornando-se, deste modo, os mais procurados. Verificamos que, por exemplo, um pai (de 42 anos) incentivou (para não dizer obrigou) o seu filho de 14 anos a disputar um campeonato de boxe quando tinha a mão partida. Um outro caso presenciado foi a de um pai a conduzir a baixa velocidade e a obrigar os seus dois filhos (menores de 10 anos de idade) a correr atrás do automóvel. Tal, segundo parece, era um exercício. Assim, percebe-se a importância de tais desportos na comunidade.
Cultura da masculinidade*	A forma de abordar o corpo feminino; as piadas; a linguagem vernácula; a noção de trabalho masculino (ligado ao corpo e à musculatura – inculcador de prestígio social); o conservadorismo em relação à mulher <i>traveller</i> (esta não podendo ter namorado ou uma relação de afectos anterior ao casamento); as críticas ferozes em relação àqueles que têm uma orientação sexual que foge à norma; o homem como chefe de família. Todos estes <i>itens</i> leva-nos a constatar que existe uma <i>cultura da masculinidade</i> no sentido em que preservam as formas tradicionais que lhes foi inculcada na primeira socialização.

Formas de religiosidade**	O acto de se benzer é muito frequente. Atitudes de religiosidade marcam passo conjuntamente com uma linguagem vernácula. Por vezes, torna-se difícil perceber a diferença entre o bem e o mal, o bom e o mau, no sentido em que ambos se entrecruzam tornando ilegível a sua leitura. A religiosidade e a crença absoluta na igreja católica é vivida nos seus principais actos – missa ao domingo, feriados religiosos, páscoa e época de natal. Sendo a religião católica a predominante em ambas as comunidades, constata-se que a comunidade <i>traveller</i> demonstra maior fé na sua doutrina.
Vergonha de certas actividades**	Denota-se que existe conflitualidade interna à comunidade <i>traveller</i>. Rivalidades antigas entre famílias, dificultando as relações mesmo entre irmãos – que, entretanto se casaram com elementos de outras famílias. Esta efervescência relacional leva a que, por exemplo, os três elementos da comunidade se esquivem e escondem as suas funções no dia-a-dia. No projecto de jardinagem orgânica há a produção de ovos e logo de galinhas. Tal é factor de vergonha. Temendo o apelido que se poderia arrastar pelas suas vidas, <i>chicken</i>, escondem tal, mas o curioso é que o fazem muito mais vigorosamente em relação à sua própria comunidade, ou seja, esta vergonha é circunscrita à comunidade <i>traveller</i>. Tal deve-se às diferentes formas de controlo social interna ao grupo que criticam e expõem aqueles que saem (neste caso, trabalho tradicionalmente não conotado à comunidade) da zona de conforto previamente definida pela própria comunidade.

Romantização do passado**	Sabemos que a memória é selectiva, tanto individualmente como de grupo. Neste caso, constata-se que existe romantização do passado, na medida em que o discurso tende a conectar os tempos difíceis à liberdade oferecida para a mais elementar necessidade do ser vivo, a sobrevivência. A fome, a miséria, o frio, a falta de condições mínimas de habitabilidade são factores secundarizados em nome da camaradagem comunitária e de entre ajuda. Quando falamos de há 40 ou 50 anos atrás, sem ajudas governativas, a comunidade seria mais coesa e aonde havia espaço para o desenvolvimento das suas actividades tradicionais. Lembremos que a República da Irlanda era, até aos inícios dos anos 80, um país pobre no contexto europeu de então. Assim, entendemos esta glorificação do passado dos seus ancestrais.
---------------------------	---

* Dimensões predefinidas à partida

** Dimensões definidas no decurso da observação participante

Dimensões de observação constatadas ⁸⁵	
Iliteracia*	Constata-se, com grande regularidade, que a geração acima dos 40 anos de idade tem um índice de literacia muito baixo. Verificado, por exemplo, no pedido de ajuda para fazer um telefonema – aonde não sabem digitar os números nem, tão pouco, descortiná-los na lista telefónica. Em outras acções diárias, constata-se que a leitura de documentos de informação para benefício pessoal requer, muitas das vezes, ajuda por parte de um dos elementos que trabalha no <i>Resource Centre</i> .
Passividade**	Talvez interligado com a componente anterior. Compreende-se que, numa sociedade avançada, a capacidade de interpretar mensagens escritas bem como a necessidade de leitura de documentos torna-se imperial. Não possuir tais capacidades torna-se, na prática, um excluído, na medida em que terá fortes dificuldades em aceder aos mais diversos <i>itens</i> expostos pela sociedade – info-exclusão. Assim, compreende-se que tal origine retraimento no sentido de aprendizagem.
Depressão?***	O facto de parte substancial dos indivíduos da comunidade <i>traveller</i>

⁸⁵ Estas observações devem-se ao contacto esporádico, mas usual, enquanto membro que dá apoio no *Family Resource Centre*, em Ballygar. O centro familiar fica mesmo no centro da vila.

	(especialmente do sexo feminino), que recorrem ao <i>Resource Centre</i>, receberem apoio psicológico não nos passa despercebido. Extravasando a variável idade denota-se que tanto jovens na idade dos 16/18 anos ou acima dos 45 anos sofrem de diferentes formas de depressão. Descortinamos três possibilidades de leitura que não se excluem mutuamente: 1, a mulher, dentro da própria comunidade e mesmo no seio familiar, é mais recriminada e controlada pela socialização paternalista, fazendo com que, deste modo, tenha menor capacidade de resposta e de execução das suas ambições; 2, a cultura da masculinidade perpetuada no meio <i>traveller</i> origina a que, por vergonha ou ignorância, o homem não aceda àquele tipo de apoio; ou 3, o facto de a comunidade <i>traveller</i> ser marginalizada e estigmatizada pela comunidade autóctone origina a que um certo número de indivíduos daquela comunidade esteja mais exposto e vulnerável a doenças de foro psicológico.
Não atendimento nos Pubs de Ballygar**	Ballygar tem seis Pubs (<i>Public Houses</i>), mas a comunidade <i>traveller</i> só é servida num deles. Como o cosmos, não se consegue descortinar a origem de tal (pois se a comunidade autóctone diz que a comunidade <i>traveller</i> é desordeira e violenta tendo, muitas vezes, atritos dentro dos próprios estabelecimentos, a comunidade <i>traveller</i> dirá que tal se deve ao facto de não ser servida ou se o ser constatar nítidos comportamentos discriminatórios perante si própria).
Casamento intra-comunitário**	Constata-se que os elementos da comunidade <i>traveller</i> casam-se entre si. Esta aproximação entre famílias (consanguinidade entre primos de primeiro e segundo grau, por exemplo) leva a que haja uma maior percentagem de crianças portadoras de deficiência e com maior grau de dependência. Aqui poderá estar uma forma de sobrevivência grupal ao qual quem tiver um comportamento divergente (casamento inter-comunitário) será fortemente criticado e marginalizado (mesmo pelos seus próprios ascendentes directos).

* Dimensões predefinidas à partida

** Dimensões definidas no decurso da observação participante